



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**METAS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS
MATERNAS NA CRIAÇÃO DE FILHOS
EM DIFERENTES CONTEXTOS
SOCIOECONÔMICOS**

Maria Vitória de Carvalho Moinhos

Salvador – Bahia

2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA VITÓRIA DE CARVALHO MOINHOS

METAS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS MATERNAS NA
CRIAÇÃO DE FILHOS EM DIFERENTES CONTEXTOS
SOCIOECONÔMICOS

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal da Bahia
como requisito parcial à obtenção
do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia
do Desenvolvimento

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eulina da
Rocha Lordelo

Salvador
2005

M712 Moinhos, Maria Vitória Carvalho.

Metas, estratégias e práticas maternas na criação de filhos em diferentes contextos socioeconômicos / Maria Vitória Carvalho Moinhos. – 2005.
143 f : il.

Orientadora : Profa. Dra. Eulina da Rocha Lordelo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Mães e filhos. 3. Mães – psicologia. 4. Cultura - aspectos sociais. 5. Maternidade – aspectos psicológicos 6. Socialização. I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. II. Título.

CDD – 155.646 3

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

METAS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS MATERNAS NA CRIAÇÃO
DE FILHOS EM DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS

MARIA VITÓRIA DE CARVALHO MOINHOS

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 30 DE SETEMBRO DE 2005

PROF^a. DR^a. EULINA DA ROCHA LORDELO - ORIENTADORA
PROF^a. DR^a. ANA MARIA ALMEIDA CARVALHO
PROF^a. DR^a. ILKA DIAS BICHARA

Aos meus pais João (*in memoriam*) e
Adalgisa, por todo o amor dedicado na
minha criação e empenho na minha
formação acadêmica.

A meu companheiro Roberto, pelo amor,
apoio e compreensão nos momentos mais
importantes da minha vida.

A minha filha Laís, pelo seu sorriso
iluminado que torna a minha vida mais
alegre e gratificante.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^ª Dr^ª Eulina da Rocha Lordelo pelo acolhimento e incentivo nos momentos mais necessários, e por ter compartilhado o seu saber, sua competência e amizade.

Agradeço a todos os professores do mestrado, que contribuíram para um aprendizado significativo em pesquisa científica.

À Ivana Marins, da coordenação administrativa do Programa, pelo apoio e ajuda durante todo o processo do mestrado.

Aos colegas do mestrado pela contribuição e incentivo durante todo esse tempo.

Agradeço, de modo especial, às alunas de Psicologia da UFBA Carine França e Greice Santos, pela responsabilidade e valiosa ajuda na coleta dos dados.

Ao colega e amigo Igor Menezes, pela ajuda na análise estatística e paciência para atender a todas as revisões solicitadas.

Aos amigos de todas as horas que colaboraram direta ou indiretamente, Fabiana Esteves, Cristiane Andrade, Gabriela Neves, Alexandre Amaral, Ana Karina Santos, Wilson Sampaio e Cláudia Perez.

A todas as mães que participaram desta pesquisa, e que foram essenciais para a concretização deste sonho.

“Filhos ... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-los?
Se não os temos
Que de consulta
Quanto silêncio
Como os queremos!
... Que coisa louca
Que coisa linda
Que os filhos são!”

Vinícius de Moraes

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Resumo | x |
| <i>Abstract</i> | xii |
| 1. Introdução | 2 |
| 2.1. Revisão da literatura e fundamentação teórica | 8 |
| 2.2. Possíveis influências: cultura, crenças e práticas parentais | 13 |
| 3. Método | 31 |
| 3.1. Delineamento | 32 |
| 3.2. Participantes e o contexto | 32 |
| 3.3. Proteção aos participantes | 33 |
| 3.4. Instrumentos | 33 |
| 3.5 Coleta dos dados | 35 |
| 3.6. Tratamento e análise dos dados | 38 |
| 3.6.1. Ficha sócio-demográfica | 38 |
| 3.6.2. Entrevistas sobre metas de socialização | 40 |
| 3.6.3. Inventário de práticas e crenças maternas | 42 |
| 4. Resultados | 43 |
| 4.1. Variáveis sócio-demográficas | 44 |
| 4.2. Metas de socialização | 52 |
| 4.3. Práticas e crenças maternas | 63 |
| 5. Discussão | 91 |
| 6. Conclusões | 107 |
| 6.1. Avaliando ganhos e limitações | 108 |
| 6.2. Implicações práticas | 111 |
| 6.3. Perspectivas para o desenvolvimento futuro da pesquisa | 113 |
| 7. Referências bibliográficas | 115 |
| 8. Anexos | 122 |

LISTA DE FIGURAS

| Figura nº | página |
|--|--------|
| 1. Scree Plot | 75 |
| 2. Análise da variância entre o fator 1 e o nível socioeconômico | 84 |
| 3. Análise da variância entre o fator 2 e o nível socioeconômico | 86 |
| 4. Análise da variância entre o fator 3 e o nível socioeconômico | 88 |

LISTA DE TABELAS

| Tabela nº | página |
|---|--------|
| 1. Distribuição percentual de mães e pais conforme a escolaridade | 44 |
| 2. Distribuição percentual das mães e pais conforme a atividade ocupacional | 46 |
| 3. Distribuição percentual de mães conforme a renda familiar | 47 |
| 4. Distribuição percentual de mães por SES elevado e baixo conforme a idade, estado civil / situação conjugal, religião e local de nascimento | 50 |
| 5. Distribuição percentual de mães de SES elevado e baixo conforme número de filhos | 51 |
| 6. Distribuição percentual das crianças por SES conforme moradia | 52 |
| 7. Percentual médio das respostas das mães conforme as categorias | 53 |
| 8. Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Auto-aperfeiçoamento | 55 |
| 9. Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Emotividade | 57 |
| 10. Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme categoria Expectativas sociais | 57 |
| 11. Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Bom comportamento | 60 |
| 12. Percentual médio das respostas das mães conforme as estratégias de ação | 61 |
| 13. Médias das práticas e crenças maternas da amostra total e por status socioeconômico | 67 |
| 14. Sumário das Cargas Fatoriais dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças e escores médios dos respondentes (N =50) | 69 |
| 15. Sumário das Cargas Fatoriais dos 38 itens resultantes da Análise Fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças, organizados por fatores, e escores médios dos respondentes (N =50) | 72 |

| Tabela nº | página |
|---|--------|
| 16. Distribuição dos Eigenvalue, índice de confiabilidade e média dos fatores | 74 |
| 17. Sumário das Cargas Fatoriais dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças e escores médios dos respondentes (N =50) – Supressas as cargas fatoriais inferiores a 0.4 | 76 |
| 18. Sumário das Cargas Fatoriais dos 31 itens resultantes da Análise Fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças, organizados por fatores, e escores médios dos respondentes (N =50) - Solução Varimax para três fatores | 78 |
| 19. Distribuição dos Eigenvalue, índice de confiabilidade e média dos fatores | 79 |
| 20. Sumário das Cargas Fatoriais dos 24 itens resultantes da Análise Fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças, organizados por fatores, e escores médios dos respondentes (N =50) - Solução Varimax para três fatores | 82 |
| 21. Análise de variância ANOVA do Fator 1 conforme NSE das mães | 83 |
| 22. Análise de variância ANOVA do Fator 2 conforme NSE das mães | 85 |
| 23. Análise de variância ANOVA do Fator 3 conforme NSE das mães | 87 |

RESUMO

Moinhos, V. de C. *Metas, estratégias e práticas maternas na criação de filhos em diferentes contextos socioeconômicos*. Salvador, 2005. 125 p. Dissertação (Mestrado). Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Bahia.

Sistemas de crenças e práticas de cuidado parentais têm se tornado um tópico importante em psicologia do desenvolvimento, devido às suas possíveis repercussões na qualidade do cuidado à criança e, por conseguinte, no desenvolvimento infantil. Esses sistemas são um importante componente de cada cultura, fornecendo um conjunto de pressupostos e prescrições, compartilhados pelos membros de uma comunidade cultural. Tendo em vista a escassez de descrições sobre a realidade brasileira nesse aspecto, este estudo teve como objetivo caracterizar metas, estratégias e práticas parentais maternas numa amostra da cidade de Salvador, relacionando-as com suas características sócio-demográficas. Um total de 50 mães com pelo menos um filho entre zero a três anos, metade residente em bairro popular e a outra metade em bairros de ocupação de classe média, foram entrevistadas em suas residências, quando foram aplicados três instrumentos: Inquérito sócio-demográfico, Entrevista sobre metas e estratégias de socialização e Inventário de práticas de cuidado infantil (Suizzo, 2002). Os dados sócio-demográficos foram tratados conforme a Escala de Avaliação de Status Socioeconômico de Hollingshead e as mães classificadas em dois grupos de acordo com o NSE. As metas de socialização foram analisadas a partir das categorias: *Auto-Aperfeiçoamento*, *Autocontrole*, *Emotividade*, *Expectativas Sociais* e *Bom Comportamento*, identificando-se ainda onze subcategorias. Os resultados não indicaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em relação às metas de socialização, com exceção da subcategoria *Integridade pessoal e valores religiosos*, relativa à meta de socialização *Expectativas sociais* - mais enfatizada pelas mães de NSE baixo. Quanto às estratégias de ação, as mães dos dois grupos relataram adotar estratégias baseadas nos seus próprios recursos (*Centradas em si*). A partir do Inventário de práticas de cuidado infantil, as avaliações maternas das práticas foram submetidas à análise fatorial, sendo identificadas três dimensões que orientam as práticas de cuidado consideradas mais importantes. Na primeira dimensão, as práticas estão voltadas para a promoção do desenvolvimento pessoal e cognitivo através da exposição da criança a diversos estímulos; na segunda dimensão, as práticas estão relacionadas à importância da apresentação e comportamento social adequado da criança, enquanto que na terceira dimensão, as práticas estão voltadas para o estímulo da autonomia e controle pessoal da criança através de uma criação mais rigorosa. Foram encontradas diferenças na adesão a esses fatores, de modo que as mães de NSE elevado obtiveram médias mais altas no Fator 1 (promover o desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança) e no Fator 3 (estimular a autonomia e controle pessoal da criança). Entretanto, não houve diferenças significativas, de acordo com o nível socioeconômico, na adesão ao Fator 2 (favorecer a apresentação e comportamento social adequado da criança). No conjunto, os resultados sugerem metas de socialização bastante similares entre os dois grupos, enquanto as práticas de cuidado refletiram mais diferenças no nível socioeconômico. Esses resultados são interpretados como expressão de um ambiente cultural relativamente homogêneo quanto a valores idealizados, um achado não surpreendente, considerando o fato de

que as duas amostras compartilham tempo e espaço marcados pela influência de meios de comunicação de massa. Ao contrário, as práticas de cuidado pareceram mais sensíveis a influências do contexto imediato, refletidas nos recursos disponíveis que diferenciam os contextos socioeconômicos.

PALAVRAS-CHAVE: Metas de socialização, estratégias parentais, etnoteorias parentais, práticas parentais

ABSTRACT

Moinhos, M. V. de C. *Aims, strategies and maternal practices in children raising in different socioeconomic contexts*. Salvador, 2005. 125 p. Master degree dissertation. Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Bahia.

Beliefs and parental practices systems have become an important topic in developmental psychology, because of their possible repercussions on child care quality and, as a consequence, on child development. Those systems are an important component of every culture, providing a set of assumptions and prescriptions, shared among members of a cultural community. Since there are only a few Brazilian studies in this field, this study aimed at characterizing parental socialization goals, strategies and practices valued in a sample of mothers from Salvador, relating them to their socioeconomic status. Fifty mothers (with at least a child from zero to three years old) from different neighborhoods were interviewed in their homes. Three research tools were used: Sociodemographic Inquire, Socialization Goals Interview and Inventory of Child Care Practices. The sociodemographic data were treated according to the Hollingshead Socioeconomic Status Scale and the mothers were classified in two socioeconomic status groups. The socialization goals were grouped in five large categories: Self-maximization, Self-control, Lovingness, Decency and Proper Demeanor; in addition, eleven subcategories were identified. The results did not indicate statistic significant differences between the groups concerning to socialization goals, except for the Personal Integrity and Religious subcategory, related to the Decency category, more emphasized by low SES mothers. On action strategies, both groups reported preference for strategies based on their own resources (self-centered). The answers to the Inventory of Childcare Practices were treated by factorial analysis; three dimensions guiding the preferences for childcare practices were identified. In the first one, the practices are focused on promoting personal and cognitive development, through exposing children to many and rich stimuli; in the second dimension, the practices are connected to the importance of correct presentation and social behavior; in the third one, autonomy and personal control are thought as a result of a more harsh and rigid raise style. Mothers were different in terms of adhesion to these factors: middle SES mothers had higher averages in the factor one (to promote child personal and cognitive development) and in the factor 3 (to stimulate autonomy and personal control). However, there were not significant differences between the groups on adhesion to the factor 3 (to favor correct presentation and social behavior). In general, the results suggest very similar socialization goals between both groups whereas the care practices were more affected by socioeconomic status. These results are interpreted as an expression of a relatively homogenous cultural environment respecting ideal values, a non-surprising finding, considering that both subsamples share a relatively homogenous cultural environment related to ideal values, considering that both samples share time and space marked by the influence of mass media communication. On the contrary, the childcare practices seemed more susceptible to influences from the immediate

context, reflected in the available resources that differentiate socioeconomic contexts.

KEY-WORDS: Socialization goals, parental strategies, parental ethnotheories, parental practices



CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

As atuais exigências do estilo de vida urbana contemporânea têm levado a algumas mudanças nas práticas e estratégias adotadas pelos pais na criação de filhos. Estas mudanças se apresentam, principalmente, diante do fato das mães exercerem atividades fora do ambiente doméstico e se confrontarem com a necessidade de ter que deixar seus filhos aos cuidados de terceiros. A depender das condições socioeconômicas, esses cuidadores são avós, sogros, tios, outros filhos - às vezes com pouca diferença de idade entre eles, ou cuidadores não aparentados, presentes em outros ambientes de criação, como por exemplo, as creches ou escolas de tempo integral.

As mães contemporâneas tentam, ainda, equilibrar suas necessidades de subsistência com o tempo disponível, a energia e os recursos necessários para a criação de filhos. Para muitas, deixar os filhos todos os dias enquanto vão trabalhar é uma questão de sobrevivência, a única maneira como podem sustentar suas famílias, ou a única maneira como podem garantir um futuro digno para seus filhos (Hrdy, 2001).

Há um reconhecimento de que os pais têm um papel importante não somente no apoio de uma base financeira da família, ou na disciplina das crianças mais velhas, mas também no cuidado de crianças pequenas (Keller, 1996). No entanto, constata-se que as mães como cuidadoras primárias gastam mais tempo disponível com a criança, e como consequência tornam-se mais sensíveis às suas necessidades e mais íntimas dos seus filhos (Keller, 1996).

Os sistemas de crenças parentais têm ressurgido como um campo de estudo relevante para a compreensão do desenvolvimento a partir da sua relação com os estilos parentais de cuidado à criança (McGillicuddy-DeLisi, 1992). Nestes sistemas

de crenças estão inseridas as idéias, expectativas ou metas que os pais têm acerca da criação de filhos.

Alguns estudos citados por Bugental e Johnston (2000) enfatizam a importância das metas parentais nas práticas de cuidado. Por exemplo, observa-se a partir dos estudos de Kuczynski (1984) um crescente interesse no papel das metas parentais e o contexto no qual estão inseridos. As metas parentais representadas como resultados desejáveis para pais e/ou criança são conceitualizadas como sendo relativamente específicas no contexto da criança em especial, e nas tarefas de socialização. Deste modo, as metas servem como um veículo através do qual os pais traduzem os valores parentais globais em ações parentais específicas e como um mecanismo para organizar essas ações. Algumas distinções têm sido propostas em relação aos tipos de metas parentais, incluindo o foco pais versus criança e resultados a curto prazo versus a longo prazo. Diferenças nessas dimensões têm sido confiavelmente associadas a diferenças nos comportamentos dos pais.

Outro estudo citado por Bugental e Johnston (2000) é o proveniente das pesquisas conduzidas por Hastings e Grusec (1998) que aborda a questão da influência das metas parentais nas práticas parentais enquanto mediadas por processos afetivos e avaliações diretas. Em seus estudos de interações pais-criança, os pais que estavam voltados para as suas próprias metas demonstraram ter mais afeto negativo, ser mais controladores e adotar mais estratégias de controle punitivas do que os pais que estavam voltados para as metas centradas no relacionamento ou na criança. Também foi encontrado suporte no papel das atribuições parentais ao comportamento da criança (por ex: percepção do mau comportamento da criança como intencional e disposicional) como mediadores do vínculo entre metas e práticas parentais.

Há indicações na literatura das crenças parentais sobre teorias do desenvolvimento repercutindo nas estratégias adotadas. Estudo realizado por Sigel (1992), que abordou o desenvolvimento da competência representacional das crianças, revelou relações significativas entre crenças parentais sobre constructos desenvolvimentais e estratégias dos pais. Os pais que acreditavam que as crianças adquirem conhecimento através de seus próprios atos, de pensamentos e raciocínio tendiam a indicar o uso de estratégias de distanciamento para ensinar as crianças; enquanto que os pais que adotavam estratégias de autoridade e mais didáticas acreditavam que as crianças aprendiam através da instrução direta.

Alguns autores salientam algumas razões que tornam importantes os estudos que abordam questões relacionadas às crenças ou idéias parentais. Goodnow (1992) evita a utilização do termo *crenças* devido ao excesso de significados, e por isto adota como seu constructo idéias parentais. Ele menciona algumas razões para considerar as idéias parentais nas pesquisas: a primeira é que são formas interessantes da cognição e desenvolvimento adulto; a segunda é que representam um aspecto do contexto em desenvolvimento infantil; a terceira é que as idéias favorecem uma maneira de ajudar a entender a ação parental, e a quarta é que o estudo de idéias consideradas por mais de uma geração pode fornecer alguns “*insights*” sobre processos de transmissão e mudança cultural.

Harkness e Super (1996) consideram que uma das razões mais importantes para estudar o sistema de crenças parentais é a possibilidade de entender como elas podem afetar a saúde e o desenvolvimento da criança, tanto atual como subsequente.

Na revisão de literatura e estudos teóricos foi possível constatar que há uma lacuna de pesquisas que investiguem, de modo específico, as metas parentais na

criação de seus filhos e as crenças que os pais possuem e que favorecem o alcance das suas metas, como também a relação dessas crenças com a importância dada às práticas de cuidado parentais.

As metas neste estudo são consideradas conforme a definição de Bugental e Johnston (2000) como objetivos parentais que representam resultados desejáveis para os pais e/ou criança.

No que diz respeito a crenças, adotamos a definição proposta por Sigel e Kim (1992) na qual as crenças são representações mentais que funcionam como uma fonte de influência sobre o comportamento porque são conceitualizadas como um mediador que cerca todas as facetas de criação (metas parentais, interações de manejo e ensino ou padrões pelos quais avaliam o desempenho da criança). As crenças estão ancoradas e encobertas num esquema que inclui afeto, intencionalidade e valor, os quais orientam as ações parentais.

Ao considerar a literatura que enfatiza a importância do estudo das crenças ou idéias parentais, uma vez que estas podem ser refletidas nas práticas de criação de filhos, como também as possíveis repercussões das metas parentais na qualidade do cuidado infantil, além da lacuna de estudos brasileiros que abordem tais aspectos, o que propomos como problema de investigação é descrever como as crenças identificadas nas metas parentais estabelecidas na criação de filhos são evidenciadas nas estratégias e práticas de cuidado adotadas.

Algumas pesquisas têm evidenciado que condições socioeconômicas e nível de escolaridade exercem influência nas crenças e práticas parentais. Por exemplo, os estudos realizados por Kohn (conforme citado por Harwood, Leyendecker, Lamb & Schölmerich, 2002) demonstraram que o contexto social no qual os pais vivem e,

principalmente, suas experiências ocupacionais influenciam suas metas e práticas de criação de filhos. Os resultados indicaram que há uma diferença nos valores de pais de baixo e elevado status socioeconômico. Por exemplo, os pais com baixo status socioeconômico valorizaram a obediência conforme as prescrições sociais, enquanto que os pais de elevado status socioeconômico valorizam as habilidades para negociar e autoconfiança.

Nos estudos a respeito das idéias sobre crianças e sua criação realizados por Palacios e Moreno (1996) foi encontrada uma heterogeneidade dessas idéias significativamente relacionada ao nível de escolarização.

Assim, levando em consideração a possibilidade destas influências e supondo que as mães pensam sobre criação de filhos conforme suas condições de vida, o presente estudo será realizado em ambientes socioeconômicos distintos. Visando identificar essas condições socioeconômicas distintas serão consideradas, além do local de moradia dos participantes, outras variáveis, como a atividade ocupacional, renda e o nível de escolaridade.

A consideração de ambientes socioeconômicos distintos possibilita, como ressaltam Carvalho e Lordelo (2002, p. 232), reflexões sobre

...contextos de desenvolvimento de uma perspectiva comparativa podendo iluminar dimensões relevantes para o estudo do desenvolvimento e, principalmente, contribuir para a relativização de conceitos valorativos e rígidos a respeito do que vem a ser um ambiente 'adequado' de desenvolvimento. Pode contribuir ainda para que, analisando cada contexto em suas especificidades e comparando-os entre si, se chegue a uma concepção mais abrangente e mais flexível de noções como ajustamento ou adequação ao meio.

Estas reflexões favorecem o (re) pensar dos ambientes ecológicos de criação disponíveis para as crianças de contextos urbanos brasileiros e, conseqüentemente, da infância brasileira.



CAPÍTULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

9

Há várias décadas, os cientistas sociais têm se debruçado sobre questões que envolvem as crenças, no sentido de compreender sua origem e repercussão nas práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos sociais.

O interesse inicial de estudiosos nas crenças parentais, conforme salientam Super e Harkness (1996), faz-se presente nos estudos antropológicos de Margareth Mead, ao focar as crenças e práticas de cuidado na criação de filhos nas culturas de diversas sociedades do Pacífico. Essa tradição foi continuada por John e Beatrice Whiting (Whiting & Whiting, 1988) nos seus estudos sobre a cultura e o desenvolvimento da criança enfocando os contextos de criação.

Nos estudos realizados pelos Whiting e seguidores foram enfatizadas as relações possíveis entre aspectos da experiência na infância inicial e crenças culturais que podem influenciar nas disposições psicológicas subjacentes à fase adulta. Nos seus estudos subsequentes, o enfoque primordial dirigiu-se à natureza e aos efeitos destes ambientes (contextos) de infância no desenvolvimento. Como exemplo, Harkness e Super (1996) citam o estudo das “seis culturas” no qual abordaram-se questões relacionadas à influência do ambiente cultural de criação no comportamento social das crianças. Os resultados encontrados sugeriram que o comportamento social da criança está associado ao seu contexto imediato, incluindo as pessoas que interagem com as crianças de modo frequente (por exemplo, cuidadores), os lugares

nos quais elas permanecem por mais tempo e os papéis que lhes são designados (Harkness & Super, 1996).

O estudo das “seis culturas” e pesquisas posteriores atravessaram mais de três décadas e geraram mudanças e ampliação do conhecimento sobre a variabilidade cultural. A partir do reconhecimento da importância dos ambientes de desenvolvimento da criança surgiu uma conceituação mais centrada nos contextos e práticas culturais vistos como recursos de socialização (Harkness & Super, 1996).

Estudos mais recentes que enfocam os contextos de criação continuam a ampliar o conhecimento sobre os contextos ecológicos do desenvolvimento em várias culturas. Como exemplo, podemos citar o modelo cultural de John Berry (Berry, 1999), considerado descendente da abordagem dos Whiting, no qual, o desenvolvimento e comportamento humano são vistos como adaptativos às características biológicas e culturais da população e que, por sua vez, são adaptativas ao contexto ecológico.

Conforme salientam Harkness e Super (1996), o surgimento do interesse e estudos relacionados aos sistemas de crenças parentais têm sido possíveis graças às tendências presentes tanto na antropologia social como na psicologia, que favorecem uma interdisciplinaridade no estudo de temas relacionados ao desenvolvimento humano e à cultura.

Considerando as crenças parentais sobre crianças na história da psicologia, estas inicialmente eram enfocadas como um problema pragmático da educação, para o qual a psicologia do desenvolvimento podia fazer “uma contribuição apropriada de conhecimento” (Berry, 1999). Posteriormente, alguns esforços para relacionar crenças específicas e atitudes ao comportamento mostraram-se decepcionantes. Mais

recentemente, as crenças parentais foram “redescobertas” e vêm sendo estudadas como psicologia “*naive*”, ou seja, o conjunto de teorias psicológicas populares ou de senso comum utilizadas para explicar o comportamento dos indivíduos, seus desejos e suas intenções, compartilhadas por uma comunidade (Super & Harkness, 1996).

Além das crenças parentais, as práticas de criação de filhos também 11
alvos de interesse e têm privilegiado aspectos específicos em diferentes períodos. Sigel (1992) apresenta ênfases distintas na Psicologia, no estudo e pesquisa sobre práticas de criação de filhos, ressaltando as significativas mudanças quanto à análise deste fenômeno. Menciona que na década de 20, os estudos de cunho comportamental que ressaltavam os métodos, objetivos e experimentação, focalizavam o emprego de técnicas disciplinares e atitudes parentais em detrimento de estudos em contextos naturais.

Nos anos 50, vários estudos observacionais foram realizados a partir de abordagens distintas, tais como behaviorismo, aprendizagem social e psicanálise. Destacava-se o teste de relações entre atitudes, sentimentos ou técnicas disciplinares paternas, como também o desenvolvimento psicossocial e cognitivo de crianças.

Na década de 60, o interesse estava direcionado para os estudos de desenvolvimento (responsividade, aprendizagem e cognição), como também para o desenvolvimento psicossocial e cognitivo entre crianças de classes populares e grupos minoritários. Concomitantemente emergia um interesse por aspectos emocionais do comportamento presente na pesquisa sobre apego.

Nos anos 60 e 70, com a influência da psicologia cognitiva emergente neste período, ocorre uma modificação dos interesses sobre os fatores que se consideravam

capazes de afetar de modo significativo a qualidade das relações pais e filhos, destacando os processos cognitivos e processamento de informação.

No âmbito dos valores e papéis parentais houve mudanças devido às transformações sociais aceleradas nas sociedades contemporâneas, conforme salientam Harbin e Madden (1987). Os relacionamentos dos pais com seus filhos estariam se tornando menos seguros, menos consistentes e dependentes, cada vez mais, de orientação de especialistas, até mesmo para práticas de cuidado simples. Outro aspecto salientado por esses autores é o isolamento dos pais jovens da sua família extensa, propiciando experiências de criação de filhos particulares e distintas das vivenciadas pela sua família de origem.

Considerando as mudanças nas crenças e atitudes sobre criação e educação de filhos, Biasoli-Alves (2001) descreve as influências de diversas “Moralidades” presentes em períodos distintos ao longo do século XX.

Nas décadas iniciais do século XX, as crenças e atitudes sobre criação e educação de filhos estavam sob a influência da “Moralidade Religiosa”. Neste período, era da religião e do sistema de educação tradicional das mães que provinham as crenças adotadas na criação de filhos. As crianças estavam sob controle dos adultos e a expectativa destes era o bom comportamento e obediência. Quando a expectativa não era alcançada, a punição severa era o recurso adotado. A conformidade aos padrões sociais era uma exigência dos adultos, sendo a criança reprimida quando apresentava “excessos” (Biasoli-Alves,2001).

Nas décadas de 50/70, as crenças e atitudes na educação e criação de filhos estão sob a égide da Pediatria, fundamentando-se na “Moralidade Higienista”. Nestas décadas, o controle do comportamento da criança ainda é considerado importante,

porém a punição é empregada com menos frequência. No modelo de educação adotado, constam a exigência e afetividade, dando espaço maior para que as crianças expressem seu desagrado ou oposição aos adultos (Biasoli-Alves, 2001).

Nas últimas décadas do século XX, as “Moralidades das Necessidades Naturais, Individualista e de Curtição” estão presentes nas crenças e atitudes parentais na criação de filhos, tendo como porta-vozes os especialistas, tais como: pediatras, professores e psicólogos. A valorização está na permissão, não frustração e estimulação, procurando ver a criança nas suas especificidades. Toda prá 13 “sob a mira do conhecimento científico”. Os pais recebem críticas se ut..... a autoridade na criação de filhos. Porém, como salienta Biasoli-Alves (2001), o comportamento das crianças se mostra cada vez mais fora de controle e os adultos tentam adotar várias estratégias para tentar contê-las. Essas estratégias nem sempre são eficazes, favorecendo a frustração dos adultos e prevalecendo as “vontades” das crianças. Percebe-se nesta mudança de crenças e atitudes na criação de filhos que os pais abriram mão do seu saber adquirido pelas suas próprias experiências e passaram a depender das orientações de especialistas, contribuindo para uma maior insegurança e inconsistência no relacionamento com seus filhos.

2.2 Possíveis influências: cultura, crenças e práticas parentais

Nos últimos anos, as crenças paternas também têm atraído pesquisadores das áreas do desenvolvimento infantil e propiciado estudos que possibilitam compreender as possíveis influências das crenças parentais nas práticas de cuidado

infantil, na medida em que estas práticas podem afetar a saúde e o desenvolvimento atual e subsequente da criança (Harkness & Super, 1996).

Como exemplo, podemos citar o estudo realizado por Palacios, Gonzalez e Moreno (1992), que investigou a relação entre três tipos de perfis de pais, definidos pelas suas idéias sobre desenvolvimento e educação infantil e seu comportamento educacional para com seus filhos. Estes pais foram caracterizados como tradicionais, modernos ou paradoxais, com base em estudos anteriores que utilizaram amostras longitudinais. Outro objetivo deste estudo foi analisar, por um lado, a relação entre crenças e comportamento educacional dos pais, e por outro lado, as conseqüências 14 desenvolvimento da criança. Os resultados indicaram a existência de relações as crenças parentais e o emprego de estratégias no relacionamento com seus filhos. Observou-se que os pais que podiam estimular de maneira produtiva o comportamento de seus filhos mostraram-se mais eficientes em adequar suas demandas às capacidades das crianças.

Entretanto, os estudiosos que se interessam por esse tema na tentativa de compreender a homogeneidade e heterogeneidade das crenças e práticas parentais de criar filhos tentam explicar essa variabilidade considerando possíveis influências da cultura (países, regiões, etc) e contextos (urbanos x rurais; diferentes níveis socioeconômicos) em que os indivíduos ou grupos participam. Deste modo, existem diferentes visões ao considerar a relação entre a cultura e as crenças parentais.

Das perspectivas teóricas disponíveis na literatura que abordam as crenças, algumas apresentam ênfases na cultura de modo mais amplo, outras destacam, além da cultura em geral, os contextos de desenvolvimento e as condições ambientais (recursos disponíveis) que podem repercutir nos sistemas de crenças parentais.

Dentre as abordagens teóricas que privilegiam questões que dizem respeito às crenças, valores e atitudes relacionando-as à cultura de modo mais amplo e que têm influenciado a psicologia, temos o constructo do individualismo/coletivismo. Na concepção de Triandis (1994), as orientações para o individualismo/coletivismo, de certo modo, identificam uma sociedade e podem ser vistas como síndromes culturais. Esse constructo tem sido utilizado na área da Psicologia Transcultural para explicar as diferenças de comportamentos entre as culturas, com possibilidade de identificar aqueles específicos de cada cultura, como também os comportamentos semelhantes encontrados em culturas distintas.

Posteriormente, algumas revisões teóricas foram implementadas tendo em vista essa variabilidade encontrada nas maneiras individualistas e coletivistas apresentadas, gerando uma discussão no que diz respeito aos termos individualista e coletivista; egocentrismo e sociocentrismo; independente e interdependente; *self* autônomo ou relacional; verticalidade e horizontalidade, conforme salienta Kagitçibasi (1997). 15

O termo individualismo descreve uma visão de mundo antagonista para a comunidade e para a estrutura social coletiva. O seu elemento central é a concepção de que os indivíduos são independentes dos outros, ou seja, os indivíduos são autônomos.

Hofstede (citado por Oyserman, Coon & Kimmelmeier, 2002; Kagitçibasi, 1997) caracteriza o individualismo ressaltando aspectos como a focalização sobre os direitos acima das responsabilidades como uma preocupação para si próprio e família imediata, uma ênfase na autonomia pessoal e auto-realização, e a base para a identidade pessoal nas realizações pessoais. O individualismo geralmente é definido

como uma visão de mundo que centraliza os objetivos pessoais, a exclusividade e o controle pessoal.

No que diz respeito ao coletivismo, Hofstede considera que o elemento central é a concepção de que os grupos obrigam e mutuamente forçam os indivíduos. As sociedades coletivistas são sociedades públicas caracterizadas pelas obrigações e expectativas mútuas e difusas, baseadas na posição social. Nestas sociedades, a unidade social com um destino, objetivos e valores comuns é centralizada; o pessoal é simplesmente um componente do social, tornando o endogrupo - definido pela similaridade em atributos adquiridos pelos seus membros (crença, ocupação) e interesses pessoais (Gouveia & Clemente, 2000) - a unidade de análise. 16 endogrupos é possível incluir família, clã, etnia, religião ou outros grupos.

Triandis (1989) assinala diferenças no uso dos termos individualismo/coletivismo e idiocentrismo/alocentrismo. Para o autor, o individualismo e coletivismo estariam associados às normas, papéis e valores que diferenciam os grupos no nível cultural, enquanto que o idiocentrismo e alocentrismo estariam relacionados a crenças, atitudes e sentimentos de indivíduos e que poderiam estar associados ou não à preocupação com outros indivíduos. Os indivíduos alocêntricos possuem metas pessoais que, de certo modo, coincidem com as metas de seus grupos de origem, e os indivíduos idiocêntricos são mais independentes de seus grupos de referência. Entretanto, o autor ressalta que os indivíduos podem ter tendências alocêntricas e idiocêntricas a depender das situações em que se encontram, ou seja, essas tendências podem coexistir em um mesmo indivíduo, como também em uma mesma cultura.

Os cientistas sociais, ao tentar explicar as variações culturais a partir desta perspectiva, consideram-nas como uma importante dimensão capaz de explicar a

grande variação transcultural, no que se refere ao comportamento social (Kagitçibasi, 1997).

Lightfoot e Valsiner (1992) consideram que a distinção individualismo/coletivismo tem sido útil para apontar uma variedade de diferenças culturais no desenvolvimento e comportamento humano. Citam o estudo de Dien, publicado em 1992, que salientou as diferenças culturais ao explicar o raciocínio moral. Neste estudo foi comparado o desempenho de americanos e chineses nas tarefas de Kohlberg e concluiu-se que as culturas ocidentais socializam a racionalidade, a autonomia humana e a responsabilidade individual. Todas essas características são derivadas de uma ideologia individualista e representam os n^o 17 mais elevados do raciocínio moral de Kohlberg. Nas culturas orientais ocorre o oposto, ou seja, tem-se a crença no indivíduo como moralmente obrigado a manter a harmonia do grupo e subordinar o próprio interesse aos interesses do grupo. A orientação coletivista é responsável pelos níveis mais reduzidos de raciocínio moral encontrado tipicamente nas culturas orientais.

Entretanto, nos últimos anos o uso do constructo individualismo e coletivismo na psicologia tem sido questionado quanto à sua utilidade e pertinência, devido à falta de evidências nas pesquisas que favoreçam esta perspectiva. Podemos citar o estudo de Harkness, Super e van Tijen (2000) sobre etnoteorias parentais de pais e mães americanos e dos Países Baixos que, ao comparar as amostras de culturas consideradas ocidentais, encontra diferenças significativas na maneira de avaliar as necessidades das crianças de atenção e amor. Observou-se que os pais da amostra dos Países Baixos se aproximaram do que seria mais esperado em sociedades ditas não ocidentais.

Também Miller (2002) menciona algumas limitações nas pesquisas contemporâneas sobre individualismo/coletivismo. Uma delas seria a suposição da vinculação do *self* ao grupo. Esta posição associa um sentido maior de atividade e auto-realização mais frequentes no individualismo do que no coletivismo. Porém, no estudo de Markus e Kitayama (conforme citado por Miller, 2002) foi observado um elevado nível de atividade e de auto-realização em sociedades coletivistas, opostas à posição de subordinação do *self* ao grupo.

Segundo Miller (2002), embora as orientações do individualismo/coletivismo sejam consideradas dicotômicas, crescentemente vêm sendo compreendidas como orientações que podem ser encontradas em todas as sociedades e que são evidenciadas no funcionamento psicológico de todos os indivíduos. 18

Apesar das críticas e limitações citadas, Kagitçibasi (1997) ressalta que existem fortes evidências que indicam o constructo do individualismo/coletivismo como um fator explicativo importante da variabilidade encontrada na cultura. Por exemplo, há evidências de que culturas individualistas tendem a enfatizar valores individualistas e o oposto acontece em culturas coletivistas. Além da diferença cultural, o constructo individualismo/coletivismo também indica variações dentro da mesma cultura e pode ser utilizado para explicar diferenças de indivíduos ou grupos no mesmo contexto social.

Alguns estudos apontam diferenças nas crenças parentais relacionadas a valores culturais mais amplos. Como exemplo, podemos citar os estudos realizados por Miller e Harwood (2001) que, ao analisarem as metas de socialização e sua relação com a construção de redes sociais por mães americanas e mães porto-

riquenhas, constataram que as mães americanas enfatizam as metas mais individualistas que estavam relacionadas ao auto-aperfeiçoamento, enquanto que as mães porto-riquenhas colocam mais ênfase nas qualidades de bom comportamento. As mães americanas tendem a valorizar mais as metas de independência (*self* autônomo) e mães latinas tendem a dar maior importância às metas de interdependência (*self* relacional). Estes resultados, segundo os autores, estavam relacionados às características das redes sociais que as mães favoreciam para os seus filhos.

Harwood, Leyendecker, Lamb e Schölmerich (2002) ao pesquisarem as metas de socialização e avaliações diárias desejáveis e indesejáveis de mães porto-riquenhas que migraram para os Estados Unidos e mães americanas, tã 19 encontraram valores culturais mais amplos, alguns relacionados ao individual outros ao coletivismo, confirmando os resultados encontrados anteriormente no estudo de Miller e Harwood (2001).

Nestes estudos foi possível constatar que o individualismo e o coletivismo são constructos multidimensionais, o que favorece a sua coexistência, conforme salienta Triandis (1994), e a existência de heterogeneidade nas crenças de um mesmo grupo.

Deste modo, como assinala Triandis (1988) não há uma cultura pura que possibilite a identificação de um padrão único relacionado ao individualismo/coletivismo e idiocentrismo/alocentrismo. O que é possível é encontrar diferenças culturais no que diz respeito às orientações que podem enfatizar o idiocentrismo ou alocentrismo no plano individual, e o individualismo ou coletivismo no âmbito cultural.

Uma outra perspectiva semelhante à orientação individualismo/coletivismo, e que aborda o estudo das crenças parentais e a influência da cultura no sentido mais amplo neste sistema de crenças é o co-construtivismo; porém, o co-construtivismo considera que a influência da cultura nas crenças é mais atenuada, uma vez que há uma interação de um sistema constituído pelo indivíduo e a cultura, e incorpora o organismo como um agente neste processo interacional.

No co-construtivismo, a relação entre crenças e cultura é transacional, ou seja, as crenças são construídas na transação (ou trocas) do indivíduo com os significados sociais que estão presentes na cultura. Deste modo, os sistemas de crenças são construídos e internalizados sob influência cultural (Lightfoot & Valsiner, 1992).

As crenças parentais, de acordo com Lightfoot e Valsiner (1992), são formadas a partir da combinação das lógicas indutivas e dedutivas. O conhecimento indutivo emerge das experiências pessoais de criação, enquanto que o conhecimento dedutivo está baseado nos significados e valores presentes na cultura coletiva. Quando os adultos tornam-se pais, eles participam ativamente da construção de seus papéis parentais. Esses papéis parentais são influenciados, por exemplo, pelas sugestões sociais comunicadas pelos outros pais, professores, pediatras ou conselheiros, mídia e agências semelhantes. Os pais atuam de várias maneiras em relação às sugestões comunicadas: aceitando, rejeitando e /ou modificando-as.

Assim, as crenças parentais são concebidas pelo co-construtivismo como construções pessoais. Estas crenças são organizadas coletivamente por indivíduos que estão assumindo o papel de pais, e por crenças culturais e ideologias que são comunicadas por meio de sugestões sociais presentes na cultura (Lightfoot & Valsiner, 1992). Nesta perspectiva, a cultura é considerada uma entidade heterogênea

na qual está presente uma variedade de significados, modelos culturais e suas codificações no ambiente físico humano. A cultura influencia a construção e a internalização das crenças que representam exemplos de funções psicológicas altamente codificadas semioticamente (Valsiner, 1988, 1989).

De acordo com Lightfoot e Valsiner (1992), tanto os pais incorporam de maneira diversa as várias sugestões sociais, como os filhos assimilam as sugestões sociais emitidas pelos pais de maneira particular. Assim, os autores salientam que há uma forte conexão entre a cultura coletiva e as crenças parentais, como também entre as crenças parentais e a construção, por parte da criança, de sua cultura pessoal. A cultura coletiva e as crenças parentais são consideradas a matéria prima através da qual a criança irá construir seu auto-conceito. Baseando-se nesta construção não é possível prever resultados específicos, mas apenas alguns caminhos que
21
ao desenvolvimento.

Diante do que foi mencionado, é possível observar que, nesta concepção, as crenças e práticas parentais sobre criação de filhos não assumem um caráter estático, mas sim dinâmico, uma vez que sofrem influências da cultura na qual são construídas. Conforme salienta Bastos (2001), a cultura é concebida como um processo presente na vida coletiva e intra-pessoal, organizando as relações de uma pessoa com outra e com seu ambiente.

Uma concepção que salienta a influência da cultura, porém de modo mais restrito, nas crenças e práticas de cuidado infantil, é a proposta de nicho desenvolvimental elaborada por Harkness e Super (1986), que ressalta a importância do contexto no desenvolvimento humano, no qual estão inseridas as crenças e práticas parentais. O conceito de nicho desenvolvimental favorece uma complementação à perspectiva do co-construtivismo mencionada anteriormente, uma

vez que este conceito fornece um aparato conceitual que possibilita situar as diversas influências extrínsecas ao organismo no seu desenvolvimento. As influências podem estar em diferentes níveis ao considerar o ambiente físico e social, as práticas de cuidado e as características psicológicas dos cuidadores.

A noção de nicho desenvolvimental pode ser tomada como um referencial para analisar como o desenvolvimento da criança é estruturado culturalmente. Nesta perspectiva é importante considerar os sistemas que estão implicados e que, ao se articularem, dão suporte às trajetórias desenvolvimentais humanas. O nicho de desenvolvimento compreende três subsistemas que são interconectados. No primeiro sistema constam os aspectos físicos e sociais do ambiente no qual a criança vive. O segundo diz respeito às práticas de cuidado e educação da criança prescritas e reguladas culturalmente, e o terceiro refere-se às características psicológicas cuidadores da criança, no qual estariam inseridos as crenças e valores relacionad ²² crianças, metas e estratégias de criação de crianças, teorias sobre a infância, o desenvolvimento e a educação. Segundo Harkness e Super (1986) existiria uma co-evolução entre o organismo e todos esses sistemas do nicho de desenvolvimento.

Alguns estudos empíricos realizados forneceram evidências de algumas influências da cultura nas crenças, ao pesquisar as relações entre valores culturais e a variabilidade das metas e estratégias utilizadas pelos cuidadores (geralmente os pais) na criação de filhos.

Podemos citar como exemplos a pesquisa de New e Richman (1996) na qual, utilizando a Teoria do objetivo parental de Levine como pressuposto teórico, enfocaram-se as metas e estratégias parentais de cuidado infantil, no sentido de delinear o papel dos valores culturais na determinação destas metas e estratégias, em duas sociedades ocidentais contemporâneas (Estados Unidos e Itália). Essa pesquisa

revelou padrões específicos da cultura de cuidado infantil nos dois contextos, com diferenças tanto nas crenças como nas práticas maternas.

Outro estudo foi o realizado por Brodsky e DeVet (2000) que investigaram a variação de metas e estratégias parentais de mães solteiras afro-americanas urbanas e pobres. Contrariando o estereótipo negativo a respeito da habilidade de mães solteiras para exercer a maternidade, as mães descreveram uma variedade de estratégias parentais implementadas e que foram totalmente planejadas para responder a uma série de metas como, por exemplo, proteger as crianças, instilar valores e disciplinar o comportamento não apropriado. As estratégias utilizadas pelas mães eram condizentes com suas metas, o contexto do bairro e os comportamentos da criança.

Outra perspectiva que enfatiza a influência da cultura nos sistemas de crenças parentais é a psicologia evolucionária. Contudo, nesta perspectiva considera-se que haja uma interação ou influência recíproca entre as condições ambientais (recursos), crenças culturais e comportamento individual porque ressalta não só a importância da cultura circundante, mas as circunstâncias ecológicas relevantes que exercem efeitos nas etnoteorias parentais reconstruídas por cada indivíduo. As etnoteorias parentais são consideradas por Harkness e Super (1996) modelos culturais que emergem através de entendimentos compartilhados e servem de moldura para as experiências, interpretações, inferências e objetivos para ações.

Como salienta Keller (1996), as etnoteorias parentais podem ser compreendidas como prescrições que maximizam os recursos de conhecimento do contexto, e mantêm uma função mediadora entre contexto e desenvolvimento. Os conhecimentos transmitidos permitem aos indivíduos adotar estratégias de cuidado e

socialização que foram eficazes no passado recente; manter essas crenças e padrões de comportamento representa uma redução nos custos do comportamento parental, não necessitando ser construída a cada geração, a não ser no caso de mudanças nas condições ecológicas relevantes, as quais poderão ser acompanhadas por mudanças mais lentas nas etnoteorias parentais.

Alguns estudos empíricos fornecem evidências da influência das condições ecológicas relevantes (recursos disponíveis) nas crenças e práticas parentais. Um dos estudos que ilustra essa relação é o realizado por LeVine e LeVine (citado por McGillicuddy-DeLisi & Subramanian, 1996) com os pais Gusii do Kenya, no qual constataram mudanças nas crenças e práticas dos pais, decorrentes das transformações ocorridas no seu contexto tais como: desenvolvimento comercial, reforma educacional e surgimento do trabalho remunerado.

Outras pesquisas têm evidenciado que condições socioeconômicas influenciam nas crenças e práticas parentais. Por exemplo, os estudos de Kohn (conforme citado por Youniss, 1992; Harwood, Leyendecker, Lamb & Schölmerich, 2002) demonstraram que o contexto social no qual os pais vivem e, principalmente, suas experiências ocupacionais influenciam suas metas e práticas de criação de filhos. Os resultados indicaram que há uma diferença nos valores de pais de baixo e elevado status socioeconômico. Assim, os pais com baixo status socioeconômico valorizaram a obediência conforme as prescrições sociais, enquanto que os pais de elevado status socioeconômico valorizaram as habilidades para negociar e autoconfiança.

Outros estudos têm procurado compreender a natureza da variação das etnoteorias parentais, no que se refere à adoção de modelos culturais, relacionando-as

às práticas maternas valorizadas na criação de filhos em um mesmo contexto cultural. Podemos citar o estudo realizado por Suizzo (2002) que avaliou a importância das crenças a respeito das práticas parentais de cuidado, tendo como um dos objetivos identificar e relacionar os modelos culturais às crenças parentais de mães e pais parisienses. Outro objetivo desse estudo foi desenvolver um instrumento para avaliar as crenças sobre práticas de cuidado infantil que foi aplicado aos pais franceses. Esse instrumento possibilita a comparação de crenças parentais sobre práticas de cuidado de pais de diferentes culturas. Essa possibilidade de avaliar as crenças maternas sobre práticas de criação de filhos em culturas distintas através desse instrumento favoreceu a sua utilização no presente estudo.

Suizzo (2002) hipotetizou no seu estudo a identificação de três modelos culturais que foram denominados estimulação, socialização através de regras de ensino, e intimidade física entre mãe e filho. Nos resultados encontrados foram identificados dois dos modelos hipotetizados: *despertar*, que se aproxim
25
de estimulação e *apresentação adequada em público*, que lembra o modelo de socialização. O modelo relacionado à intimidade física não foi encontrado, mas foi identificado um modelo semelhante como *responder e vincular-se*.

Dos modelos culturais avaliados, a idéia de estimular e *despertar* as habilidades dos filhos foi considerada muito importante para todas as mães que participaram do estudo. Outro modelo que foi bastante valorizado pelos pais franceses foi o relacionado às crenças sobre garantir uma apresentação adequada em contextos públicos. O modelo que foi considerado moderadamente importante, foi o associado à crença de vincular-se emocionalmente às crianças.

Todavia, Suizzo (2002), ao analisar os tipos de metas e as características sócio-demográficas, sugere que os tipos de metas que os pais parisienses adotam parecem influenciar a variedade dos modelos culturais adotados e não as suas características sócio-demográficas.

De acordo com Suizzo (2002), esses resultados são consistentes com os encontrados anteriormente nos estudos de Hofstede (1991), ao sugerir que os pais franceses valorizam crenças relacionadas à conformidade às regras sociais tradicionais, que são mais características de países de orientação mais coletivista, apesar da França ser considerado um país individualista e ocidental. Além disso, os resultados sugerem uma coexistência de crenças relacionadas à conformidade ao grupo condizente com a orientação coletivista e, ao mesmo tempo, aquelas relacionadas ao alcance dos objetivos pessoais condizentes com uma orientação individualista.

Apesar das diferentes perspectivas teóricas citadas, é possível constatar uma aproximação nos arcabouços teóricos propostos por Lightfoot e Valsiner e Harkness e Super ao enfatizarem como o sistema de crenças da cultura mais ampla repercute nas ações e cognições parentais. As duas orientações advogam que as idéias parentais emergem da coletividade social. Por outro lado, podemos sugerir a existência de uma aproximação do conceito de nicho ecológico e a perspectiva da psicologia evolucionária, na medida em que ambas incorporam os recursos e materiais disponíveis presentes tanto na ênfase dada ao ambiente físico e social (nicho ecológico), quanto nas condições relevantes dos contextos ecológicos (psicologia evolucionária). Entretanto, ao confrontarmos estes arcabouços teóricos com a proposta da Psicologia evolucionária é notável um distanciamento no que diz respeito à visão de contexto cultural.

Tooby e Cosmides (1995) identificam três dimensões no conceito de cultura que denominam como meta-cultura, cultura evocada e cultura epidemiológica. Nessas dimensões, os mecanismos psicológicos organizados de um modo funcional são considerados primordiais e possibilitam explicar as semelhanças e diferenças transculturais.

Na metacultura, os mecanismos psicológicos propiciam uma organização mental e conteúdos universais que possibilitam responder às regularidades encontradas no mundo social e não social em culturas distintas. Esta dimensão sugere que as respostas semelhantes encontradas em diferentes culturas para eventos comuns são propiciadas pelas regularidades encontradas no mundo social e não social, permitindo uma similaridade nas respostas. A segunda dimensão, cultura evocada, seria favorecida pela ativação de mecanismos psicológicos, a partir de condições ecológicas específicas vivenciadas por pessoas que pertencem a grupos semelhantes ou diferentes. Esta dimensão permite explicar algumas semelhanças encontradas em grupos de culturas distintas, como por exemplo, crenças e práticas de criação de filhos ao considerar as condições ecológicas nas quais esses gr

E a dimensão epidemiológica da cultura possibilitaria explicar a ampla difusão de representações mentais num grupo social, difusão esta favorecida por mecanismos psicológicos. Essas representações são construídas por mecanismos psicológicos que são ativados na observação do mundo social pelo indivíduo e que são semelhantes aos de outros indivíduos.

A cultura, nesta perspectiva, é vista como reconstruída e essa reconstrução é possível graças a mecanismos psicológicos que, a partir da observação e inferência, favorecem a reconstrução das representações mentais dos outros indivíduos que compartilham o mesmo mundo social.

Como salientam Greenfield e Childs (1991), o contexto cultural do desenvolvimento não pode ser concebido simplesmente como um conjunto de práticas de socialização e valores relacionados às idéias sobre o desenvolvimento. É também uma moldura de que os membros de uma cultura se utilizam para interpretar as características do comportamento em desenvolvimento sob restrições ambientais. As práticas interpretativas são vistas como expressões e reforço das normas culturais. Estas práticas são consideradas como representantes de uma perspectiva subjetiva compartilhada por membros de uma cultura. Nesta concepção evolucionária, a cultura e biologia não são opostas, mas inter-relacionadas e complementares (Greenfield & Keller, 2003).

Exemplos da inter-relação da cultura e biologia podem ser encontrados nos estudos realizados por Greenfield e Childs (1991) com Zinacantecos pertencentes a uma sociedade indígena localizada no México. Nestes estudos constatou-se que os bebês recém-nascidos Zinacantecos apresentavam um nível de atividade física muito baixo, o qual é reforçado pelo ambiente cultural. De acordo com Greenfield e Childs (1991), o desenvolvimento motor ilustra a adaptação da cultura e da biologia para a sobrevivência, e a visão do contexto cultural como uma estrutura interpretativa. Por exemplo, o andar precoce antes da aquisição da linguagem é considerado perigoso e disfuncional no ambiente dos zinacantecos, uma vez que, nas suas casas, existe um fogo no centro, o que representa um perigo constante para crianças que venham a andar precocemente, sendo o andar tardio valorizado socialmente. De acordo com a autora, se o andar tardio for relacionado à restrição da atividade motora que é uma característica inata desde o nascimento dos bebês zinacantecos, então podemos considerar que essa característica é bem adaptada ao ambiente e as características das normas culturais dos zinacantecos ao ter um fogo aceso no centro das casas.

Podemos constatar nos diferentes estudos empíricos mencionados fortes evidências de influências da cultura no sentido mais amplo e de contextos num sentido mais restrito, nas crenças parentais, práticas de cuidado e desenvolvimento infantil. Entretanto, a complexidade das relações existentes entre cultura, crenças parentais, práticas de cuidado e comportamento da criança, conforme salientam Lightfoot e Valsiner (1992), não favorece pressuposições de causalidade direta das crenças parentais nas práticas de cuidado, nem dessas práticas repercutindo de forma direta no desenvolvimento, que podem ser descritas como uma cadeia de influências, embora as direções dessas influências não sejam claras.

As distintas perspectivas mencionadas representam os esforços de pesquisadores que tentam explicações plausíveis para a variabilidade de crenças e práticas parentais de criação de filhos encontrada em grupos de diferentes culturas, e também em grupos ou indivíduos que compartilham uma mesma cultura. No entanto, ainda não há uma teoria que integre de modo coerente e satisfatório as diversas variáveis que podem explicar tal variabilidade.

O presente estudo pretende considerar aspectos específicos e importantes como as metas de socialização e as práticas de cuidado infantil valorizadas pelos pais que os estudos sugerem influenciar o sistema de crenças parentais de criação de filhos e que são uma lacuna nos estudos brasileiros. Na revisão de literatura realizada foi possível constatar que os estudos brasileiros que enfocam as cognições parentais de um modo geral, as práticas de cuidado e estilos parentais vêm se ampliando, embora ainda não sejam muito expressivos. Podemos citar os estudos realizados por Biasoli-Alves (1997) sobre a família brasileira do século XX e as práticas de cuidados da criança. Os resultados dos seus estudos sugerem que mudanças significativas e mais aceleradas têm ocorrido após a década de 50 favorecendo novas

formas de organização nas famílias e nas relações entre os seus membros repercutindo nas metas de socialização adotadas pelos pais. Também o estudo realizado por Lordelo, Fonseca e Araújo (2000), que investigou o ambiente doméstico enfocando a responsividade materna às demandas da criança e atitudes em relação à maternidade e à criança. Os resultados sugerem que há pouca diferença no grau de satisfação com a maternidade das mães que participaram do estudo, porém no que diz respeito à autonomia da criança foram encontradas diferenças significativas relacionadas ao bairro de moradia e o nível de escolaridade.

Considerando a lacuna encontrada na literatura brasileira de estudos que, de modo específico, abordem as metas e práticas parentais valorizadas por pais brasileiros, o presente estudo propõe explorar o problema da possível variabilidade das crenças parentais na criação de filhos considerando o contexto de modo mais restrito, enfocando as metas, estratégias e práticas valorizadas pelas mães de Salvador de níveis socioeconômicos elevado e baixo.

Diante das possíveis influências de valores culturais mais amplos, da cultura e contextos ecológicos de criação nas crenças e práticas parentais infantil, o presente estudo foi planejado para investigar mães que participam da mesma cultura, na medida em que compartilham a mesma língua, moram no mesmo país e cidade, permitindo algumas comparações e relações, como por exemplo: as crenças - a partir das metas e estratégias mencionadas - das mães de Salvador são semelhantes às das mães de outros países, conforme pesquisas encontradas na literatura? E em relação às práticas mais valorizadas pelas mães de Salvador, elas são diferentes ou semelhantes às das mães francesas que participaram do estudo de Suizzo (2001)? As metas, estratégias e práticas de mães de níveis socioeconômicos

distintos (elevado e baixo) de Salvador consideradas neste estudo diferem ou são semelhantes entre si?

Assim, o estudo teve como objetivos:

- Caracterizar as mães a partir das metas e estratégias adotadas na criação de filhos;
- Caracterizar as mães em termos de diferenças no nível de importância dada às práticas parentais;
- Relacionar as metas, as estratégias e /ou práticas maternas adotadas na criação de filhos;
- Relacionar as características sócio-demográficas das mães (idade, nível de escolaridade, prestígio ocupacional, estado civil, religião, local de nascimento, local onde reside, número e sexo dos filhos) e as metas de socialização mencionadas e o nível de importância dada às práticas apresentadas.





CAPÍTULO 3

MÉTODO

3.1 Delineamento

O presente estudo pode ser caracterizado como descritivo-exploratório. De um lado, busca-se caracterizar metas, estratégias e práticas de cuidado de uma pequena amostra da população baiana e de outro, explorar a congruência de instrumentos utilizados em outros contextos à realidade local, verificando possíveis associações entre esses fenômenos e variáveis sócio-demográficas.

3.2 Participantes e o contexto

Foram entrevistadas 50 mães sendo que destas, 25 residem no bairro de Sussuarana, com ocupação popular e 25 residem em bairros de ocupação de classe média (Barra, Chame-Chame, Boa Viagem, Imbuí, Costa Azul, Federação, Itapoã, Boca do Rio, Stella Maris, Caminho das Árvores) da cidade de Salvador. Os participantes oriundos de famílias pobres com domicílio no bairro de Sussuarana foram selecionados não aleatoriamente, mas por acessibilidade, através da indicação de uma informante e mães que residem neste bairro, favorecendo o acesso do pesquisador e auxiliares de pesquisa às famílias. A escolha dos participantes provenientes de bairros da classe média foi também realizada não aleatoriamente e sim por acessibilidade, através da indicação de mães de classe média que os pesquisadores conheciam e das mães que foram entrevistadas visando facilitar os contatos iniciais. Concomitantemente, dois estabelecimentos privados de ensino infantil foram contatados para favorecer o acesso às mães de classe média. As mães foram convidadas a participar da pesquisa através de uma carta que explicitava os

objetivos da mesma e que foi encaminhada pela escola. Esta estratégia não foi bem sucedida e podemos supor que a impossibilidade da pesquisadora e seus auxiliares de pesquisa explicar o projeto às mães pessoalmente dificultou a aceitação da proposta.

Todas as mães tinham pelo menos um filho com idade entre 0 a 3 anos. Essas idades escolhidas deve-se à utilização, nesta pesquisa, de um instrumento para identificar a valorização de práticas parentais desenvolvido por Suizzo (2002) e aplicado a pais e mães que tinham crianças nesta faixa de idade. Além do status socioeconômico distinto, os grupos de mães variavam quanto à faixa etária, nível de escolaridade, renda, atividade ocupacional, religião, local de nascimento, número e sexo dos filhos.

3.3 Proteção aos participantes

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa Psicológica da Universidade Federal da Bahia. Todos os participantes foram informados oralmente e por escrito sobre os objetivos da pesquisa, responsabilidade, método empregado e o direito a recusar o consentimento. A inclusão dos participantes na amostra foi condicionada à assinatura dos mesmos do Termo de consentimento informado (Anexo 4). Os entrevistadores foram treinados para evitar constrangimentos aos participantes e estabelecer um relacionamento cordial e pautado no respeito.

3.4 Instrumentos

Visando alcançar os objetivos do presente estudo foram utilizados instrumentos básicos. Estes foram elaborados, adaptados e traduzidos a partir da literatura que aborda as idéias e práticas parentais, do trabalho de um grupo de pesquisadores do Rio de Janeiro coordenados pela Prof^a Dr^a Maria Lúcia Seidl de Moura e através das entrevistas piloto.

34

O primeiro instrumento, conforme pode ser visto no anexo 1, foi uma ficha de informações sócio-demográficas com o objetivo de coletar dados sobre idade, estado civil, local de nascimento (interior ou capital), nível de escolaridade, atividade profissional, renda pessoal e familiar das mães e seu cônjuge, número e idade dos filhos. Estes dados foram utilizados para analisar a variável nível socioeconômico da amostra através da Escala de Avaliação de Status Socioeconômico de Hollingshead (“Hollingshead Four Factor Index of Socioeconomic Status”). Esse indicador de índice do nível socioeconômico utiliza os seguintes fatores: sexo, estado civil, nível de escolaridade e prestígio ocupacional.

O segundo instrumento foi uma Entrevista de Metas de Socialização (SGI - Socialisation Goals Interview) proposta por Harwood (1992, conforme citado em Miller & Harwood, 2001). Esta entrevista é semi – estruturada, composta de quatro questões abertas elaboradas por Harwood, feitas às mães individualmente com o objetivo de saber as qualidades que as mães gostariam e não gostariam que seu filho tivesse quando adulto, e descrição de crianças observadas que possuem as qualidades positivas e negativas mencionadas. Além dessas questões, foram acrescentadas duas outras propostas pelo grupo de pesquisadores do Rio de Janeiro coordenados pela Prof^a Dr^a Maria Lúcia Seidl de Moura que buscam saber o que as mães acham necessário para desenvolver as qualidades e o que elas acham que é necessário fazer e que só depende delas ao exercer o seu papel de mãe no intuito de obter as

estratégias de ação que as mães utilizam para alcançar as metas relatadas (vide anexo 2).

35

O terceiro instrumento foi um inventário traduzido e adaptado das práticas de cuidado infantil desenvolvido por Suizzo (2002). O instrumento contém duas sessões: na primeira sessão estão listadas vinte e cinco práticas relacionadas ao cuidado de crianças até um ano; na segunda sessão estão listadas vinte e cinco práticas relacionadas ao cuidado de crianças com idades de um a três anos. Os itens que constam no inventário foram avaliados pelas mães quanto ao nível de importância (de não concordo a extremamente importante) atribuída a cada prática usando uma escala Likert de seis pontos. As mães foram solicitadas a responder de acordo com o que pensam e não com o que fazem com seus filhos. Este instrumento foi traduzido, e realizado *back translation*, testes de confiabilidade e consistência por uma equipe de pesquisadores do Desenvolvimento brasileiros coordenados pela Prof^a Dr^a Maria Lúcia Seidl de Moura (Anexo 3).

3.5 Coleta dos dados

A aplicação dos instrumentos foi realizada a partir de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com as mães no ambiente doméstico. Estas entrevistas foram aplicadas em duas etapas. Na primeira foram aplicadas as entrevistas semi-estruturadas e estruturadas para serem testadas com quatro mães que pertencem a estratos socioeconômicos distintos, abordando as questões relacionadas às metas, estratégias de socialização e valorização de práticas maternas na criação de

filhos. Esta aplicação piloto teve o objetivo de avaliar a adequação dos instrumentos aplicados aos participantes do estudo e possibilitar correções de eventuais erros de

36

Num segundo momento foi aplicada a entrevista estruturada para obter dados sócio-demográficos; a entrevista semi-estruturada abordou as metas e estratégias de socialização e a aplicação do inventário de práticas maternas desenvolvido por Suizzo (2002) com o objetivo de avaliar os níveis de importância relacionados às práticas de cuidado diário de bebês e crianças pequenas.

A aplicação dos instrumentos contou com a participação da pesquisadora e duas estudantes do curso de Psicologia da UFBA. As estudantes foram orientadas e treinadas pela pesquisadora antes de iniciar a aplicação dos instrumentos. No que diz respeito à entrevista sobre metas de socialização, foram feitas algumas considerações: a entrevista deveria ser realizada de modo que facilitasse à participante falar sobre o assunto; estimulasse a participante a falar e evitasse a condução das respostas pela entrevistadora.

Com o objetivo de estimular a participante a refletir sobre o assunto abordado fez-se necessário realizar algumas pausas, utilização de marcadores, como por exemplo, "O que você considera uma pessoa (qualidade citada pela respondente)? Como você poderia definir uma pessoa com essa qualidade?"

No intuito de estimular a participante a falar mais sobre o que estava sendo perguntado, foi necessário utilizar algumas estratégias, como por exemplo, retrocessos: "Além das qualidades (citando as qualidades ditas pela respondente) que você disse antes tem mais alguma coisa?"; ou marcadores: "O quê mais?", ou frases: "Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?"

E, finalmente, com o objetivo de evitar a condução foi preciso observar atentamente o que a participante estava dizendo e resumir o que foi dito, por exemplo, “Veja se entendi o que você acabou de dizer (repetindo o q

Podemos resumir com aquela palavra (diz a palavra) que você disse ant

se-ia ter o cuidado para não dizer além do que já foi citado pela participante e não tirar conclusões sobre o que a participante relatou acrescentando novas idéias.

37

Inicialmente a pesquisadora e suas auxiliares de pesquisa foram no bairro popular acompanhadas da informante que reside no local para conhecer o campo e fazer alguns contatos com mães apresentadas e que estavam disponíveis para agendar a visita da pesquisadora.

No que se refere às mães que residem em alguns bairros de classe média, a pesquisadora tentou obter contatos com as mães através da coordenação pedagógica de dois estabelecimentos de ensino infantil privado, porém sem sucesso. Outra maneira foi através do contato de mães conhecidas da pesquisadora e das auxiliares de pesquisa que indicaram mães que concordaram em participar da pesquisa voluntariamente. Após a indicação, as auxiliares de pesquisa realizavam contato telefônico com as mães indicadas e agendavam a visita.

As entrevistas sobre metas de socialização foram gravadas em fitas cassete e depois transcritas na íntegra. Na entrevista para obter os dados sócio-demográficos e na aplicação dos inventários sobre práticas maternas, as pesquisadoras leram todos os itens e marcaram a opção escolhida pela mãe. Esta modalidade foi adotada para todas as mães da amostra com o objetivo de evitar constrangimentos para aquelas com dificuldades na leitura.

Alguns trechos das entrevistas sobre metas de socialização serão utilizados para ilustrar as possíveis semelhanças e /ou diferenças encontradas nos grupos de mães.

38

3.6 Tratamento e análise dos dados

3.6.1 Ficha sócio-demográfica

Os dados sócio-demográficos foram analisados de acordo com a Escala da Avaliação de Status socioeconômico de Hollingshead. A avaliação do nível de escolaridade levou em conta o número de anos de escolarização formal, e será tabulada em uma escala de 7 níveis (1 – ensino fundamental incompleto; 2 – ensino fundamental completo; 3 – ensino médio incompleto; 4 – ensino médio completo; 5 – curso superior incompleto ou completo com formação inferior a 3 anos; 6 – curso superior completo e 7 – pós-graduação). O prestígio ocupacional foi avaliado com base numa lista com aproximadamente 450 atividades profissionais e tabulado em uma escala de 9 níveis. Empregados não qualificados e empregados domésticos receberam a menor pontuação na escala, 1; profissionais não especializados (pontuação 2); operadores de máquinas e trabalhadores semi-especializados (pontuação 3); trabalhadores manuais, empresários e proprietários de pequenos negócios (pontuação 4); auxiliares de escritório, vendedores, pequenos agricultores e pequenos empresários (pontuação 5); técnicos, profissionais técnicos e micro empresários (pontuação 6); pequenos empresários, fazendeiros, administradores e profissionais menores (pontuação 7); administradores, profissionais liberais menores,

proprietários e empresários de negócios de médio porte (pontuação 8), ao passo que, executivos e profissionais liberais receberam a maior pontuação da escala, 9.

Para avaliação do status socioeconômico das mães foi computado o *Four Factor Index of Social Status de Hollingshead*. Esse índice foi calculado para cada mãe e pai, somando-se o nível educacional de cada cônjuge multiplicado 39 prestígio ocupacional multiplicado por 5. Dessa forma o HI produz um escore que varia de 8 a 66. Para famílias nucleares com apenas um cônjuge (pai ou mãe) empregado, o HI é calculado com base no nível educacional e prestígio ocupacional do cônjuge empregado. Para famílias nucleares com ambos os cônjuges empregados, os escores são computados individualmente para cada um dos cônjuges e é calculada uma média simples que representa o status socioeconômico da família. Para as famílias cujo cônjuge está aposentado, os escores são calculados considerando a educação e ocupação do cônjuge antes da aposentadoria.

Nas famílias em que ambos os cônjuges são estudantes e não trabalham, os escores são calculados considerando a educação e ocupação da pessoa que mantém o casal (por exemplo pais, sogros, etc).

Os escores foram distribuídos em cinco faixas com pontuação mínima de 8 e máxima de 66, conforme a escala de avaliação de Hollingshead (1975). Essas cinco faixas foram divididas ao meio e as mães que alcançaram um escore de 8 a 34 pontos foram consideradas de status socioeconômico baixo e aquelas que alcançaram uma pontuação entre 35 a 66 pontos foram consideradas de status socioeconômico elevado. Esta estratégia foi escolhida para evitar resultados tendenciosos, uma vez que observou-se que todas as mães que residem em bairro de ocupação popular tiveram os escores mais baixos, enquanto que a maioria das mães que moram em

bairros de classe média alcançaram escores mais elevados, porém associar local de residência à pontuação dos escores não é confiável e suficiente para classificar níveis socioeconômicos distintos de indivíduos ou grupos.

A partir das variáveis pessoais das mães (idade, nível de escolaridade, atividade ocupacional, renda familiar, religião, local de nascimento, tipo do bairro de moradia, situação conjugal e número de filhos) e variáveis pessoais da criança (idade e sexo da criança, moradia da criança, e convivência pai /mãe) ob
a distribuição percentual das variáveis por grupos de mães (NSE elevado e NSE
baixo). 40

3.6.2 Entrevista sobre metas de socialização

Os dados obtidos na entrevista sobre metas de socialização foram tratados conforme a categorização proposta por Harwood, Schölmerich e Schulze (2000). Esses autores codificaram todas as respostas nas categorias que elaboraram e que foram traduzidas por uma equipe de pesquisadores do Desenvolvimento brasileiros coordenados pela Prof^a Dr^a Maria Lúcia Seidl de Moura. Essas categorias são mutuamente exclusivas:

- 1) Auto-aperfeiçoamento: preocupação com que a criança se torne autoconfiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e capacidades como indivíduo.
- 2) Autocontrole: preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar os impulsos negativos de ganância, agressão e egocentrismo.

3) Emotividade: preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros. E que seja amada (calor emocional pessoal, principalmente diádico ou dentro da família).

4) Expectativas sociais: preocupação com que a criança atenda às expectativas sociais de ser trabalhador, honesto e seguidor das leis, quando adulto.

5) Bom comportamento: preocupação com que a criança se comporte bem, se dê bem com os outros, e desempenhe bem papéis esperados (bem na boa mãe, boa esposa, etc.), especialmente em relação à família. 41

Das cinco categorias, foram criadas por Harwood, Schölmerich e Schulze (2000) subcategorias em quatro delas. Na categoria de Auto-aperfeiçoamento existem três subcategorias: “Bem estar emocional, físico e integração (sentir-se bem consigo mesmo)”; “Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico” e “Desenvolvimento (ou independência) psicológico”. Na categoria Emotividade foram incluídas as subcategorias “Calor emocional” e “Relações próximas com a família”. Na categoria Expectativas sociais foram incluídas duas subcategorias: “Evitar comportamento ilícito” e “Integridade pessoal e valores religiosos”. E, finalmente, na categoria Bom comportamento foram consideradas as subcategorias “Respeitador, bem educado” e “Obrigações relacionadas a papéis na família”. As respostas às perguntas de 1 a 4 da entrevista de metas de socialização foram codificadas conforme estas categorias. No que diz respeito às perguntas 4 e 5, as respostas encontradas foram classificadas em termos de possíveis estratégias de ação: Centradas em si – são baseadas nos recursos próprios das mães (ser modelo ou oferecer modelos, disciplinar, aconselhar, ensinar por demonstração ou participação)

e Centradas no contexto - são baseadas num contexto externo e que independe mais ou menos do que a mãe vai fazer (oferecer boas oportunidades sociais, dar educação de qualidade, propiciar experiências boas).

A categorização desses dados foi realizada conforme a metodologia empregada por Harwood, Schölmerich e Schulze (2000), a partir de palavras e frases descritoras. Em seguida, foram criadas as variáveis, o número total de descritores e calculado o percentual médio de respostas das mães em cada variável (categoria e subcategoria) em relação ao número total de respostas obtidas.

42

3.6.3 Inventário de práticas e crenças maternas

Quanto aos dados relacionados às práticas de cuidado infantil foi realizada inicialmente a análise fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças pequenas (CINPE) com fatores de 1 a 4. Os fatores considerados foram: 1) Despertar e expor a criança a diversos estímulos; 2) Garantir a apresentação adequada da criança; 3) Responder e vincular-se à criança e 4) Exercer controle rígido e estrito sobre a criança. Foram mantidos os itens com cargas fatoriais acima de 0,30. O método de extração de análise foi componentes principais, e o método de rotação Varimax com normalização de Kaiser, conforme o estudo de Suizzo (2002).

Posteriormente, ao constatar que a aplicação do procedimento original a essa amostra não produziu os fatores encontrados em Paris, decidiu-se realizar uma nova análise fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e

crianças pequenas (CINPE) com fatores de 1 a 3 e foram mantidos os itens com cargas fatoriais acima de 0,40. Após esta análise fatorial dos itens, o “Alpha Cronbach” foi calculado e comparações dos grupos de mães considerando os três fatores foram realizadas. Também foi obtido o escore médio das respostas dos itens avaliados como os mais importantes pelas mães de toda a amostra.

A discussão e interpretação dos resultados será à luz do contexto no sentido mais restrito e, além disso, ao considerarmos a cultura de um modo geral será possível compará-los com resultados de estudos empíricos encontrados na literatura.



CAPÍTULO 4

RESULTADOS



4.1 Variáveis sócio-demográficas

Ao analisar o nível de escolaridade das 50 mães podemos observar, na Tabela 1, que a maior concentração está nos níveis de escolaridade de ensino fundamental incompleto (34,0%) e o ensino médio completo (20,0%). Apenas uma das mães nunca foi à escola.

Ao compararmos o nível de escolaridade das mães e dos pais é possível constatar que os pais apresentam percentuais bem próximos aos das mães. A maior concentração também está nos níveis de escolaridade de ensino fundamental incompleto (40,0%) e ensino médio completo (20,0%). No nível de pós-graduação, o total de pais e mães tem o mesmo percentual (8,0%).

Tabela 1 – Distribuição percentual de mães e pais conforme a escolaridade

| • ESCOLARIDADE | Mães %(n=50) | Pais %(n=50) |
|--|-------------------------|-------------------------|
| Nunca foi à escola | 2,0 | - |
| Ensino Fundamental incompleto | 34,0 | 40,0 |
| Ensino Fundamental completo | - | 4,0 |
| Ensino Médio incompleto | 10,0 | 2,0 |
| Ensino Médio completo | 20,0 | 20,0 |
| Superior incompleto ou superior completo | 12,0 | 8,0 |
| Curso superior completo | 14,0 | 18,0 |
| Pós-graduação | 8,0 | 8,0 |

Observa-se na Tabela 2 que nos dois grupos de mães há um percentual expressivo (56,0%) que não exercem atividade ocupacional remunerada. Este elevado percentual reflete, provavelmente, o alto índice de desemprego existente no país e, principalmente no estado da Bahia, cuja cidade do Salvador é considerada a “capital do desemprego”. Nas entrevistas, as mães de nível socioeconômico elevado e baixo relatavam a dificuldade para encontrar um trabalho remunerado. Aquelas com nível de escolaridade menor e que moram no bairro popular relatavam que as oportunidades estão cada vez mais escassas devido à pouca instrução, tendo como alternativa para ajudar no orçamento doméstico a venda de alguns produtos como doces, picolé, pipoca, etc. na porta da residência.

É possível constatar que 12,0% das mães desempenham funções como técnicas ou são micro empresárias, enquanto que 8,0% são administradoras, profissionais liberais com prestígio ocupacional menor (por ex: enfermeira) ou atuam como empregadas não qualificadas e empregadas domésticas, enquanto que um percentual de 2,0% atuam como trabalhadoras não especializadas; trabalhadoras semi-especializada e auxiliares de escritório, vendedoras.

No que diz respeito aos pais e sua atividade ocupacional é possível observar na Tabela 2 que a maior parte possui atividade remunerada. No maior percentual (20,0%) estão aqueles que atuam como empresários de médio porte e trabalhadores manuais, por exemplo, enquanto que 18,0% atuam como executivos e profissionais liberais de maior prestígio ocupacional (por ex: médicos, engenheiros). Ao compararmos a atividade ocupacional das mães e dos pais, podemos observar que os resultados diferem de modo significativo em relação às mães, que em sua maioria não trabalham ou atuam em profissões de menor prestígio ocupacional. Estes resultados são interessantes, uma vez que Kohn (conforme citado por Harwood,

Schölmerich & Schulze, 2002) salienta que a atividade ocupacional é a principal e maior fonte de influência nos valores e práticas parentais sendo o nível educacional um correlato do sucesso ocupacional.

Tabela 2 – Distribuição percentual das mães e pais conforme a atividade ocupacional

| • ATIVIDADE OCUPACIONAL | Mães %(n=50) | Pais %(n=50) |
|--|-------------------------|-------------------------|
| Não trabalha | 56,0 | 2,0 |
| Empregados não qualificados e empregados domésticos | 8,0 | 12,0 |
| Trabalhadores não especializados | 2,0 | 14,0 |
| Operadores de máquinas e trabalhadores semi-especializados | 2,0 | 14,0 |
| Empresários médio, trabalhadores manuais | 4,0 | 20,0 |
| Auxiliares de escritório, vendedores, pequenos agricultores e empresários. | 2,0 | 4,0 |
| Técnicos, profissionais técnicos, micro empresários | 12,0 | 12,0 |
| Pequenos empresários, fazendeiros, administradores e profissionais menos | 6,0 | 2,0 |
| Administradores, profissionais menores, proprietários de micro empresas | 8,0 | 2,0 |
| Executivos e profissionais liberais | - | 18,0 |

No que diz respeito à renda familiar mensal, conforme pode ser vista na Tabela 3, um percentual elevado das mães (42%) têm uma renda familiar acima de R\$ 2.000,00, enquanto que 28,0% têm uma renda de até um salário mínimo.

Quando as rendas familiares dos grupos são comparadas é possível perceber algumas diferenças relevantes. As mães de NSE elevado (86,4%) possuem uma renda familiar na faixa acima de R\$ 2.000,00 e nenhuma tem uma renda abaixo de R\$ 260,00, enquanto que metade das mães de NSE baixo tem uma renda familiar

na faixa de até um salário mínimo de R\$ 260,00 e um percentual de 32,0% de R\$ 260,00 a R\$ 520,00. A renda familiar média das mães de NSE elevado é de R\$ 4.585,45, enquanto que das mães de NSE baixo é de aproximadamente dois salários mínimos (R\$ 575,00).

Tabela 3 - Distribuição percentual de mães conforme a renda familiar

| • RENDA FAMILIAR | %(n=50) | NSE Elevado % (n=22) | NSE Baixo % (n=28) |
|--------------------------------|----------------|---------------------------------|-------------------------------|
| Até R\$ 260,00 | 28,0 | - | 50,0 |
| De R\$ 260,00 a R\$ 520,00 | 20,0 | 4,5 | 32,1 |
| De R\$ 520,00 a R\$ 1.000,00 | 4,0 | - | 7,1 |
| De R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 | 6,0 | 9,1 | 3,6 |
| Acima de R\$ 2.000,00 | 42,0 | 86,4 | 7,1 |

A maior parte das mães da amostra e de ambos os grupos está na faixa etária de 20 a 30 anos (sendo a média 29,50 para mães de elevado NSE e 27,79 para as mães de baixo NSE). Como pode ser observado na Tabela 4, no grupo de mães de NSE baixo há um percentual maior de mães mais jovens com menos de 20 anos (14,3%) e nenhuma na faixa etária de 40 a 50 anos.

No que diz respeito ao estado civil, no total da amostra de mães 36,0% são casadas e 64,0% são solteiras. Porém, os dados das mães casadas refletem o estado civil oficial destas mães, enquanto que as solteiras representam a situação conjugal na medida em que mais da metade vive junto ao companheiro e pai da criança (54,0%) e apenas 10,0% são solteiras propriamente ditas. Quando comparamos os grupos é possível verificar que a maioria das mães casadas (30,0%) pertence ao

grupo de NSE elevado e apenas 6,0% das mães ao grupo de NSE baixo. Apesar do
48
percentual expressivo das mães de NSE baixo que são solteiras (50,0%), 1

maritalmente com os seus companheiros podemos observar que a existência de casamentos não oficiais entre os casais está acontecendo também nas famílias de NSE elevado. Na Tabela 4 é possível constatar que 14,0% das mães de NSE elevado que foram entrevistadas estão neste tipo de situação conjugal. Talvez esta situação possa sugerir uma aceitação maior de valores mais modernos nas sociedades contemporâneas.

No que diz respeito à religião, conforme pode ser observado na Tabela 4, mais da metade da amostra de mães declarou que são católicas (64,0%) e igualmente 2,0% das mães seguem a religião batista e protestante.

Quando comparamos os grupos de mães de níveis socioeconômicos distintos, os percentuais das mães de ambos os grupos se aproximam. A maioria das mães de NSE elevado (77,3%) e das mães de NSE baixo (53,6%) declararam ter como religião a católica. Algumas mães relataram que, apesar de não se considerarem católicas praticantes concordam com as crenças e valores defendidos por esta religião. Também é possível observar que o percentual das mães que afirmaram não seguir nenhuma religião é mais expressivo nas mães de NSE baixo (25,0%) do que nas mães de NSE elevado (4,5%). Quando comparamos os percentuais das mães que possuem como religião a evangélica ou espírita é possível perceber uma semelhança, mas de grupos distintos. As mães de NSE elevado 13,6% são adeptas da religião espírita, enquanto que 14,3% das mães de NSE baixo escolheram seguir a religião evangélica.

Ainda na Tabela 4 podemos verificar, em relação ao local de nascimento das mães da amostra, percentuais muito próximos entre as mães que nasceram na capital (48,0%), e as mães que nasceram no interior (52,0%).

49

Entretanto, ao comparar os grupos de mães, a diferença encontrada nos resultados é mais expressiva. Mais da metade das mães de NSE elevado (63,6%) nasceram na capital, enquanto que (64,3%) das mães de NSE baixo nasceram no interior. Este resultado é importante porque pode indicar influências nas crenças e práticas maternas de valores mais tradicionais e de orientação mais coletivista, que estão presentes e são transmitidos por famílias do interior, e de valores mais modernos e de orientação mais individualista nas crenças e práticas de cuidado de crianças nas mães que nasceram na capital.

Tabela 4 – Distribuição percentual de mães por NSE elevado e baixo conforme a idade, estado civil / situação conjugal, religião e local de nascimento

| • IDADE | %(n=50) | Elevado % (n=22) | Baixo % (n=28) |
|------------------------------|----------------|-----------------------------|---------------------------|
| Menos de 20 anos | 10,0 | 4,5 | 14,3 |
| De 20 a 30 anos | 50,0 | 54,5 | 46,4 |
| De 30 a 40 anos | 38,0 | 36,4 | 39,3 |
| De 40 a 50 anos | 2,0 | 4,5 | - |
| • ESTADO CIVIL | %(n=50) | Elevado %(n=22) | Baixo %(n=28) |
| Casada ou união estável | 36,0 | 30,0 | 6,0 |
| Solteira | 64,0 | 14,0 | 50,0 |
| • RELIGIÃO | %(n=50) | Elevado % (n=22) | Baixo %(n=28) |
| Não possui | 16,0 | 4,5 | 25,0 |
| Católica | 64,0 | 77,3 | 53,6 |
| Batista | 2,0 | - | 3,6 |
| Evangélica | 8,0 | - | 14,3 |
| Espírita | 8,0 | 13,6 | 3,6 |
| Protestante | 2,0 | 4,5 | - |
| • LOCAL DE NASCIMENTO | %(n=50) | Elevado %(n=22) | Baixo %(n=28) |
| Capital | 48,0 | 63,6 | 35,7 |
| Interior | 52,0 | 36,4 | 64,3 |

No que diz respeito ao número de filhos das mães da amostra, conforme podemos observar na Tabela 5, os maiores percentuais estão relacionados à quantidade de dois filhos (48,0%) e um filho (42,0%). Nenhuma mãe tem mais de quatro filhos. Quando comparamos os resultados dos grupos, o maior percentual encontrado nas mães de ambos os grupos também é de um a dois filhos. A maioria das mães de NSE elevado (59,1%) tem um filho, enquanto que mais da metade das mães de NSE baixo tem dois. É possível observar que nenhuma mãe de NSE elevado tem mais de três filhos. Este resultado sugere que as mães de ambos os grupos controlam a natalidade considerando que um percentual expressivo das mães dos dois grupos encontra-se na faixa de 20 a 30 anos. Além disso, um fato que não deve ser desprezado é o ingresso da mulher no mercado de trabalho que, de certa maneira, favoreceu às mães optar por menos filhos, como também a possibilidade de ter filhos com idade mais avançada.

Tabela 5- Distribuição percentual de mães de NSE elevado e baixo conforme número de filhos

| • NÚMERO DE FILHOS | %(n=50) | Elevado % (n=22) | Baixo % (n=28) |
|---------------------------|----------------|-----------------------------|---------------------------|
| Um filho | 42,0 | 59,1 | 28,6 |
| Dois filhos | 48,0 | 36,4 | 57,1 |
| Três filhos | 6,0 | 4,5 | 7,1 |
| Quatro filhos | 4,0 | - | 7,1 |

Na Tabela 6 é possível observar que um percentual expressivo das crianças mora com os pais (78,0%) e apenas 2,0% delas moram apenas com a mãe. Ao

analisarmos os grupos por status socioeconômico, a maioria das crianças tanto de NSE elevado (30,0%) quanto de NSE baixo (48,0%) mora com os pais, enquanto que nenhuma criança de NSE elevado mora apenas com a mãe e nenhuma criança de NSE baixo mora com avó e mãe. Estes resultados são importantes porque podemos perceber que a maioria das mães e suas crianças têm uma estrutura familiar nuclear, favorecendo a percepção das crenças e as práticas maternas mais valorizadas no cuidado com os filhos sem uma influência direta dos valores e modos de criar filhos considerados corretos por pessoas de outras gerações, como por exemplo avós, tios que compõem a família extensa.

Tabela 6 – Distribuição percentual das crianças por NSE conforme moradia

| • MORADIA DA CRIANÇA | %(n=50) | Elevado % (n=22) | Baixo % (n=28) |
|-----------------------------|----------------|-----------------------------|---------------------------|
| Mora com mãe | 2,0 | - | 2,0 |
| Mora com os pais | 78,0 | 30,0 | 48,0 |
| Mora com avó e mãe | 6,0 | 6,0 | - |
| Mora com avós e pais | 14,0 | 8,0 | 6,0 |

4.2 Metas de Socialização

As análises das entrevistas sobre metas de socialização foram baseadas nas respostas das mães a seis questões abertas. As respostas das primeiras quatro questões foram codificadas em cinco categorias e as frequências médias dos grupos foram comparadas através da análise de variância (ANOVA). As questões 5 e 6

foram dimensionadas quanto a estratégias de ação e codificadas em duas categorias: centradas em si e centradas no contexto.

Na Tabela 7 podemos observar que as categorias mais importantes para a amostra total de mães foram: *Expectativas sociais* (38,4%); *Auto-aperfeiçoamento* (21,7%) e *Bom comportamento* (20,1%).

Tabela 7 - Percentual médio das respostas das mães conforme as categorias

| CATEGORIAS | Total | | NSE Elevado | | NSE Baixo | | Sig. |
|----------------------|-------|------|-------------|------|-----------|------|------|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP | |
| Auto-aperfeiçoamento | 21,7% | 13,9 | 20,7% | 13,6 | 22,6% | 14,1 | |
| Auto-Controle | 12,8% | 9,6 | 16,0% | 10,3 | 9,5% | 8,8 | |
| Emotividade | 7,2% | 7,0 | 8,1% | 5,8 | 6,2% | 8,2 | |
| Expectativas Sociais | 38,4% | 18,2 | 39,2% | 21,4 | 37,5% | 15,0 | |
| Bom comportamento | 20,1% | 13,6 | 16,0% | 14,5 | 24,2% | 12,6 | |

Ao comparar os resultados dos grupos de mães é possível observar que nas respostas das mães de NSE elevado e baixo, há um predomínio da categoria *Expectativas sociais* (respectivamente 39,2% e 37,5%). Em relação às metas da categoria *Auto-aperfeiçoamento*, as mães de NSE elevado enfatizaram-na em segundo lugar (20,7%), enquanto que as mães de NSE baixo a consideraram como a terceira mais importante (22,6%). No entanto, ao observarmos as metas relacionadas à categoria *Bom comportamento* dá-se o oposto. Nas respostas das mães de NSE

elevado houve um predomínio menor em relação às respostas das mães de NSE baixo.

Quando o percentual médio das respostas dos grupos foi comparado pôde-se observar que o percentual médio das respostas relacionados às categorias *Expectativas sociais*; *Auto-aperfeiçoamento* e *Emotividade* não apresentaram grandes diferenças entre os dois grupos. Porém, em relação à categoria *Bom comportamento*, as respostas das mães de NSE baixo apresentaram um percentual médio maior (24,2%) do que as mães de NSE elevado (16,0%). A categoria de menor incidência

54

entre as mães de NSE elevado e baixo foi a de *Emotividade* e a que apresentou maior diferença entre o grupo de mães foi a de *Autocontrole*.

Estes resultados podem ser analisados nos termos utilizados por Kohn e seus estudos anteriores que indicaram que as mães de NSE baixo tendem a valorizar qualidades como a obediência e conformidade às prescrições sociais, enquanto que as mães de NSE elevado enfatizam qualidades como autoconfiança e habilidades relacionadas ao desempenho pessoal (Harwood, 2002). Nas qualidades mais valorizadas pelas mães de NSE baixo no presente estudo é possível constatar uma ênfase nas metas de interdependência, ao considerar que nas metas relacionadas ao bom comportamento, há uma preocupação com adequação do comportamento do indivíduo para garantir relacionamentos mais harmoniosos e obter uma maior aceitação do grupo, enquanto as qualidades a que as mães de NSE elevado dão maior ênfase têm por objetivo a autonomia e o sucesso pessoal, ou seja, as metas de independência. Essas diferenças podemos pensar em termos do contexto mais restrito, ao considerarmos que as mães de NSE baixo vivenciam um contexto no qual

se favorece ou são estabelecidos relacionamentos em que existe ajuda mútua entre seus membros com maior frequência do que as mães de NSE elevado.

Vale ressaltar que, embora seja possível encontrar metas que enfatizam a interdependência ou a independência nas respostas dos grupos de mães de NSE elevado e baixo, estas metas maternas não são exclusivas de cada grupo, porque apesar dos grupos, em certo sentido, viverem na mesma cultura, existe heterogeneidade nos valores e crenças dentro do mesmo grupo, que pode ser resultado da cultura ou do nível socioeconômico. Neste sentido, podemos observar que as mães de NSE baixo também enfatizaram qualidades relacionadas ao

55

aperfeiçoamento nas suas respostas, tanto quanto as mães de NSE elevado (respectivamente 22,6% e 20,7%), que são pertinentes com metas de independência.

As respostas das mães em cada categoria foram classificadas em algumas subcategorias. Nas subcategorias relacionadas ao *Auto-aperfeiçoamento*, as mães da amostra total ressaltaram mais nas suas respostas o *Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico* (63,1%), conforme pode ser visto na Tabela 8, enquanto que a subcategoria de menor incidência foi a *Desenvolvimento/independência psicológica* (12,5%).

Tabela 8 – Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Auto-aperfeiçoamento

| SUB-CATEGORIAS | Total | | NSE Elevado | | NSE Baixo | | Sig. |
|---|-------|------|-------------|------|-----------|------|------|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP | |
| Desenvolvimento potencial pessoal/econômico | 63,1% | 47,2 | 57,6% | 45,5 | 68,6% | 49,0 | |
| Bem estar emocional, físico, integração | 24,4% | 34,2 | 28,8% | 25,6 | 20,0% | 42,7 | |
| Desenvolvimento/independência | 12,5% | 26,9 | 13,6% | 24,8 | 11,4% | 29,0 | |

Ao compararmos as respostas das mães por grupo, tanto as mães de NSE elevado (57,6%) quanto as mães de NSE baixo (68,6%), houve um predomínio da subcategoria *Desenvolvimento potencial pessoal e econômico*. As mães de ambos os grupos ressaltaram mais qualidades como ser estudioso, ter uma boa profissão e ter seus próprios objetivos.

As expectativas que as mães dos dois grupos têm em relação aos filhos se assemelham e podem ser ilustradas¹ com as falas de Marcela (NSE elevado) e Vânia (NSE baixo) respectivamente:

“Que ele seja independente, uma pessoa que possa cuidar de si ... que ele tenha renda própria, que ele consiga trabalhar ...”

“É que estude, tenha um bom emprego, que fizesse uma faculdade ... que ele fosse assim sucedido, caminho reto e tivesse...um emprego, seus estudo e se tornasse assim um homem de bem e que a sociedade não impedisse que ele fosse tudo isso, entendeu?”

Também a subcategoria *Bem estar emocional, físico e integração* foi enfatizada nas respostas das mães de NSE elevado (28,8%) e de NSE baixo (20,0%).

Mães dos dois grupos mencionaram algumas expectativas em relação aos filhos:

... Eu gostaria que ela fosse uma pessoa alegre, ... fosse tranqüila ...”
(Ivone, NSE elevado)

... Felizes acima de tudo..bem de saúde ... (Elza, NSE elevado)

... Ser brincalhão ... (Lúcia, NSE baixo)

¹ Foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

No que diz respeito às subcategorias relacionadas à *Emotividade*, o total da amostra de mães enfatizou mais nas suas respostas o *Calor emocional* (92,9%). Quando analisamos as respostas das mães por grupo, conforme pode ser visto na Tabela 9, todas as mães de NSE elevado (100%) e a maior parte das mães de NSE baixo (85,8%) enfatizaram *Calor emocional* nas suas respostas. Ambos os grupos mencionaram qualidades como “ser carinhoso”, “ser meiga”, “ser dócil”; “ser amorosa”. Porém, houve uma diferença maior nas respostas que estavam relacionadas à subcategoria *Relações próximas com a família*, ao observarmos que apenas as mães de NSE baixo mencionaram como qualidade esperada no filho, por exemplo, “que ele seja meu amigo”.

57

Tabela 9 - Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Emotividade

| SUB-CATEGORIAS | Total | | NSE Elevado | | NSE Baixo | | Sig |
|---------------------------------|-------|------|-------------|----|-----------|-------|-----|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP | |
| Calor emocional | 92,9% | 65,4 | 100 | - | 85,8% | 130,8 | |
| Relações próximas com a família | 7,1% | 26,8 | 0 | - | 14,2% | 53,7 | |

É possível observar na Tabela 10 que nas respostas das mães da amostra houve um predomínio da subcategoria *Integridade pessoal e valores religiosos* (56,5%) relacionada a expectativas sociais, embora a subcategoria *Evitar comportamento ilícito* tenha alcançado um percentual médio um pouco menor (43,5%). Ao compararmos os grupos é possível constatar que as mães de NSE elevado e de NSE baixo apresentam algumas diferenças nas suas respostas para as subcategorias relacionadas a *Expectativas sociais*. A subcategoria *Integridade*

peçoal e valores religiosos é mais enfatizada nas respostas das mães de NSE elevado (64,0%) do que das mães de NSE baixo (49,0%). Entretanto, esta subcategoria obteve um elevado nível de significância ($p < 0,001$) quando analisadas as respostas entre grupos.

Tabela 10 - Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Expectativas sociais

| SUB-CATEGORIAS | Total | | NSE Elevado | | NSE Baixo | | Sig. |
|--|-------|------|-------------|------|-----------|------|------|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP | |
| Evitar comportamento ilícito | 43,5% | 35,0 | 36,0% | 39,3 | 51,0% | 30,8 | |
| Integridade pessoal e valores religiosos | 56,5% | 39,9 | 64,0% | 37,8 | 49,0% | 42,0 | 58 |

$p < 0,05^*$; $p < 0,01^{**}$; $p < 0,001^{***}$; $p < 0,0001^{****}$

As mães destacaram algumas qualidades que desejam para os seus filhos quando adultos conforme podemos ilustrar com as falas de Heloísa (NSE elevado) e Alana (NSE baixo) respectivamente:

Olha, o principal que eu acho é que ela tem que ser assim, ser uma pessoa íntegra, né? Ela tem que ser assim, eu gostaria (que fosse) honesta ... ciumenta, mentirosa eu não gostaria que ela fosse ...

Tenha caráter, uma pessoa de caráter ... ele só vai fazer o bem às pessoas, nenhum mal. Não desejar mal a ninguém.

No que diz respeito à subcategoria *Evitar comportamento ilícito*, nas respostas das mães de NSE baixo houve um predomínio maior (51,0%) do que nas respostas das mães de NSE elevado (36,0%) e ao analisar entre os grupos, o nível de significância foi menor ($p = 0,12$). Exemplos de comportamentos ilícitos que as mães desejam que sejam evitados por seus filhos na idade adulta podem ser ilustrados com as seguintes falas:

Não gostaria que fosse, ah, uma pessoa ruim, um marginal ... que usasse droga ... que andasse com pessoas ruins que traga incentivo ruim pro seu filho ... (Marta, NSE baixo)

... Eu não gostaria que se envolvesse com esses tipos assim de rua ... daí a pouco ta fumando como a gente vê muitas coisas aí erradas. A gente vê roubando, esse negócio de arma, eu não gosto, fumando essas coisas ... bebendo, eu não gosto de bebida. São muitas coisas que eu não gostaria que eles tivessem ... e eu vou lutar pra isso. (Margarida, NSE baixo)

Hoje, o que me preocupa muito é a questão do uso de drogas entre os adolescentes. Então é um medo que eu tenho e quero muito ... estabelecer esse vínculo de confiança com ela pra poder orientar, sabe? ... Porque hoje, um grande problema na sociedade é esse, dos adolescentes, é o uso de drogas, prostituição, essas coisas ... (Amália, NSE elevado)

59

É possível observar nas respostas das mães de NSE baixo uma preocupação maior em relação a evitar que o filho venha a se tornar um criminoso, além do uso de drogas. É possível que o contexto em que essas mães vivem favoreça uma exposição maior à criminalidade no seu cotidiano e resulta por influenciar nas suas metas, estratégias e práticas na criação dos seus filhos. Por outro lado, a maioria das mães dos dois grupos ressaltou a preocupação de comportamentos ilícitos, tais como o envolvimento dos seus filhos com drogas. Isto pode sugerir a influência não somente do contexto imediato, mas da cultura geral que, através da mídia, divulga informações que sugerem o aumento do uso de drogas em várias culturas por uma camada da população cada vez mais jovem, independente do nível socioeconômico.

No que diz respeito às subcategorias relacionadas ao *Bom comportamento*, do total de mães da amostra, 66,4% ressaltaram nas suas respostas a subcategoria

Respeitador, bem educado, enquanto que 33,6% enfatizaram *Obrigações relacionadas a papéis na família*, conforme pode ser visto na Tabela 11 a seguir.

Tabela 11 - Percentual médio das respostas das mães nas subcategorias conforme a categoria Bom comportamento

| SUB-CATEGORIAS | Total | | NSE Elevado | | NSE Baixo | | Sig. |
|---|-------|------|-------------|------|-----------|------|------|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP | |
| Respeitador, bem educado | 66,4% | 64,6 | 71,4% | 85,1 | 61,5% | 44,2 | |
| Obrigações relacionadas a papéis na família | 33,6% | 42,6 | 28,6% | 42,6 | 38,5% | 42,6 | |

Ao compararmos os resultados dos grupos tanto as mães de NSE elevado (71,4%) quanto as mães de NSE baixo (61,5%) evidenciaram mais nas suas respostas a subcategoria relacionada a ser *Respeitador, bem educado*. Esta subcategoria quando analisada entre grupos é estatisticamente não significativa ($p = 0,59$). Nas respostas, as mães ressaltaram a expectativa de que seus filhos sejam educados, respeitadores, obedientes como pode ser ilustrado nas seguintes falas:

... Respeitasse os próximos, os mais velhos, até os menores mesmo ... (Julia, NSE baixo)

... uma pessoa bem educada..uma pessoa respeitadora ... um homem respeitado, respeitoso ... (Débora, NSE elevado)

Quanto à subcategoria *Obrigações relacionadas a papéis na família*, houve um maior destaque pelas mães de NSE baixo (38,5%). Contudo, ao analisar as respostas para esta subcategoria entre grupos obteve-se maior nível de significância ($p = 0,08$). Esta subcategoria é mais condizente com metas de interdependência, ao sugerir que uma vida satisfatória depende do bom desempenho de papéis e

obrigações sociais, como por exemplo “ser um bom filho”, “ser uma boa esposa”, “ajudar os pais na velhice”, como ilustram algumas falas:

Eu quero que ele seja atencioso comigo e com o pai, com a família ... e que dê importância pra mim ... (Simone, NSE baixo)

... Essa coisa boa de família, de estar sempre presente junto com a família... (Mara, NSE elevado)

Que ela seja uma boa filha, né? E o que eu puder fazer por ela hoje, eu vou fazer, pra amanhã, depois, ela ser uma menina como eu desejo que ela seja... (Maria, NSE baixo)

As estratégias de ação mencionadas pelas mães foram classificadas em duas dimensões: *Centradas em si* e *Centradas no contexto*. Através da Tabela 12 podemos observar que as estratégias de ação *Centradas em si* foram as mais ressaltadas pelas mães da amostra (80,2%). Quando os resultados dos grupos de mães foram comparados, de modo semelhante, as estratégias de ação *Centradas em si* foram as mais enfatizadas pelas mães de ambos os grupos. As respostas das mães de NSE elevado alcançaram um percentual médio de 78,6%, enquanto que, nas respostas das mães de NSE baixo, o percentual médio foi de 81,9%. Ao analisar esta estratégia entre grupos, não foram encontradas diferenças significativas ($p = 0,36$).

Tabela 12 - Percentual médio das respostas das mães conforme as estratégias de ação

| ESTRATÉGIAS | Total | | NSE Elevado | | NSE Baixo | | Sig. |
|-----------------|-------|------|-------------|------|-----------|------|------|
| | Média | DP | Média | DP | Média | DP | |
| Centradas em si | 80,2% | 41,3 | 78,6 | 39,9 | 81,9 | 42,7 | |
| Centradas no | 19,8% | 18,4 | 21,4 | 22,8 | 18,1 | 13,9 | * |

Podemos ilustrar as estratégias mais citadas pelas mães através das seguintes falas:

... Uma boa educação em casa, bons exemplos em casa ... eu acho que eu mesma por ser mãe devo ensinar, o pai também deve ensinar ... ser amiga das minhas filhas ... conversar ... ter um diálogo legal com elas, abrir o jogo mesmo ... ter a cabeça aberta pra poder dizer realmente a ela..o que deve fazer, o que não deve, entendeu? ... (Júlia, NSE baixo)

... Cabe aos pais orientar, acompanhar, saber respeitar também a individualidade dele ... tem que saber respeitar quando ele fala ... o amor ... se você der amor, o resto vem fácil, porque o que a criança sente mais falta é de se sentir amada ...” (Lourdes, NSE elevado)

... Bom exemplo eu acho que é um fator fundamental ... acho que o exemplo que as crianças têm em casa..ensinar..mas não só na teoria, mas na prática ... carinho ... (Nara, NSE baixo)

As mães de NSE elevado enfatizaram mais as estratégias *Centradas nos contextos* nas suas respostas (21,4%) do que as mães de NSE baixo (18,1%). Ao analisar as respostas das mães relacionadas a esta estratégia entre grupos, percebe-se que, estatisticamente, são significativas ($p = 0,03$). As estratégias mais citadas pelas mães estavam relacionadas à educação formal e religiosa - “colocar em escolas boas”; “colocar na Igreja” - e a contextos que possibilitem a socialização das crianças através do convívio com outras pessoas (por exemplo “conviver com irmãos, primos”); ou ainda a ambientes que favoreçam o desenvolvimento da criança de modo saudável como “ter um ambiente familiar tranquilo”. Talvez a ênfase menor dada pelas mães de NSE baixo às estratégias *Centradas no contexto* seja decorrente da escassez de recursos no seu próprio contexto de vida, que resulta na impossibilidade de oferecer uma educação de qualidade através da educação pública,

uma vez que esta não oferece a qualidade desejada por essas mães. Na maioria das vezes, a alternativa que essas mães têm para oferecer uma educação de qualidade para seus filhos depende exclusivamente do seu esforço pessoal e não dos contextos externos disponíveis. 63

4.3 Práticas e crenças maternas

A partir do inventário de práticas e crenças maternas, como pode ser visto na Tabela 13, foi calculado o escore médio das práticas consideradas mais importantes pelo total de mães. As práticas que apresentaram médias mais altas (médias acima de 4,3, significando “muito” a “extremamente importante”, conforme estudo de Suizzo) foram os primeiros quatorze itens de práticas. Neste grupo de práticas, existem algumas direcionadas para a estimulação cognitiva, vinculações afetivas, outras para as necessidades básicas, cuidados e higiene da criança e também o relacionamento inter-pessoal.

Nas sete práticas que alcançaram uma média maior ou igual a 4,0 e menor do que 4,3 (avaliadas como “muito importante”) existem aquelas cujos objetivos são também: estimular a cognição da criança através da exposição a objetos, outras crianças; desenvolver as suas preferências propiciando-lhe autonomia, cuidados de higiene e alimentação.

Há duas práticas que estão relacionadas ao controle emocional dos pais na presença das crianças e que foram consideradas muito importantes pelas mães: não

demonstrar para a criança quando se está triste e nunca gritar com a criança quando estiver com raiva.

Por outro lado, os três itens de práticas que apresentaram média 64 do que 1,75 (avaliadas como “pouco importante”, conforme estudo de Suizzo) estão relacionadas a punir, mimar a criança e arranjos de dormir, enquanto que as duas práticas que receberam as menores médias foram: deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto (0,12), semelhante aos pais franceses do estudo de Suizzo, e deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica em ocasião especial (0,02). A maioria das mães relatou que não permitiriam a seus filhos provar bebida alcoólica em ocasiões especiais e nem deixariam suas crianças sozinhas em momento algum.

Além das médias percentuais das práticas avaliadas quanto ao nível de importância dada pelo total da amostra de mães, também foram obtidas as médias percentuais das práticas de acordo com o nível de importância dada pelas mães conforme o nível socioeconômico. É possível observar na Tabela 13 que dezenove itens de práticas foram considerados “extremamente importantes” (médias acima de 4,3) pelas mães de NSE elevado. Algumas práticas estão voltadas para estimular o desenvolvimento cognitivo da criança; outras estão direcionadas para suprir as necessidades e higiene básica da criança, como também apresentar um comportamento adequado, favorecer o vínculo afetivo e autonomia da criança.

As práticas consideradas “muito importantes” (média maior ou igual a 4,0 e menor do que 4,3) pelas mães de NSE elevado estão associadas ao controle emocional dos pais (nunca gritar com a criança quando estiver com raiva); ao favorecimento das necessidades básicas de alimentação, sono do bebê (preparar

sopinhas para o bebê; colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas); a socialização da criança (deixar o bebê brincar com outras da mesma idade e chamar a atenção do bebê para pessoas) e respeito à individualidade da criança (respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir). 65

E, finalmente, nove práticas foram avaliadas como “pouco importantes” pelas mães de NSE elevado (médias menores que 1,75). Algumas práticas estavam relacionadas a acalantar e mimar a criança; autocontrole emocional da criança; cuidados com o bebê; punir a criança ao cometer erros e arranjo de dormir. Das nove práticas avaliadas, duas que apresentaram médias menores foram aquelas que as mães de NSE elevado não concordaram, como deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto (0,00) e deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial (0,00).

Quando analisadas as onze práticas consideradas “extremamente importantes” pelas mães de nível socioeconômico baixo (média acima de 4,3) observa-se que estas práticas estão direcionadas à estimulação da criança, ensino de comportamentos socialmente adequados, vínculo afetivo e cuidados básicos com o bebê.

As doze práticas que foram avaliadas como “muito importantes” (médias entre 4,3 e 4,0) pelas mães de NSE baixo estão relacionadas a estimular a criança através de brinquedos, leituras, objetos e toque; aos cuidados de higiene e necessidades básicas da criança, apesar da maioria destas mães ter poucos recursos materiais para oferecer aos seus filhos.

As práticas consideradas de “pouca importância” (média menor que 1,75) pelas mães de NSE baixo foram: fazer com que a criança brinque tanto com

brinquedos de meninas quanto de meninos; estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição; deixar o bebê dormir na cama dos pais; ficar bastante com o bebê no colo. As práticas que alcançaram as menores médias foram: deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto (0,21) e deixar : 66
provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial (0,11). Semelhantes ...
mães de NSE elevado, estas duas práticas também não foram aceitas pelas mães de nível socioeconômico baixo ao relatarem que não concordam com tais práticas.

Ao comparar as médias das mães de níveis socioeconômicos elevado e baixo observamos que todas as práticas avaliadas como “extremamente importantes” pelas mães de NSE baixo foram igualmente consideradas pelas mães de NSE elevado. Entretanto, as mães de NSE elevado avaliaram um número maior de práticas como “extremamente importantes”. Enquanto as mães de NSE baixo consideraram onze práticas, as mães de NSE elevado consideraram oito práticas além das onze mencionadas pelas mães do outro grupo totalizando dezenove práticas.

Em relação às práticas avaliadas como “muito importantes” por ambos os grupos, podemos observar que ocorreram algumas semelhanças. Temos como exemplo, preparar sopinhas para o bebê; jamais gritar com a criança quando estiver com raiva e colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas.

Algumas práticas que as mães de elevado nível socioeconômico consideraram “extremamente importantes” (não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca; trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir; oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos; não deixar que o bebê se torne muito dependente da mãe e chamar a atenção do bebê para objetos) foram consideradas como “muito importantes” pelas mães de NSE baixo. Interessante que a prática de

“massagear o bebê” foi considerada de maior importância pelas mães de NSE baixo do que as de elevado nível socioeconômico, uma vez que é uma prática alternativa mais divulgada em revistas leigas, cujo consumidor mais freqüente tem nível socioeconômico mais elevado.

67

Tabela 13 – Escores médios do Inventário das práticas e crenças maternas da amostra total e por nível socioeconômico

| Item | Média | DP | NSE Elevado | | NSE Baixo | |
|--|--------------|-----------|--------------------|--------|------------------|--------|
| Dar banho no bebê todos os dias | 4,82 | (0,39) | 5,00 | (0,00) | 4,68 | (0,48) |
| Conversar bastante com a criança | 4,73 | (0,45) | 4,82 | (0,39) | 4,68 | (0,48) |
| Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome | 4,65 | (0,52) | 4,86 | (0,35) | 4,50 | (0,58) |
| Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê | 4,61 | (0,49) | 4,77 | (0,43) | 4,50 | (0,51) |
| Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras | 4,59 | (0,50) | 4,73 | (0,46) | 4,50 | (0,51) |
| Não deixar que a criança veja os pais brigando | 4,59 | (0,86) | 4,73 | (0,55) | 4,46 | (1,04) |
| Amamentar o bebê no peito até seis meses | 4,57 | (0,61) | 4,73 | (0,46) | 4,39 | (0,74) |
| Ensinar a criança a se comportar em público | 4,55 | (0,71) | 4,55 | (0,91) | 4,57 | (0,50) |
| Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer | 4,51 | (0,74) | 4,41 | (0,96) | 4,61 | (0,50) |
| Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca | 4,49 | (0,85) | 4,68 | (0,57) | 4,25 | (1,08) |
| Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê | 4,47 | (0,58) | 4,59 | (0,59) | 4,39 | (0,57) |
| Fazer com que a criança prove diferentes alimentos | 4,45 | (0,61) | 4,55 | (0,51) | 4,39 | (0,69) |
| Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato,olfato, paladar) | 4,37 | (0,91) | 4,64 | (0,49) | 4,18 | (1,09) |
| Ler histórias para a criança | 4,31 | (0,77) | 4,45 | (0,60) | 4,14 | (0,89) |
| Trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir | 4,27 | (0,76) | 4,32 | (0,95) | 4,25 | (0,59) |
| Chamar atenção do bebê para objetos | 4,24 | (1,01) | 4,55 | (0,67) | 4,04 | (1,17) |
| Estimular a criança a brincar em grupo | 4,24 | (0,90) | 4,64 | (0,49) | 3,96 | (1,04) |
| Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva | 4,20 | (0,96) | 4,23 | (1,15) | 4,14 | (0,80) |
| Preparar sopinhas para o bebê | 4,16 | (0,87) | 4,14 | (1,04) | 4,14 | (0,76) |
| Não deixar que o bebê se torne muito dependente da mãe | 4,16 | (0,72) | 4,32 | (0,72) | 4,07 | (0,72) |
| Estimular a criança a desenvolver suas preferências | 4,12 | (0,95) | 4,41 | (0,59) | 3,89 | (1,10) |
| Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas | 4,10 | (0,87) | 4,05 | (0,84) | 4,14 | (0,89) |
| Não demonstrar para a criança quando se | 4,00 | (1,21) | 3,59 | (1,53) | 4,18 | (1,09) |

| | | | | | | |
|--|------|--------|------|--------|------|--------|
| está triste | | | | | | |
| Massagear o bebê | 3,96 | (0,89) | 3,73 | (1,03) | 4,11 | (0,74) |
| Chamar a atenção do bebê para pessoas | 3,94 | (1,07) | 4,00 | (1,02) | 3,89 | (1,10) |
| Deixar o bebê brincar com outros da mesma idade | 3,92 | (0,91) | 4,05 | (0,95) | 3,86 | (0,89) |
| Colocar a criança no peniquinho assim que ela for capaz de se sentar sozinha | 3,92 | (1,40) | 3,36 | (1,89) | 4,21 | (0,96) |
| Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir | 3,73 | (1,66) | 4,00 | (1,72) | 3,57 | (1,60) |
| Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade | 3,69 | (1,31) | 3,45 | (1,01) | 3,86 | (1,48) |
| Não viver apenas em função do bebê | 3,69 | (1,08) | 3,91 | (1,27) | 3,57 | (0,92) |
| Ser muito tolerante com a criança | 3,59 | (1,49) | 3,59 | (1,50) | 3,46 | (1,62) |
| Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente) | 3,51 | (1,10) | 3,50 | (1,30) | 3,57 | (0,96) |
| Estimular criança a brincar com outras de diferentes classes sociais | 3,10 | (1,42) | 3,68 | (0,95) | 2,71 | (1,61) |
| Criar a criança com crenças religiosas | 3,08 | (1,75) | 3,18 | (1,56) | 2,89 | (1,97) |
| Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes | 2,96 | (1,55) | 3,68 | (1,17) | 2,46 | (1,64) |
| Estimular a criança a brincar sozinha | 2,96 | (1,53) | 3,32 | (1,59) | 2,57 | (1,50) |
| Nunca bater na criança | 2,73 | (1,77) | 2,77 | (1,95) | 2,61 | (1,69) |
| Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar | 2,55 | (1,77) | 2,77 | (1,63) | 2,29 | (1,90) |
| Levar a criança para comer fora de casa (lanchonetes, casas de outras pessoas, etc.) | 2,35 | (1,58) | 2,55 | (1,37) | 2,18 | (1,70) |
| Ensinar a criança a não chorar em público | 2,29 | (1,79) | 1,36 | (1,68) | 3,00 | (1,52) |
| Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê | 2,27 | (1,90) | 1,05 | (1,40) | 3,26 | (1,68) |
| Utilizar uma voz de criança para falar com o bebê | 2,04 | (1,86) | 1,41 | (1,56) | 2,57 | (1,91) |
| Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição | 2,00 | (1,80) | 2,86 | (1,73) | 1,32 | (1,54) |
| Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas quanto de meninos | 1,94 | (1,76) | 2,64 | (1,71) | 1,43 | (1,62) |
| Dar chupeta para o bebê | 1,90 | (1,70) | 1,45 | (1,53) | 2,25 | (1,73) |
| Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada | 1,59 | (1,77) | 0,68 | (1,29) | 2,25 | (1,80) |
| Deixar o bebê dormir na cama dos pais | 1,00 | (1,41) | 0,68 | (1,13) | 1,32 | (1,59) |
| Ficar bastante com o bebê no colo | 0,98 | (1,39) | 0,91 | (1,38) | 1,00 | (1,41) |
| Deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto | 0,12 | (0,63) | 0,0 | (0,00) | 0,21 | (0,83) |
| Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial | 0,02 | (0,14) | 0,0 | (0,00) | 0,11 | (0,42) |

68

A análise inicial do inventário de práticas e crenças maternas foi realizada através da análise fatorial exploratória dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças (CINPE) com o objetivo de identificar dimensões das crenças maternas. Seguindo os procedimentos usados no estudo de Suizzo (2002), a análise exploratória dos fatores foi realizada na amostra total de 50 mães e utilizou-se

como método a análise fatorial de “componentes principais” e método de rotação Varimax, com normalização de Kaiser. Como pode ser visto na Tabela 14 e ainda conforme o estudo de Suizzo (2002) foi solicitada uma extração para 4 fatores e mantidos os itens com cargas fatoriais acima de 0,30. O Alpha de Cronbach (69 de confiabilidade) considerado como adequado para essa análise foi a partir de 0,70.

Tabela 14 - Sumário das Cargas Fatoriais dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças e escores médios dos respondentes (N=50)

| Item | Média | | DP | | | |
|--|-------|--------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Estimular criança a brincar com outras de costumes diferentes | 2,96 | (1,55) | 0,15 | | 0,49 | |
| Estimular criança a brincar com outras de diferentes classes sociais | 3,10 | (1,42) | 0,20 | 0,15 | | 0,49 |
| Deixar bebê brincar com outros da mesma idade | 3,92 | (0,91) | 0,39 | 0,55 | 0,22 | 0,13 |
| Chamar atenção do bebê para objetos | 4,24 | (1,01) | 0,65 | | 0,15 | |
| Estimular a criança a desenvolver suas preferências | 4,12 | (0,95) | 0,20 | | 0,31 | |
| Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras | 4,59 | (0,50) | 0,56 | 0,17 | 0,16 | 0,14 |
| Estimular a criança a brincar em grupo | 4,24 | (0,90) | 0,58 | | 0,25 | 0,18 |
| Estimular a criança a brincar sozinha | 2,96 | (1,53) | | 0,14 | 0,73 | |
| Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato,olfato, paladar) | 4,37 | (0,91) | 0,50 | | | |
| Chamar a atenção do bebê para pessoas | 3,94 | (1,07) | 0,52 | 0,48 | | |
| Ler histórias para a criança | 4,31 | (0,77) | 0,55 | 0,14 | | |
| Conversar bastante com a criança | 4,73 | (0,45) | 0,57 | | | |
| Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê | 4,47 | (0,58) | 0,51 | 0,15 | | |
| Fazer com que a criança prove diferentes alimentos | 4,45 | (0,61) | 0,53 | | | -0,21 |
| Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas quanto de meninos | 1,94 | (1,76) | 0,14 | | 0,35 | 0,28 |
| Massagear o bebê | 3,96 | (0,89) | 0,19 | 0,69 | | -0,26 |
| Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca | 4,49 | (0,85) | 0,22 | | 0,54 | -0,45 |
| Não deixar que a criança veja os pais brigando | 4,59 | (0,86) | | | 0,61 | -0,40 |
| Trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir | 4,27 | (0,76) | 0,13 | 0,64 | 0,41 | 0,17 |

| | | | | | | |
|--|------|--------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas | 4,10 | (0,87) | | 0,43 | 0,31 | 0,36 |
| Não demonstrar para a criança quando se está triste | 4,00 | (1,21) | | 0,61 | -0,23 | -0,18 |
| Dar banho no bebê todos os dias | 4,82 | (0,39) | 0,64 | | 0,21 | 0,19 |
| Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer | 4,51 | (0,74) | 0,13 | 0,72 | 0,13 | 0,13 |
| Ensinar a criança a se comportar em público | 4,55 | (0,71) | 0,20 | 0,74 | 0,21 | 0,17 |
| Preparar sopinhas para o bebê | 4,16 | (0,87) | 0,22 | 0,74 | | |
| Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade | 3,69 | (1,31) | | 0,40 | 0,31 | -0,23 |
| Amamentar o bebê no peito até seis meses | 4,57 | (0,61) | 0,53 | 0,25 | 0,15 | |
| Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar | 2,55 | (1,77) | -0,23 | 0,15 | 0,21 | 0,59 |
| Ficar bastante com o bebê no colo | 0,98 | (1,39) | -0,23 | | -0,15 | 0,68 |
| Não viver apenas em função do bebê | 3,69 | (1,08) | | 0,41 | | 0,19 |
| Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê | 4,61 | (0,49) | 0,72 | 0,23 | | 0,10 |
| Não deixar que o bebê se torne muito dependente da mãe | 4,16 | (0,72) | 0,43 | 0,16 | | -0,29 |
| Ser muito tolerante com a criança | 3,59 | (1,49) | 0,41 | 0,14 | | -0,19 |
| Nunca bater na criança | 2,73 | (1,77) | | 0,38 | -0,11 | 0,41 |
| Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva | 4,20 | (0,96) | 0,28 | 0,74 | | |
| Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente) | 3,51 | (1,10) | 0,30 | 0,62 | -0,19 | |
| Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome | 4,65 | (0,52) | 0,69 | | | |
| Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir | 3,73 | (1,66) | 0,13 | | -0,16 | |
| Ensinar a criança a não chorar em público | 2,29 | (1,79) | -0,38 | 0,47 | | -0,45 |
| Deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto | 0,12 | (0,63) | -0,41 | | 0,16 | |
| Colocar a criança no peniquinho assim que ela for capaz de se sentar sozinha | 3,92 | (1,40) | -0,13 | 0,19 | -0,39 | -0,48 |
| Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial | ,02 | (0,14) | -0,34 | -0,21 | | |
| Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada | 1,59 | (1,77) | -0,40 | 0,27 | 0,13 | -0,42 |
| Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição | 2,00 | (1,80) | 0,30 | | 0,47 | 0,15 |
| Deixar o bebê dormir na cama dos pais | 1,00 | (1,41) | 0,12 | | -0,44 | 0,26 |
| Criar a criança com crenças religiosas | 3,08 | (1,75) | -0,14 | 0,22 | 0,55 | |
| Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê | 2,27 | (1,90) | -0,38 | 0,39 | -0,28 | |
| Utilizar uma voz de criança para falar com o bebê | 2,04 | (1,86) | | 0,34 | -0,56 | -0,11 |
| Dar chupeta para o bebê | 1,90 | (1,70) | -0,28 | | 0,15 | -0,16 |
| Levar a criança para comer fora de casa | 2,35 | (1,58) | | 0,14 | 0,52 | -0,12 |

| | |
|--|--|
| (lanchonetes, casas de outras pessoas, etc.) | |
|--|--|

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization

71

Podemos observar na Tabela 15 que esta análise produziu agrupamentos de itens não coerentes entre si. Os 38 itens agrupados nos quatro fatores são, às vezes, incongruentes entre si, tanto no sentido empírico quanto teoricamente. Por exemplo, no Fator 1 que corresponde a “despertar e expor a criança a diversos estímulos” foram agrupados itens como “dar banho no bebê todos os dias”, “estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê”, que corresponderia melhor ao Fator 2 (garantir apresentação adequada da criança) e ao Fator 3 (responder e vincular-se à criança) respectivamente. Também constatamos que o Fator 4, como no estudo de Suizzo (2002), não produziu um agrupamento homogêneo de itens; todos os itens que foram agrupados neste fator (exercer controle rígido e estrito sobre a criança) apresentam incoerências, como por exemplo, estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais; pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar; ficar bastante com o bebê no colo e nunca bater na criança.

É possível que essas incoerências encontradas em todos os fatores e os itens das práticas agrupados sejam decorrentes de alguns motivos anteriormente mencionados, como por exemplo, o tamanho menor da nossa amostra (N = 50), enquanto que no estudo de Suizzo, o número de casos foi consideravelmente maior (N = 455), o que fortalece a análise dos seus resultados. Por outro lado, há a possibilidade de que as idéias sustentadas por pais franceses sejam diferentes das

valorizadas por mães brasileiras, em virtude das distintas realidades que vivenciam e das crenças que podem ser mais valorizadas conforme a particularidade de cada cultura (francesa e brasileira).

Os testes KMO e da esfericidade de Bartlett utilizados no estudo de Suizzo (2002) não foram possíveis para esta análise, mas adotou-se o valor da 72 como critério de permanência ou exclusão do item.

Tabela 15 - Sumário das Cargas Fatoriais dos 38 itens resultantes da Análise Fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças, organizados por fatores, e escores médios dos respondentes (N = 50)

| Item | Média | | DP | | Carga Fatorial | |
|--|-------|--------|-------------|-------------|----------------|-------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Chamar atenção do bebê para objetos | 4,24 | (1,01) | 0,65 | | 0,15 | |
| Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras | 4,59 | (0,50) | 0,56 | 0,17 | 0,16 | 0,14 |
| Estimular a criança a brincar em grupo | 4,24 | (0,90) | 0,58 | | 0,25 | 0,18 |
| Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato,olfato, paladar) | 4,37 | (0,91) | 0,50 | | | |
| Ler histórias para a criança | 4,31 | (0,77) | 0,55 | 0,14 | | |
| Conversar bastante com a criança | 4,73 | (0,45) | 0,57 | | | |
| Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê | 4,47 | (0,58) | 0,51 | 0,15 | | |
| Fazer com que a criança prove diferentes alimentos | 4,45 | (0,61) | 0,53 | | | -0,21 |
| Dar banho no bebê todos os dias | 4,82 | (0,39) | 0,64 | | 0,21 | 0,19 |
| Amamentar o bebê no peito até seis meses | 4,57 | (0,61) | 0,53 | 0,25 | 0,15 | |
| Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê | 4,61 | (0,49) | 0,72 | 0,23 | | 0,10 |
| Não deixar que o bebê se torne muito dependente da mãe | 4,16 | (0,72) | 0,43 | 0,16 | | -0,29 |
| Ser muito tolerante com a criança | 3,59 | (1,49) | 0,41 | 0,14 | | -0,19 |
| Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome | 4,65 | (0,52) | 0,69 | | | |
| Deixar bebê brincar com outros da mesma idade | 3,92 | (0,91) | 0,39 | 0,55 | 0,22 | 0,13 |
| Massagear o bebê | 3,96 | (0,89) | 0,19 | 0,69 | | -0,26 |
| Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas | 4,10 | (0,87) | | 0,43 | 0,31 | 0,36 |
| Não demonstrar para a criança quando se está triste | 4,00 | (1,21) | | 0,61 | -0,23 | -0,18 |

| | | | | | | |
|--|------|--------|-------|-------------|-------------|-------------|
| Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer | 4,51 | (0,74) | 0,13 | 0,72 | 0,13 | 0,13 |
| Ensinar a criança a se comportar em público | 4,55 | (0,71) | 0,20 | 0,74 | 0,21 | 0,17 |
| Preparar sopinhas para o bebê | 4,16 | (0,87) | 0,22 | 0,74 | | |
| Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade | 3,69 | (1,31) | | 0,40 | 0,31 | -0,23 |
| Não viver apenas em função do bebê | 3,69 | (1,08) | | 0,41 | | 0,19 |
| Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva | 4,20 | (0,96) | 0,28 | 0,74 | | |
| Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente) | 3,51 | (1,10) | 0,30 | 0,62 | -0,19 | |
| Ensinar a criança a não chorar em público | 2,29 | (1,79) | -0,38 | 0,47 | | -0,45 |
| Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê | 2,27 | (1,90) | -0,38 | 0,39 | -0,28 | |
| Utilizar uma voz de criança para falar com o bebê | 2,04 | (1,86) | | 0,34 | -0,56 | -0,11 |
| Estimular criança a brincar com outras de costumes diferentes | 2,96 | (1,55) | 0,15 | | 0,49 | |
| Estimular a criança a desenvolver suas preferências | 4,12 | (0,95) | 0,20 | | 0,31 | |
| Estimular a criança a brincar sozinha | 2,96 | (1,53) | | 0,14 | 0,73 | |
| Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca | 4,49 | (0,85) | 0,22 | | 0,54 | -0,45 |
| Não deixar que a criança veja os pais brigando | 4,59 | (0,86) | | | 0,61 | -0,40 |
| Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição | 2,00 | (1,80) | 0,30 | | 0,47 | 0,15 |
| Criar a criança com crenças religiosas | 3,08 | (1,75) | -0,14 | 0,22 | 0,55 | |
| Levar a criança para comer fora de casa (lanchonetes, casas de outras pessoas, etc.) | 2,35 | (1,58) | | 0,14 | 0,52 | -0,12 |
| Estimular criança a brincar com outras de diferentes classes sociais | 3,10 | (1,42) | 0,20 | 0,15 | | 0,49 |
| Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar | 2,55 | (1,77) | -0,23 | 0,15 | 0,21 | 0,59 |
| Ficar bastante com o bebê no colo | 0,98 | (1,39) | -0,23 | | -0,15 | 0,68 |
| Nunca bater na criança | 2,73 | (1,77) | | 0,38 | -0,11 | 0,41 |

73

Ainda replicando os mesmos procedimentos utilizados por Suizzo (2002), calculou-se o eigenvalue para cada fator. Conforme pode ser visto na Tabela 16, o Fator 4 apresentou um índice de confiabilidade abaixo de 0,70, a média mais baixa

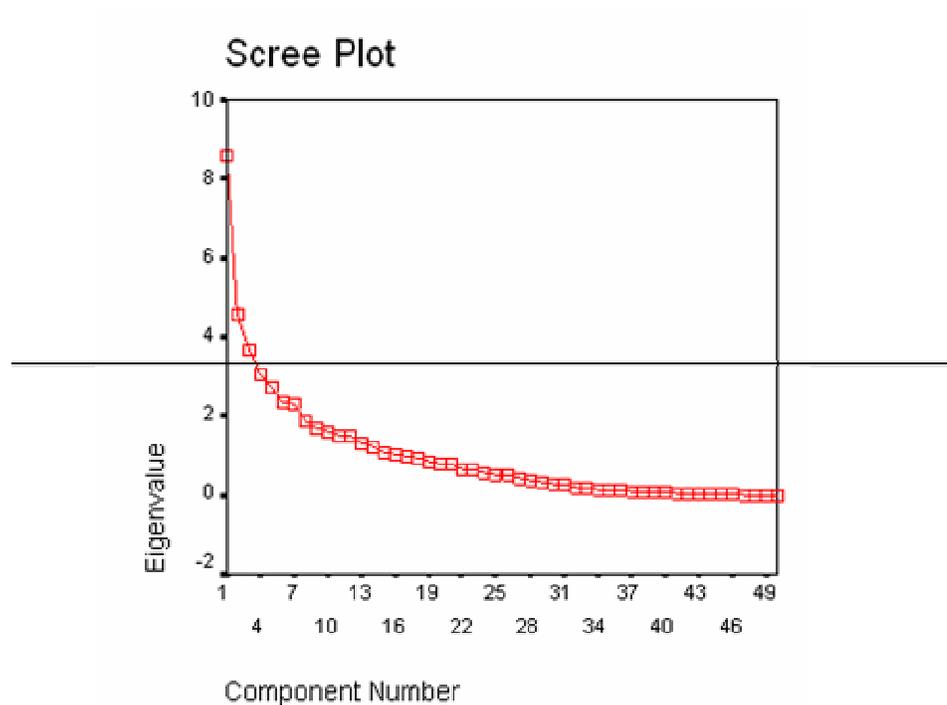
de 2,32 e desvio padrão de 1,08 que foi o mais elevado ao compararmos com os outros fatores indicando uma maior dispersão nos dados obtidos e evidenciando não adequação deste fator para a análise realizada.

Tabela 16 - Distribuição dos eigenvalue, índice de confiabilidade e média dos fatores

| Fator | Eigenvalue (% da variância explicada) | Alpha de Cronbach | Média (DP) | Mínimo | Máximo |
|---|--|--------------------------|-------------------|---------------|---------------|
| Despertar e expor a criança a diversos estímulos | 8,58 (17,2) | 0,80 | 4,41 (0,41) | 3,36 | 5,0 |
| Garantir a apresentação adequada da criança | 4,58 (9,2) | 0,79 | 3,63 (0,62) | 0,71 | 4,71 |
| Responder e vincular-se à criança | 3,65 (7,3) | 0,70 | 3,3 (0,81) | 0,63 | 4,88 |
| Exercer controle rígido e estrito sobre a criança | 3,06 (6,1) | 0,59 | 2,32 (1,08) | 0 | 4,75 |

Continuando a replicar os procedimentos do estudo de Suizzo (2002), realizou-se a análise pelo “Scree Test” e constatou-se que a melhor solução para essa análise seria considerar três fatores devido à pequena variância encontrada na explicação dos fatores conforme podemos visualizar na Figura 1.

Figura 1



Diante das incoerências e limitações observadas nos resultados obtidos na replicação dos procedimentos utilizados no estudo de Suizzo (2002), resolvemos alterar nossa análise dos 50 itens, forçando uma solução de três fatores, com método de extração de análise fatorial de “componentes principais” e método de rotação Varimax com normalização de Kaiser conforme pode ser observado na Tabela 17 a seguir.

Tabela 17 - Sumário das Cargas Fatoriais dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças e escores médios dos respondentes (N = 50) - Supressas as cargas fatoriais inferiores a 0.4

| Item | Média | DP | Carga Fatorial | | |
|--|-------|--------|----------------|-------------|-------------|
| | | | 1 | 2 | 3 |
| Estimular criança a brincar com outras de costumes diferentes | 2,96 | (1,55) | | | 0,49 |
| Estimular criança a brincar com outras de diferentes classes sociais | 3,10 | (1,42) | | | |
| Deixar bebê brincar com outros da mesma idade | 3,92 | (0,91) | 0,4 | 0,56 | |
| Chamar atenção do bebê para objetos | 4,24 | (1,01) | 0,63 | | |
| Estimular a criança a desenvolver suas preferências | 4,12 | (0,95) | | | |
| Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras | 4,59 | (0,50) | 0,57 | | |
| Estimular a criança a brincar em grupo | 4,24 | (0,90) | 0,59 | | |
| Estimular a criança a brincar sozinha | 2,96 | (1,53) | | | 0,71 |
| Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato,olfato, paladar) | 4,37 | (0,91) | 0,50 | | |
| Chamar a atenção do bebê para pessoas | 3,94 | (1,07) | 0,51 | 0,48 | |
| Ler histórias para a criança | 4,31 | (0,77) | 0,54 | | |
| Conversar bastante com a criança | 4,73 | (0,45) | 0,56 | | |
| Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê | 4,47 | (0,58) | 0,51 | | |
| Fazer com que a criança prove diferentes alimentos | 4,45 | (0,61) | 0,48 | | |
| Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas quanto de meninos | 1,94 | (1,76) | | | |
| Massagear o bebê | 3,96 | (0,89) | | 0,67 | |
| Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca | 4,49 | (0,85) | | | 0,60 |
| Não deixar que a criança veja os pais brigando | 4,59 | (0,86) | | | 0,64 |
| Trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir | 4,27 | (0,76) | | 0,67 | |
| Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas | 4,10 | (0,87) | | 0,46 | |
| Não demonstrar para a criança quando se está triste | 4,00 | (1,21) | | 0,59 | |
| Dar banho no bebê todos os dias | 4,82 | (0,39) | 0,66 | | |
| Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer | 4,51 | (0,74) | | 0,73 | |
| Ensinar a criança a se comportar em público | 4,55 | (0,71) | | 0,76 | |
| Preparar sopinhas para o bebê | 4,16 | (0,87) | | 0,74 | |
| Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade | 3,69 | (1,31) | | 0,40 | |
| Amamentar o bebê no peito até seis meses | 4,57 | (0,61) | 0,54 | | |
| Pegar o bebê no colo logo que ele comece a | 2,55 | (1,77) | | | |

| | | | | |
|--|------|--------|-------------|-------------|
| chorar | | | | |
| Ficar bastante com o bebê no colo | 0,98 | (1,39) | | |
| Não viver apenas em função do bebê | 3,69 | (1,08) | | 0,42 |
| Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê | 4,61 | (0,49) | 0,73 | |
| Não deixar que o bebê se torne muito dependente da mãe | 4,16 | (0,72) | | |
| Ser muito tolerante com a criança | 3,59 | (1,49) | | |
| Nunca bater na criança | 2,73 | (1,77) | | |
| Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva | 4,20 | (0,96) | | 0,74 |
| Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente) | 3,51 | (1,10) | | 0,61 |
| Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome | 4,65 | (0,52) | 0,67 | |
| Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir | 3,73 | (1,66) | | |
| Ensinar a criança a não chorar em público | 2,29 | (1,79) | -0,44 | 0,45 |
| Deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto | 0,12 | (0,63) | -0,40 | |
| Colocar a criança no peniquinho assim que ela for capaz de se sentar sozinha | 3,92 | (1,40) | | |
| Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial | ,02 | (0,14) | | |
| Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada | 1,59 | (1,77) | -0,46 | |
| Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição | 2,00 | (1,80) | | 0,47 |
| Deixar o bebê dormir na cama dos pais | 1,00 | (1,41) | | -0,46 |
| Criar a criança com crenças religiosas | 3,08 | (1,75) | | 0,53 |
| Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê | 2,27 | (1,90) | | |
| Utilizar uma voz de criança para falar com o bebê | 2,04 | (1,86) | | -0,56 |
| Dar chupeta para o bebê | 1,90 | (1,70) | | |
| Levar a criança para comer fora de casa (lanchonetes, casas de outras pessoas, etc.) | 2,35 | (1,58) | | 0,53 |

Considerando o menor tamanho da amostra, foram mantidos apenas os itens com cargas fatoriais acima de 0,40, favorecendo maior rigor na análise. No resultado foram agrupados 31 itens organizados por fatores e escores médios dos itens considerados mais importantes pela amostra total de mães. Destes 31 itens foram excluídos sete itens no total que não tiveram coerência com os outros itens existentes no fator em questão ou não são interpretáveis teoricamente, como por

exemplo, no Fator 2 (massagear o bebê; preparar sopinhas para o bebê; intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade; não viver apenas em função do bebê; nunca gritar com a criança quando estiver com raiva) e no Fator 3 (não deixar que a criança veja os pais brigando; levar a criança para comer fora de casa) conforme pode ser observado na tabela 18 apresentada a seguir.

Tabela 18 - Sumário das Cargas Fatoriais dos 31 itens resultantes da Análise Fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças, organizados por fatores, e escores médios dos respondentes (N=50) - Solução Varimax para três fatores.

| Item | Média | DP | Carga Fatorial | | |
|--|-------|--------|----------------|-------------|-------------|
| | | | 1 | 2 | 3 |
| Chamar atenção do bebê para objetos | 4,24 | (1,01) | 0,63 | | |
| Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras | 4,59 | (0,50) | 0,57 | | |
| Estimular a criança a brincar em grupo | 4,24 | (0,90) | 0,59 | | |
| Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato,olfato, paladar) | 4,37 | (0,91) | 0,50 | | |
| Ler histórias para a criança | 4,31 | (0,77) | 0,54 | | |
| Conversar bastante com a criança | 4,73 | (0,45) | 0,56 | | |
| Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê | 4,47 | (0,58) | 0,51 | | |
| Fazer com que a criança prove diferentes alimentos | 4,45 | (0,61) | 0,48 | | |
| Dar banho no bebê todos os dias | 4,82 | (0,39) | 0,66 | | |
| Amamentar o bebê no peito até seis meses | 4,57 | (0,61) | 0,54 | | |
| Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê | 4,61 | (0,49) | 0,73 | | |
| Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome | 4,65 | (0,52) | 0,67 | | |
| Massagear o bebê | 3,96 | (0,89) | | 0,67 | |
| Trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir | 4,27 | (0,76) | | 0,67 | |
| Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas | 4,10 | (0,87) | | 0,46 | |
| Não demonstrar para a criança quando se está triste | 4,00 | (1,21) | | 0,59 | |
| Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer | 4,51 | (0,74) | | 0,73 | |
| Ensinar a criança a se comportar em público | 4,55 | (0,71) | | 0,76 | |
| Preparar sopinhas para o bebê | 4,16 | (0,87) | | 0,74 | |
| Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade | 3,69 | (1,31) | | 0,40 | |
| Não viver apenas em função do bebê | 3,69 | (1,08) | | 0,42 | |
| Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva | 4,20 | (0,96) | | 0,74 | |
| Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente) | 3,51 | (1,10) | | 0,61 | |
| Ensinar a criança a não chorar em público | 2,29 | (1,79) | | 0,45 | |
| Estimular criança a brincar com outras de costumes diferentes | 2,96 | (1,55) | | | 0,49 |
| Estimular a criança a brincar sozinha | 2,96 | (1,53) | | | 0,71 |

| | | | |
|--|------|--------|-------------|
| Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca | 4,49 | (0,85) | 0,60 |
| Não deixar que a criança veja os pais brigando | 4,59 | (0,86) | 0,64 |
| Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição | 2,00 | (1,80) | 0,47 |
| Criar a criança com crenças religiosas | 3,08 | (1,75) | 0,53 |
| Levar a criança para comer fora de casa (lanchonetes, casas de outras pessoas, etc.) | 2,35 | (1,58) | 0,53 |

Novamente foi calculado o “eigenvalue” para cada um dos três fatores. Conforme pode ser visto na tabela 19, todos os fatores apresentaram um índice de confiabilidade acima de 0,70 indicando adequação desses fatores para a análise realizada posteriormente.

Tabela 19 - Distribuição dos eigenvalue, índice de confiabilidade e média dos fatores

| Fator | Eigenvalue (% da variância explicada) | Alpha de Cronbach | Média (DP) | Mínimo | Máximo |
|---|--|--------------------------|-------------------|---------------|---------------|
| Promover o desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança | 8,58 (17,2) | 0,82 | 4,51 (0,41) | 3,42 | 5,0 |
| Favorecer a apresentação e comportamento social adequado da criança | 4,58 (9,2) | 0,82 | 3,90 (0,62) | 0,75 | 5,0 |
| Estimular a autonomia e controle pessoal da criança | 3,65 (7,3) | 0,71 | 3,18 (0,81) | 0,14 | 4,86 |

A análise foi refeita sob nova perspectiva, uma vez que houve uma reorganização dos antigos fatores. Ao analisar os 24 itens resultantes e apresentados na Tabela 20, é possível identificar três dimensões que orientam as práticas consideradas mais importantes pelas mães. Na dimensão do Fator 1 (Promover o

desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança), as práticas indicam orientações que podem ser denominadas, segundo proposta de Palacios, mais modernas na criação de filhos, ao ressaltar a importância de expor a criança a diversos estímulos. As práticas que compõem este fator são: chamar atenção do bebê para objetos, ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras, estimular a criança a brincar em grupo, oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar), ler histórias para a criança, conversar bastante com a criança, dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê, fazer com que a criança prove diferentes alimentos, dar banho no bebê todos os dias.

As mães com médias altas neste fator acreditam na importância de fornecer à criança oportunidades para interagir com estímulos variados e propiciar o vínculo afetivo. Estas práticas são mais pertinentes a pais classificados como modernos que, de acordo com Palacios, Gonzalez e Moreno (1992) são aqueles que se vêem como capazes de influenciar o desenvolvimento da criança, que neste caso seria através da estimulação e vinculação afetiva.

Na dimensão do Fator 2 (Favorecer a apresentação e comportamento social adequado da criança), há valorização de práticas que têm uma orientação mais tradicional. As práticas estão relacionadas à ideia de garantir que a criança pareça bem comportada e limpa, que aprenda regras de socialização e desenvolva autocontrole emocional. Os itens das práticas agrupados neste fator são: trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir, colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas, não demonstrar para a criança quando se está triste, ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer, ensinar a criança a se comportar em público, deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou

doente) e ensinar a criança a não chorar em público. Estas práticas sugerem uma preocupação maior com aspectos exteriores do desenvolvimento.

E, no Fator 3 (Estimular a autonomia e controle pessoal da criança) podemos observar que estão incluídas as práticas também com orientação mais tradicional. No entanto, estas práticas estão direcionadas para uma criação mais rigorosa, talvez buscando um fortalecimento da personalidade ou enrijecimento da criança para o futuro, o que pode ser observado nas seguintes práticas: estimular criança a brincar com outras de costumes diferentes, estimular a criança a brincar sozinha, não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca, estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição e criar a criança com crenças religiosas. Estas práticas apresentam uma preocupação maior com o aspecto interior do desenvolvimento.

Ao considerarmos a tipologia de pais proposta por Palacios, Gonzalez e Moreno (1992), as práticas agrupadas nos Fatores 2 e 3 podem ser mais próximas daquelas adotadas geralmente por pais denominados tradicionais que são mais restritivos e menos suscetíveis para promover o desenvolvimento da criança através de suas interações. As atitudes educacionais que os pais tradicionais apresentam são de natureza mais autoritária.

Tabela 20 - Sumário das Cargas Fatoriais dos 24 itens resultantes da Análise Fatorial dos 50 itens do questionário de crenças e idéias sobre bebês e crianças, organizados por fatores, e escores médios dos respondentes (N = 50) - Solução Varimax para três fatores.

| Item | Média | DP | Carga Fatorial | | |
|--|-------|--------|----------------|-------------|-------------|
| | | | 1 | 2 | 3 |
| Chamar atenção do bebê para objetos | 4,24 | (1,01) | 0,63 | | |
| Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras | 4,59 | (0,50) | 0,57 | | |
| Estimular a criança a brincar em grupo | 4,24 | (0,90) | 0,59 | | |
| Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato,olfato, paladar) | 4,37 | (0,91) | 0,50 | | |
| Ler histórias para a criança | 4,31 | (0,77) | 0,54 | | |
| Conversar bastante com a criança | 4,73 | (0,45) | 0,56 | | |
| Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê | 4,47 | (0,58) | 0,51 | | |
| Fazer com que a criança prove diferentes alimentos | 4,45 | (0,61) | 0,48 | | |
| Dar banho no bebê todos os dias | 4,82 | (0,39) | 0,66 | | |
| Amamentar o bebê no peito até seis meses | 4,57 | (0,61) | 0,54 | | |
| Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê | 4,61 | (0,49) | 0,73 | | |
| Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome | 4,65 | (0,52) | 0,67 | | |
| Trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir | 4,27 | (0,76) | | 0,67 | |
| Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas | 4,10 | (0,87) | | 0,46 | |
| Não demonstrar para a criança quando se está triste | 4,00 | (1,21) | | 0,59 | |
| Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer | 4,51 | (0,74) | | 0,73 | |
| Ensinar a criança a se comportar em público | 4,55 | (0,71) | | 0,76 | |
| Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente) | 3,51 | (1,10) | | 0,61 | |
| Ensinar a criança a não chorar em público | 2,29 | (1,79) | | 0,45 | |
| Estimular criança a brincar com outras de costumes diferentes | 2,96 | (1,55) | | | 0,49 |
| Estimular a criança a brincar sozinha | 2,96 | (1,53) | | | 0,71 |
| Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca | 4,49 | (0,85) | | | 0,60 |
| Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição | 2,00 | (1,80) | | | 0,47 |
| Criar a criança com crenças religiosas | 3,08 | (1,75) | | | 0,53 |

Com o objetivo de comparar a distribuição das médias de cada fator nos grupos de mães conforme o NSE (status socioeconômico elevado e baixo) realizou-se a análise de variância (ANOVA) para os resultados dos dois grupos, considerando cada fator obtido pela análise fatorial como variável dependente (VD) e o NSE como variável independente (VI).

Podemos observar na Tabela 21 que na análise do Fator 1 há diferenças nos valores médios entre os dois grupos. As mães de NSE elevado apresentam uma média mais alta (4,65) do que as mães de NSE baixo (4,35). Ao analisar a média entre grupos e dentro do próprio grupo relacionado ao Fator 1 verifica-se que as diferenças médias entre os dois grupos são estatisticamente significativas ($p < 0,01$).

Tabela 21 – Análise de variância ANOVA do Fator 1 (despertar e expor a criança a diversos estímulos) conforme NSE das mães

| | N | Média (DP) | Intervalo de Confiança de 95% | |
|-------------------------------|--------------------|---------------------|-------------------------------|-----------------|
| | | | Limite inferior | Limite superior |
| Elevado Nível Sócio-Econômico | 22 | 4,65 (0,27) | 4,53 | 4,77 |
| Baixo Nível Sócio-Econômico | 28 | 4,35 (0,43) | 4,19 | 4,52 |
| TOTAL | 50 | 4,48 (0,39) | 4,37 | 4,59 |
| | Soma dos Quadrados | Média dos Quadrados | F | Sig. |
| Entre grupos | 1,08 | 1,08 | 8,03 | 0,007 |
| Dentro do próprio grupo | 6,48 | 0,14 | | |
| TOTAL | 7,56 | | | |

Ao visualizarmos o gráfico apresentado na Figura 2 podemos observar que o Fator 1 (promover o desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança) discrimina claramente os níveis socioeconômicos das mães. As práticas agrupadas neste fator são consideradas como mais importantes pelas mães de NSE elevado do que para as mães de NSE baixo.

Figura 2

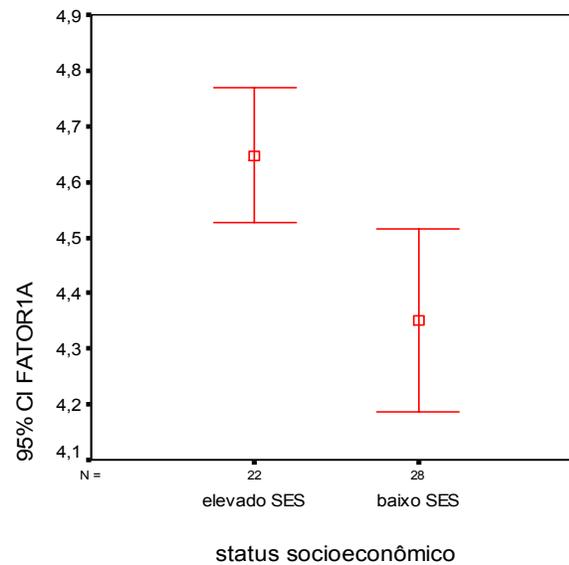


Figura 2: Análise da variância entre o Fator 1 (promover o desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança) e o nível socioeconômico

Em relação ao Fator 2 observa-se na Tabela 22 que há pouca diferença nos valores das médias entre os dois grupos. As mães de NSE baixo apresentam uma média um pouco mais alta (4,06) do que as mães de NSE elevado (3,75). A diferença entre os grupos é estatisticamente não significativa ($p = 0,097$).

Tabela 22- Análise de variância ANOVA do Fator 2 (favorecer a apresentação e comportamento social adequado da criança) conforme NSE das mães

| | N | Média (DP) | Intervalo de Confiança de 95% | |
|----------------------------------|----|----------------|----------------------------------|-----------------|
| | | | Limite inferior | Limite superior |
| Elevado Nível Sócio-Econômico | 22 | 3,75 (0,84) | 3,38 | 4,12 |
| Baixo Nível Sócio-Econômico | 28 | 4,06 (0,42) | 3,89 | 4,22 |
| TOTAL | 50 | 3,93 (0,65) | 3,74 | 4,11 |

| | Soma dos Quadrados | Média dos Quadrados | F | Sig. |
|----------------------------|-----------------------|------------------------|-------------|--------------|
| Entre grupos | 1,17 | 1,17 | 2,86 | 0,097 |
| Dentro do próprio grupo | 19,64 | 0,41 | | |
| TOTAL | 20,81 | | | |

Ao visualizarmos o gráfico da Figura 3 percebe-se que este fator realmente não discrimina muito as mães de níveis socioeconômicos distintos. Entretanto, podemos considerar que as mães de nível socioeconômico baixo valorizam um pouco mais as práticas agrupadas neste fator do que as mães de elevado nível socioeconômico.

Figura 3

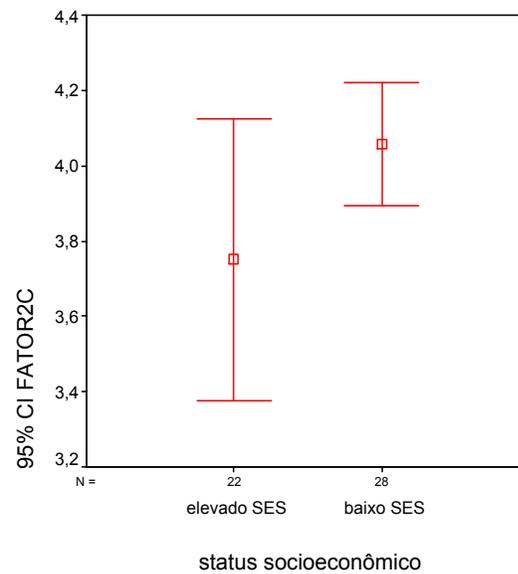


Figura 3: Análise da variância entre o Fator 2 (favorecer a apresentação e comportamento social adequado da criança) e o nível socioeconômico

No que diz respeito ao Fator 3 (estimular a autonomia e controle pessoal da criança), verifica-se na Tabela 23 que há diferenças significativas nos valores das médias nos grupos de mães. As mães de NSE elevado apresentam uma média maior (3,54) do que as mães de NSE baixo (2,70). A diferença entre os grupos é significativamente mais elevada para este fator ($p < 0,01$) quando comparamos com os dois fatores anteriores.

Tabela 23 – Análise de variância ANOVA do Fator 3 (estimular a autonomia e controle pessoal da criança) conforme NSE das mães

| | N | Média (DP) | Intervalo de Confiança de 95% | |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------------|-------------------------------|-----------------|
| | | | Limite inferior | Limite superior |
| Elevado Nível Sócio- Econômico | 22 | 3,54 (0,80) | 3,19 | 3,90 |
| Baixo Nível Sócio- Econômico | 28 | 2,70 (0,97) | 2,32 | 3,07 |
| TOTAL | 50 | 3,07 (0,98) | 2,79 | 3,35 |
| | Soma dos Quadrados | Média dos Quadrados | F | Sig. |
| Entre grupos | 8,81 | 8,81 | 10,95 | 0,002 |
| Dentro do próprio grupo | 38,61 | 0,80 | | |
| TOTAL | 47,42 | | | |

A partir do gráfico apresentado na Figura 4 é evidente que este fator discrimina as mães de nível socioeconômico elevado e baixo. As práticas agrupadas neste fator são consideradas de maior importância pelas mães de elevado nível socioeconômico do que pelas mães do outro grupo.

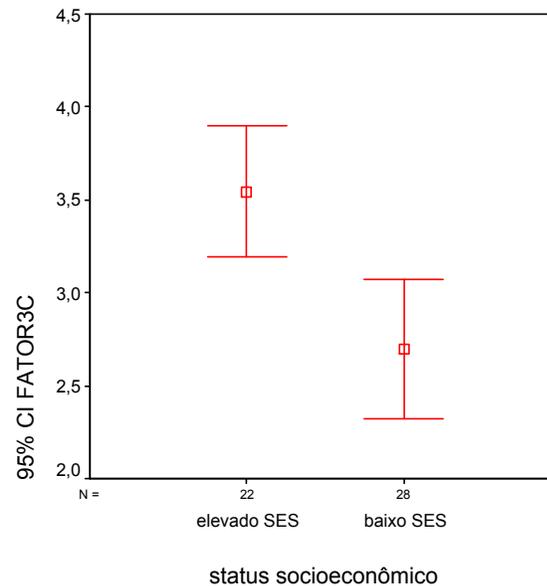
Figura 4

Figura 4: Análise da variância entre o Fator 3 (estimular a autonomia e controle pessoal da criança) e o nível socioeconômico

Os resultados encontrados que relacionam os fatores aos níveis socioeconômicos das mães sugerem que há práticas com duas orientações que podem ser identificadas como modernas e tradicionais. Entretanto, não é possível considerar que mães de elevado nível socioeconômico valorizam apenas práticas com orientações mais modernas, e mães de baixo nível socioeconômico valorizam as práticas mais tradicionais, uma vez que as práticas agrupadas no Fator 3 (estimular a autonomia e controle pessoal da criança), que apresentam uma orientação que pode ser considerada mais tradicional, também foram valorizadas pelas mães de elevado nível socioeconômico. Talvez outras variáveis tais como idade, tipo de personalidade, religião, background das mães tenham exercido uma forte influência

na valorização das crenças e práticas de criar filhos dessas mães. Para a influência dessas variáveis foi necessário realizar correlações entre os fatores das práticas e as variáveis sócio-demográficas. Nos resultados foi possível constatar que não foi encontrada correlação entre os três fatores com o número de filhos ou a religião adotada pelas mães. Contudo, constatou-se correlação positiva significativa entre a idade das mães e o Fator 1 “promover o desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança” ($p < 0,01$) e o Fator 3 “estimular a autonomia e controle pessoal da criança” ($p < 0,05$), enquanto que, em relação ao Fator 2 “favorecer a apresentação e comportamento social adequado da criança” não houve correlação significativa.

Uma outra maneira de interpretar esses resultados é à luz de valores encontrados no contexto no sentido mais amplo e restrito. Os resultados evidenciaram algumas diferenças nas avaliações das mães quanto ao nível de importância de práticas de criação de filhos, que podem ser resultado do nível socioeconômico ou da cultura que se compartilha. Considerando que a importância dada a algumas práticas pode refletir as crenças e modos de viver com valores individualistas ou coletivistas, é possível observar que as práticas mais valorizadas pelas mães de NSE elevado estão relacionadas tanto ao desenvolvimento da criança através da exposição a estímulos variados, como também às práticas relacionadas ao fortalecimento da personalidade da criança através da autonomia, competição, autocontrole. Esses valores são mais pertinentes a uma orientação individualista, cuja visão de mundo está mais centralizada nos objetivos pessoais e controle pessoal através da autonomia e auto-realização. Por outro lado, as condições de vida das pessoas que possuem nível socioeconômico mais elevado permitem a criação dos filhos em ambientes nos quais é possível encontrar uma variedade de recursos que favorecem o desenvolvimento da criança, estimulando a autonomia, por exemplo,

através do uso de computadores, propiciando aquisição de habilidades que podem ajudar na auto-realização.

No que diz respeito às práticas mais valorizadas pelas mães de nível socioeconômico baixo, estão aquelas relacionadas à aparência limpa e comportamento adequado da criança através da aprendizagem de regras de socialização prescritas pela sociedade e autocontrole emocional. Os valores evidenciados nestas práticas estão mais condizentes com uma orientação coletivista, que enfatiza o desempenho de papéis e obrigações sociais na manutenção de relacionamentos harmoniosos com as pessoas e moderação na expressão emocional. Ao considerarmos o contexto ecológico em que essas pessoas vivem, podemos constatar uma necessidade maior de interação com crianças e pessoas da sua comunidade, talvez pela escassez de recursos nos seus ambientes. Por exemplo, no caso das crianças que residem no bairro de Sussuarana foi possível observar que somente aquelas que ainda não tinham um desenvolvimento motor que permitia a locomoção de modo independente foram encontradas em casa com suas mães, enquanto as que tinham independência de locomoção estavam brincando na rua com outras crianças.



CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO

O entendimento das idéias e práticas parentais vigentes em uma dada cultura requer um esforço sistemático de descrição e reflexão sobre os dados coletados, articulando-os com os conhecimentos disponíveis sobre essa mesma cultura e sobre outras mais ou menos relacionadas, utilizando diversificadas abordagens de pesquisa. O presente estudo, utilizando alguns dos instrumentos de investigação disponíveis, privilegiou a descrição de metas de socialização e práticas de criação valorizadas pelas mães. Os resultados encontrados a partir dos diferentes instrumentos devem ser agora revistos, buscando extrair uma síntese dos achados mais importantes e explorar seus significados mais gerais, examinando-os frente às teorias e estudos empíricos disponíveis.

De um modo geral, os resultados da entrevista sobre as metas de socialização indicaram que as metas mais mencionadas pelo total de mães no presente estudo foram *Expectativas sociais*, *Auto-aperfeiçoamento* e *Bom comportamento*. Por outro lado, as metas menos enfatizadas pelas mães foram as relacionadas à *Emotividade* e *Autocontrole*. Esses resultados são semelhantes aos encontrados no estudo sobre metas de socialização de mães latinas realizado por Harwood, Leyendecker, Lamb e Sholmerich (2002) no qual encontraram diferenças nas metas de socialização das mães estudadas (latinas e euro-americanas). As mães latinas, do mesmo modo que as mães baianas, enfatizaram mais, nas suas respostas, as metas relacionadas a *Expectativas sociais*, *Auto-aperfeiçoamento* e *Bom comportamento* e as metas menos ressaltadas também foram *Emotividade* e o *Autocontrole*. Esses achados, diferentes dos resultados encontrados para as mães euro-americanas, que enfatizaram mais as metas de *Auto-aperfeiçoamento*, *Autocontrole* e *Bom comportamento*, podem sugerir a existência de um padrão de

crenças com valores culturais mais amplos e disseminados numa cultura denominada latina, na qual o Brasil está inserido.

Ao compararmos as metas ressaltadas pelas mães de níveis socioeconômicos elevado e baixo, os resultados não discriminam diferenças significativas. Isso pode sugerir que não há uma forte influência da variável nível socioeconômico nas expectativas que as mães têm para seus filhos prevalecendo, provavelmente, crenças e ideologias sustentadas por mães que, no presente estudo, compartilham o mesmo contexto cultural, em sentido amplo. Como salientam alguns autores (Harkness & Super, 1995; Harwood, Leyendecker, Lamb, & Schölmerich, 2002), as crenças parentais refletem modelos que são, apesar de implícitos, amplamente compartilhados dentro de uma comunidade.

Evidentemente, haverá diferentes sentidos conforme a definição de comunidade, ou de grupo cultural, que é empregada. Um grupo cultural pode ser definido a partir de diferentes critérios, de acordo com o interesse em questão: valores e crenças comuns entre seus membros, relacionados a algumas características, por exemplo, etnicidade, paternidade, filiação religiosa, nível socioeconômico, dentre outras. Naturalmente, é possível falar em uma comunidade cultural baiana para alguns propósitos, mas também será possível distinguir sub-grupos, dentro dessa comunidade maior, que poderão se diferenciar em alguma dimensão selecionada, uma vez que dificilmente se pode encontrar perfeita homogeneidade numa comunidade cultural.

No presente caso, a relativa homogeneidade entre grupos de diferentes níveis socioeconômicos deve suscitar algumas reflexões quanto às razões pelas quais diferenças significativas em metas de socialização não ocorreram.

Nos estudos realizados por Kohn (conforme citado por Youniss, 1992; Harwood, Leyendecker, Lamb & Schölmerich, 2002) foram encontradas diferenças nos valores e expectativas parentais em relação aos filhos associadas ao nível socioeconômico elevado e baixo dos pais.

No presente estudo, podemos considerar algumas possibilidades que possam explicar a ausência de diferenças nas metas de socialização relacionadas ao nível socioeconômico das mães. Uma primeira é que existam diferenças entre valores e expectativas parentais, em geral, cobrindo vários aspectos, mas não quanto a este aspecto específico, metas de socialização, na forma em que elas foram investigadas; ou seja, o instrumento não conseguiria captar diferenças que, realmente, existem. Apesar do cuidado em treinar os entrevistadores, visando especialmente um clima “relaxado” durante a coleta de dados, não é possível garantir que as participantes se sentiram completamente à vontade. Por exemplo, durante a aplicação das entrevistas foi possível constatar que algumas mães de nível socioeconômico baixo falavam pouco e outras pareciam inibidas, às vezes demonstrando um certo receio de responder “errado” o que estava sendo perguntado. Também alguns aspectos do contexto dificultaram a entrevista, por exemplo, interrupções de vizinhos, familiares e filhos que tiravam a concentração da mãe durante as entrevistas. Desse modo, acreditamos que esse resultado, de certo modo surpreendente, requer mais investigação, que possa apoiar o achado. Independentemente de uma replicação que pode ser realizada com outra amostra da mesma população, podemos contar com alguma evidência de corroboração, em futuro próximo, a partir da comparação dos resultados deste estudo com os resultados encontrados em outras amostras brasileiras, já que o estudo faz parte de um projeto maior que está sendo realizado em sete capitais brasileiras sob a coordenação da Prof^a. Dr^a Maria Lúcia Seidl de Moura.

No que diz respeito às subcategorias das metas de socialização, os resultados indicaram que, de um modo geral, o conjunto das mães dos dois grupos enfatizou mais a subcategoria *Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico* para o alcance da meta relacionada a *Auto-aperfeiçoamento*. Esses resultados sugerem que as mães estão preocupadas com um desenvolvimento pessoal dos seus filhos que favoreça uma independência, principalmente financeira, no sentido de viabilizar uma vida melhor, uma possível ascensão social e garantias de sobrevivência com menos dificuldades do que seus pais encontraram ou que mantenha, quando são favoráveis, as condições em que foram criados. Há uma expectativa das mães que seus filhos sejam melhores ou iguais aos seus pais (mães e pais de seus filhos) quando enfatizaram nas suas respostas as qualidades positivas. Considerando a literatura, esses achados são condizentes com os resultados encontrados no estudo de Harwood, Leyendecker, Lamb e Sholmerich (2002), podendo sugerir uma homogeneidade das metas de socialização de mães que vivem em sociedades urbanas, contemporâneas e ocidentais, cujos valores e necessidades enfatizados estão voltados para uma orientação mais individualista. No entanto, outras subcategorias que foram igualmente enfatizadas pelas mães de ambos os grupos foram: *Calor emocional* (categoria *Emotividade*); *Integridade pessoal e valores religiosos* (categoria *Expectativas sociais*) e *Ser respeitador, bem educado* (Categoria *Bom comportamento*), são mais condizentes com uma orientação coletivista. Esses resultados são coerentes com estudos anteriores (Miller e Harwood, 2001; Harwood, Leyendecker, Lamb & Sholmerich, 2002) que indicaram o caráter multidimensional dos constructos individualismo e coletivismo, favorecendo a sua coexistência (Triandis, 1994) e a existência de heterogeneidade nas crenças de um mesmo grupo.

Por outro lado, as subcategorias menos enfatizadas pelas mães foram *Desenvolvimento e independência psicológica (Auto-aperfeiçoamento)*; *Relações próximas com a família (Emotividade)*; *Obrigações relacionadas a papéis na família (Bom comportamento)*. A subcategoria *Evitar comportamento ilícito* foi menos enfatizada quando a comparamos com a subcategoria *Integridade pessoal e valores religiosos*, porém observamos que há pouca diferença entre as duas. Foi possível constatar que as mães estão preocupadas com comportamentos ilícitos que seus filhos possam vir adotar no futuro e o desejo que eles adotem valores morais e religiosos, talvez como uma forma de prevenir comportamentos não desejados. Ao considerarmos os dois grupos de mães é possível constatar que, de modo semelhante, as mães de NSE elevado e baixo ressaltaram mais as subcategorias *Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico (Auto-aperfeiçoamento)*; *Calor emocional (Emotividade)*; *Integridade pessoal e valores religiosos (Expectativas sociais)* e *Respeitador, bem educado (Bom comportamento)*. As subcategorias menos valorizadas, tanto pelas mães de NSE elevado quanto NSE baixo, são aquelas associadas ao *Desenvolvimento e independência psicológica* e *Bem estar emocional físico e integração (Auto-aperfeiçoamento)*; *Relações próximas com a família (Emotividade)* e *Obrigações relacionadas a papéis na família (Bom comportamento)*. Porém, a subcategoria *Integridade pessoal e valores religiosos (Expectativas sociais)* foi menos valorizada pelas mães de NSE elevado do que pelas mães de NSE baixo.

Esses resultados também são semelhantes aos encontrados no estudo realizado por Harwood, Leyendecker, Lamb e Schölmerich (2002) com mães imigrantes latinas e euro-americanas, no qual as mães latinas enfatizaram menos as subcategorias *Desenvolvimento e independência psicológica* e *Bem estar emocional*

físico e integração e ressaltaram *Desenvolvimento pessoal e econômico* relacionadas à meta de *Auto-aperfeiçoamento*. Esses resultados podem sugerir uma homogeneidade de crenças encontradas em contextos cujas condições são mais difíceis para a sobrevivência, como por exemplo, nos países periféricos. Apesar do mesmo nível socioeconômico das mães euro-americanas e latinas imigrantes, variáveis ligadas à identidade pessoal e grupal – podem ser diferentes, devido à origem dessas mães; imigrantes de países periféricos buscam, em geral, condições de vida melhores do que aquelas que foram deixadas para trás, e seus históricos familiares incluem, muitas vezes, experiências de trabalho duro e de mobilidade social, razão pela qual uma amostra de mães latinas nos Estados Unidos poderia ser marcada pela busca do sucesso econômico, objetivo que envolve muito esforço. Essas experiências poderiam fornecer um pano de fundo para uma psicologia parental diferenciada. Essa condição de ambiente socioeconômico mais inseguro, com possibilidade de mobilidade social, também pode ser vista na população brasileira, e o que, talvez, possa explicar a similaridade nas subcategorias relacionadas a *Auto-aperfeiçoamento*.

No que diz respeito às estratégias de ação utilizadas visando o alcance das metas de socialização mencionadas pelas mães, os resultados indicam que as mães utilizam mais as estratégias *Centradas em si*, ou seja, aquelas que só dependem dos seus recursos próprios, enquanto que as estratégias menos valorizadas foram aquelas *Centradas no contexto*, ou seja, baseadas num contexto externo e que independe mais ou menos do que a mãe vai oferecer. As mães de NSE baixo deram maior ênfase às estratégias *Centradas em si*, porém não houve diferença estatisticamente significativa, talvez porque as estratégias descritas estão voltadas para o desempenho do que se acredita fazer parte do papel de mãe, que inclui aspectos cognitivos e

afetivos, como dar exemplos, orientar o que é certo e o que é errado, dar amor, carinho, ou seja, a participação dos pais na formação e desenvolvimento dos filhos que são idéias enfatizadas nos meios de comunicação. Como exemplo, podemos citar o estudo realizado por Seidl de Moura e Pietroluongo (2004) que, ao analisarem o conteúdo de oito exemplares de uma revista brasileira intitulada “Crescer em família” publicados no período de 2000 a 2003, encontraram uma percentagem maior de citações de estratégias centradas em si do que de estratégias centradas no contexto. Por outro lado, as mães de NSE elevado enfatizaram um pouco mais as estratégias *Centradas no contexto*, o que pode ser devido às condições de vida que favorecem a utilização de recursos externos, por exemplo, colocar os seus filhos em escolas particulares de boa qualidade, e outros contextos que favorecem a socialização e o desenvolvimento da criança (centro de atividades esportivas, cursos de línguas e computação, etc.).

Em relação às práticas de criação de filhos, os resultados indicaram que as cinco práticas mais valorizadas pelas mães do presente estudo foram: *Dar banho no bebê todos os dias, Conversar bastante com a criança, Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome, Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê, Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com os outros*. No extremo oposto, as cinco práticas menos valorizadas pelas mães foram: *Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada, Deixar o bebê dormir na cama dos pais, Ficar bastante com o bebê no colo, Deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto e Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial*. É possível observar que as práticas mais valorizadas estão voltadas para a estimulação da criança através de vários recursos (objetos, alimentos, pessoas), garantir as necessidades básicas da criança, a vinculação afetiva e o controle

emocional dos pais, enquanto que as menos valorizadas estão associadas a punir a criança, mimá-la, a falta de proteção e favorecimento de comportamentos ilícitos. A importância desses aspectos muitas vezes é salientada pela cultura através de especialistas, por exemplo, pediatras, psicólogos, pedagogos, e que são idéias veiculadas na mídia. Isso pode ser ilustrado pelo estudo realizado por Al Cici e Tourinho (2004), que investigaram os estilos parentais veiculados na grande imprensa da cidade do Rio de Janeiro a partir da análise de periódicos e jornais publicados no período de 1988 e 2000, no qual identificaram uma ampliação do discurso do médico higienista e de diferentes especialistas que passam a considerar a criança mais capaz e com maior receptividade aos eventos ambientais, salientando resultados positivos no desenvolvimento cognitivo e emocional, e não apenas na saúde física da criança. Assim, podemos observar que as práticas mais valorizadas estão, de certo modo, seguindo a tendência divulgada pelos meios de comunicação.

Enquanto as metas de socialização não foram diferenciadas de acordo com o nível socioeconômico, as práticas parentais, ao contrário, refletiram mais diferenças nesse aspecto, sendo mais sensíveis às influências dos recursos disponíveis no contexto imediato. Ao compararmos as práticas mais valorizadas e menos valorizadas pelos dois grupos de mães do presente estudo, verificamos diferenças significativas nos grupos de mães de níveis socioeconômicos distintos. Esses achados podem sugerir uma influência do contexto imediato em que essas mães estão inseridas, uma vez que as práticas mais valorizadas pelas mães de NSE elevado estão direcionadas para a promoção de um ambiente rico em estímulos, visando o desenvolvimento da criança e, ao mesmo tempo, uma criação mais rigorosa que favoreça uma personalidade mais forte e “mais adaptada” para uma busca da autonomia, competição, autocontrole e adoção de valores religiosos. Por

outro lado, as práticas mais valorizadas pelas mães de NSE baixo estão voltadas para a adequação da criança ao contexto através da aparência, bom comportamento e aprendizagem das regras de socialização que, de um modo geral, são consideradas importantes nos relacionamentos interpessoais, uma vez que nos contextos mais pobres há uma forte rede de relações interpessoais estabelecidas com vizinhos, parentes que ajudam a superar certos limites e dificuldades impostas pelas condições de vida. Em relação às práticas menos valorizadas, as mães de NSE elevado consideraram as seguintes: *Ensinar a criança a não chorar em público, Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê, Utilizar uma voz de criança para falar com o bebê, Dar chupeta para o bebê e Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada*, enquanto que para as mães de NSE baixo foram as práticas *Estimular a criança a brincar tanto com jogos que envolvem competição e Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas quanto de meninos*. Essas práticas sugerem influências do contexto mais restrito, por exemplo, as mães de NSE elevado não se preocupam tanto em deixar que alguém não aparentado tome conta da criança, uma vez que a maioria das mães do presente estudo conta com o auxílio de babás para cuidar dos filhos.

Ao compararmos os resultados aqui presentes com os resultados encontrados na literatura constatamos que os fatores encontrados não foram os mesmos do estudo de Suizzo (2002). É possível que o tamanho da amostra tenha produzido diferenças que impediram o aparecimento dos fatores? Ou haveria, de fato, diferenças importantes entre as amostras francesa e baiana quanto às dimensões relevantes que orientam as metas de criação de filhos? Uma análise mais detida dos resultados sugere a existência de diferenças culturais reais entre as amostras, o que estaria de acordo com as diferenças encontradas quanto aos fatores relevantes. Por

exemplo, a prática *Estimular a criança a desenvolver seus próprios gostos e preferências* foi mais valorizada pelos parisienses, que a consideraram extremamente importante, do que pelas mães baianas, talvez por uma busca de diferenciação e individualidade que combina com a ideologia individualista, na qual, provavelmente, a França está à frente do Brasil, como indica a classificação das dimensões culturais de Hofstede referente ao individualismo. Um outro aspecto que podemos considerar diz respeito à valorização de sabores, um aspecto possivelmente relacionado ao alto valor atribuído à gastronomia num país famoso pela qualidade da sua culinária, reconhecida internacionalmente.

Também a prática *Estabelecer um vínculo entre mãe e filho* sugere diferenças culturais. Para as mães baianas essa prática é considerada extremamente importante, enquanto que para as mães parisienses é importante, porém num grau mais moderado. Parece que, na cultura brasileira, o vínculo afetivo entre mães e filhos é visto mais positivamente do que na cultura francesa porque, como salienta Suizzo (2002), os pais franceses parecem ter a noção de que esta prática favorece o mimar a criança e permitir que ela seja o foco principal de atenção, resultados desenvolvimentais considerados indesejáveis.

Outra prática que sugere diferença cultural é *Deixar a criança provar um gole de bebida*. Nessa prática, houve uma diferença nas médias dos pais parisienses (1,75) e nas médias das mães baianas (0,02). Talvez o fato do acompanhamento de bebidas nas refeições, que faz parte das tradições francesas, tenha favorecido o fato de essa prática ter sido menos rejeitada pelos pais parisienses do que pelas mães baianas. Constatamos que a meta de evitar comportamentos ilícitos, como não beber, foi bastante mencionada pelas mães baianas, indicando uma forte preocupação com

esse tema, compreensível em vista da violência que caracteriza, no presente, as cidades brasileiras, onde a criminalidade é alta e as suas vítimas muito freqüentes.

A prática *Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê* foi considerada de pouca importância para os franceses (média = 1,28), enquanto que para as mães brasileiras foi considerada como mais importante (média = 2,27). Talvez essa diferença seja influenciada pelo contexto imediato das mães baianas, no qual há uma maior disponibilidade de membros da família extensiva brasileira (avós, tios, madrinhas) para cuidar das crianças e a falta de creches públicas de qualidade. Essa escassez de creches públicas de qualidade em Salvador foi constatada no estudo de Lordelo (2002), no qual há uma caracterização de creches públicas, comunitárias e privadas, ao focar a creche como contexto brasileiro de desenvolvimento. Foi observado que nas creches públicas existia um grande número de crianças por instituição, uma maior rigidez na organização de rotinas de cuidados e atividades das crianças, o contrário do que era observado nas creches privadas. Ao comparar as creches públicas com as creches comunitárias, a qualidade é menor ainda, pois constataram-se instalações precárias e pobremente adaptadas para a atividade que realizam, e a qualificação do pessoal mais baixa do que a encontrada nas creches públicas e privadas.

Por outro lado, a prática *Deixar o bebê sozinho enquanto sai por perto* recebeu a menor pontuação das médias tanto para os pais parisienses (1,04) quanto para as mães baianas (0,12), enquanto que as práticas *Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com outras* e *Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer* foram consideradas muito importantes para os pais parisienses e extremamente importantes para as mães baianas, sugerindo a existência de uma valorização da

conformidade às regras prescritas socialmente e à educação (polidez) nas relações interpessoais nas duas culturas.

No intuito de analisar outras variáveis tais como idade, religião, número de filhos, que podem exercer alguma influência na valorização das crenças e práticas de criar filhos dessas mães, realizamos correlações entre os fatores das práticas e as variáveis sócio-demográficas. Não foi encontrada correlação entre os três fatores com o número de filhos e a religião adotada pelas mães. Entretanto, constatou-se correlação positiva e significativa entre a idade das mães e o Fator 1, relacionado a promover o desenvolvimento pessoal e cognitivo, ou seja, quanto mais velhas as mães maior a valorização de práticas que favorecem o desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança, e o Fator 3, relacionado a estimular a autonomia e controle pessoal, ou seja, quanto mais velhas as mães maior a valorização de práticas que favorecem a autonomia e o controle pessoal através da imposição de limites à criança. Com relação ao Fator 2 (favorecer a apresentação e comportamento social adequado) não houve correlação significativa com a idade das mães. Esse resultado encontrado para o Fator 2 é coerente com resultados do estudo realizado por Suizzo (2002), no qual também não foi encontrada correlação significativa com um fator semelhante a este relacionado a garantir a apresentação adequada da criança e a idade dos pais.

Os resultados encontrados sugerem uma alta valorização das metas relacionadas a *Expectativas sociais, Auto-aperfeiçoamento e Bom comportamento*. Com respeito às práticas, por outro lado, verifica-se que são apoiadas, principalmente, aquelas que proporcionam estímulos variados à criança, possibilitando um desenvolvimento favorável; práticas voltadas para a higiene e as necessidades básicas da criança, vínculo afetivo, controle emocional dos pais e

adoção de regras de socialização prescritas. As mães de diferentes níveis sócio-econômicos compartilham de algumas práticas voltadas para apresentação adequada da criança e divergem no valor atribuído a outras, como as práticas direcionadas para a exposição da criança a estímulos diversos e aquelas voltadas para a autonomia e controle pessoal da criança. Diante desses resultados perguntamos: em que medida metas e práticas estão associadas?

A literatura tem indicado a existência de relações e possíveis influências entre as crenças e as práticas de criação, embora os mecanismos dessas relações não sejam claros. Como salientam Lightfoot e Valsiner (1992) não se pode deduzir que as crenças parentais tenham efeitos diretos nas práticas de cuidado infantil, mas alguns estudos encontraram evidências de relações entre as crenças, metas parentais e as práticas de cuidado (Kuczynski, 1984; Hasting & Grusec, 1988, conforme citado por Bugental e Johnston, 2000; Lordelo, Fonseca & Araújo, 2000).

Na tentativa de elucidar algumas relações entre as metas de socialização das mães e as crenças sobre práticas de criação valorizadas, foi possível constatar que as metas *Expectativas sociais e Auto-aperfeiçoamento* são comuns a todas as mães, mas elas divergem em relação às metas de *Autocontrole*, mais enfatizada pelas mães de NSE elevado e *Bom comportamento*, mais ressaltada pelas mães de NSE baixo. As metas comuns aos dois segmentos podem indicar valores disseminados na cultura brasileira, ou seja, a influência da cultura mais ampla; enquanto que as metas em que os grupos divergem podem sugerir a influência do contexto em que essas mães vivem e dos recursos disponibilizados em cada contexto.

Embora as metas sejam comuns, as práticas valorizadas para alcançá-las diferem entre os dois grupos. As metas de *Auto-aperfeiçoamento* privilegiadas pelas mães de NSE elevado parecem estar mais estreitamente relacionadas com as práticas

mais valorizadas por essas mães, que pressupõem uma orientação mais “moderna” de criar filhos, ao favorecer, para a criança, um ambiente rico em estímulos (objetos, pessoas, alimentos, etc). No que se refere às metas associadas a *Expectativas sociais* e *Autocontrole*, parece haver uma coerência com as práticas que essas mães também valorizaram, mas com uma orientação mais tradicional, em que se busca uma criação mais rigorosa, visando um fortalecimento da personalidade da criança, com o objetivo de “melhor” adequar-se ao futuro, através do estímulo à autonomia, competição, autocontrole e adoção de valores religiosos. Por outro lado, as metas de *Auto-aperfeiçoamento* também mencionadas pelas mães de NSE baixo não parecem ter uma relação explícita com as práticas mais valorizadas que estão voltadas para a adequação da criança ao contexto através da aparência física, bom comportamento e aprendizagem das regras sociais prescritas, porém, essas práticas parecem mais direcionadas para as metas *Expectativas sociais* em que há uma preocupação em atender o que é esperado socialmente, por exemplo, evitar comportamentos ilícitos e *Bom comportamento* em que há uma preocupação com adoção de comportamentos apropriados ao contexto e com aspectos tais como aparência física, boas maneiras com as pessoas que irão possibilitar boas relações interpessoais e que também foram ressaltadas por essas mães.

Quando analisamos as estratégias adotadas por essas mães para alcançarem as suas metas é possível perceber que as mães dos dois grupos utilizam mais as estratégias de ação que são centradas nos recursos próprios, salientando aspectos afetivos e cognitivos (dar amor, carinho, dar exemplos, atenção, dar educação “doméstica”). Contudo, nos resultados, foi possível constatar que essas estratégias foram mais mencionadas pelas mães de NSE baixo, podendo sugerir influência do

seu contexto imediato, refletida nos recursos disponíveis em cada contexto socioeconômico.

Assim, a relativa similaridade de metas entre grupos de diferentes status socioeconômicos não se estende totalmente às práticas valorizadas, um dado que afirma a relativa independência existente entre crenças, idéias e teorias parentais e suas práticas correspondentes. Estas últimas, ao que parecem, são mais afetadas pelas condições de vida existentes, pelo contexto mais imediato onde se vive.



CAPÍTULO 6

CONCLUSÕES

6.1 Avaliando ganhos e limitações

Retomando o objetivo inicial do presente estudo – caracterizar as mães a partir das metas, estratégias e práticas valorizadas na criação de filhos – podemos concluir que foi possível identificar algumas metas, estratégias e práticas valorizadas pelas mães de nível socioeconômico elevado e baixo e encontrar algumas evidências da influência do contexto mais restrito e da cultura mais ampla no modo como os pais pensam sobre criação de filhos e como isso pode refletir nas expectativas que têm sobre o futuro dos mesmos, sem ter se esgotado tal propósito.

Entretanto, não foi possível encontrar diferenças significativas nas metas e estratégias mencionadas pelas mães dos dois grupos. Esse resultado bastante inesperado, por conta da evidência acumulada na literatura quanto à influência do nível socioeconômico nas teorias e estratégias parentais de criação de filhos, refletido em suas metas de socialização, deve ser tomado cautelosamente, tendo em vista a existência de várias possibilidades de explicação, como já mencionado acima.

Algumas dessas possibilidades dizem respeito a possíveis limitações do estudo, como por exemplo utilizar como informantes pessoas de uma mesma cidade, dificultando encontrar uma possível heterogeneidade nas metas de socialização e estratégias adotadas. Por outro lado, apesar de ter-se considerado a variável nível socioeconômico, que incluiu atividade ocupacional e nível de escolaridade do casal, talvez a pouca variabilidade na faixa etária (metade das mães estão na faixa de 20 a 30 anos de idade) e estado civil (63% são casadas ou têm união estável) das mães pode ter limitado a identificação de variabilidade nas metas de socialização ou ter

impossibilitado um resultado mais confiável em relação à existência de heterogeneidade acerca das metas de socialização.

Outra limitação que merece ser considerada diz respeito à utilização do instrumento para identificar crenças sobre práticas de criação de filhos, que foi elaborado e adaptado para ser aplicado em uma cultura distinta, no caso francesa, da considerada neste estudo; por exemplo, existem alguns itens no questionário de práticas que, provavelmente, são mais adequados à cultura francesa, tais como *Fazer com que a criança prove diferentes alimentos, Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial*, dificultando a comparação dos achados.

Outro aspecto que pode ser considerado como limitação diz respeito ao fato de o presente estudo ter focalizado crenças e práticas relatadas e não observadas, impossibilitando prever ou delinear implicações no comportamento parental. Talvez as práticas observadas permitissem uma aproximação maior de crenças implícitas das mães e os ajustes ao contexto em que elas são praticadas e, conseqüentemente, algumas mudanças no comportamento parental.

Também podemos perceber como limitações do presente estudo as pequenas diferenças entre os grupos da amostra, sendo encontradas variações apenas relacionadas à idade, apresentando correlação significativa com o Fator 1 (promover desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança) e Fator 3 (estimular a autonomia e controle pessoal da criança). Talvez uma amostra com maior diversidade relacionada ao número de filhos e nível de escolaridade possa evidenciar diferenças maiores e mais significativas.

Há também uma possível limitação na escala utilizada no instrumento. Em geral, existem nas escalas pontos extremos que significam extrema discordância,

neutralidade e extrema concordância. A escala utilizada no presente estudo permite, implicitamente, dois níveis de avaliação; no primeiro nível de avaliação existem as possibilidades “não concordo” e “concordo”, e no segundo nível de avaliação, no caso de concordância, pontos extremos de importância (pouco importante a extremamente importante). Nessa escala não há possibilidade de pontos extremos para avaliar o nível de discordância das mães e isto resultou em algum desconforto das informantes na hora de escolher um ponto da escala; por exemplo, às vezes elas diziam que não concordavam, mas manifestavam o desejo de indicar o quanto essa discordância era forte ou fraca. Têm sido vistas na literatura escalas que distribuem posições apenas no contínuo Concordo (de nada a completamente) e outras que usam os polos extremos do Discordo/Concordo, com gradações intermediárias; neste caso, porém, temos uma situação de assimetria, uma vez que o ponto mais baixo da escala é não concordo e a seguir, gradações de concordância são oferecidas para escolha. Essa forma de apresentação gerou desconforto em algumas pessoas, o que pode ter diminuído a sensibilidade da escala para captar pequenas diferenças em opiniões.

As limitações mencionadas poderiam ser superadas em estudos futuros que venham abordar crenças e práticas maternas na criação de filhos tendo como participantes pais e mães brasileiras; mães de áreas urbanas e rurais do Brasil; mães de regiões distintas do país devido à grande diversidade cultural do Brasil; utilização de uma amostra maior e mais variada, por exemplo, mães solteiras; mães que convivem com os avós dos filhos; mães primíparas; mães com mais de um filho; mães de meninos ou de meninas, etc. Essa variabilidade pode favorecer a identificação de fatores que podem explicar a heterogeneidade ou não das crenças maternas sobre criação de filhos.

6.2 Implicações práticas

Diante dos resultados encontrados, certas implicações e aplicações práticas podem ser consideradas. Uma delas, bastante significativa, consiste no fato de indicar para os profissionais que desenvolvem atividades voltadas para mães e filhos, a relevância de oferecer oportunidade às mães de refletirem sobre as suas crenças e práticas de criação de filhos, favorecendo uma maior conscientização das expectativas que têm para seus filhos e identificar quais as práticas que podem viabilizar tal expectativa; por exemplo, as mães do presente estudo mencionaram que nunca tinham parado para pensar sobre as expectativas que tinham para seus filhos e tampouco nas suas práticas de cuidado, e consideraram que a oportunidade que tiveram para falar sobre o que pensam ao participar desta pesquisa favoreceu tomar consciência das metas a longo prazo que têm para os seus filhos e quais as práticas que valorizam e favorecem o alcance do futuro desejado.

Outra implicação refere-se à percepção de que as mães podem, independentemente da sua condição socioeconômica, ter expectativas semelhantes para os seus filhos com base nos valores salientados pela cultura que compartilham e que, implicitamente, podem favorecer algumas mensagens, por exemplo, “o que toda mãe deve desejar para o seu filho” ou “uma boa mãe deseja o melhor para o seu filho”. Essa percepção pode ajudar a desenvolver projetos sociais voltados para a melhoria da qualidade do cuidado infantil incluindo mães de níveis socioeconômicos distintos.

Ao pensar em políticas públicas voltadas para educação e família, torna-se necessário abordar a questão das crenças que os pais têm, porque elas podem

influenciar a prática da educação de seus filhos. Além disso, as políticas sociais traçadas devem ser coerentes com as expectativas das mães, considerando os contextos de vida e os valores e necessidades de cada grupo, bem como do mundo contemporâneo. Algumas mães, no presente estudo, salientaram a necessidade de políticas públicas que as ajudassem a implementar as expectativas que têm em relação ao futuro dos seus filhos, como por exemplo oferecer escolas públicas de qualidade que possibilitassem o ingresso dos seus filhos em faculdades públicas, viabilizando uma profissão que permitisse condições melhores e dignas de vida.

Ao identificar as crenças maternas, é possível conhecer os valores e mensagens que são veiculados na mídia (TV, jornais, revistas, etc) que, uma vez adotados, podem favorecer novas práticas de criação de filhos, viabilizando uma melhor qualidade no cuidado, que pode repercutir no desenvolvimento infantil. Por outro lado, a influência dos meios de comunicação de massa sobre os valores e metas de criação pode ser moderada, processada, reconstruída de uma maneira mais ativa e crítica pelas pessoas a quem elas são dirigidas, de modo que não se configure a imposição do discurso do especialista sobre o do sujeito ativo, imerso em um ambiente cultural, capaz de refletir sobre diferentes escolhas e suas conseqüências para a criança.

Diante da realidade constatada no presente estudo foi possível identificar a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem o estudo sobre crenças maternas e práticas de criação de filhos considerando o contexto brasileiro. Além disso, parece importante investigar também as concepções paternas sobre criação de filhos, uma vez que nos momentos atuais, em que a mulher, ao ingressar no mercado de trabalho,

desempenha vários papéis além do papel de mãe, há uma necessidade de participação maior dos pais na criação de seus filhos.

6.3 Perspectivas para o desenvolvimento futuro da pesquisa

As pesquisas que venham abordar as crenças e práticas parentais no futuro podem, além de utilizar os métodos atuais que são importantes, buscar uma complementação com métodos mais intensivistas, como por exemplo, estudos de casos, ou utilizar a triangulação, ou seja, o uso de métodos diferentes para investigar a mesma questão.

Outra possibilidade seriam estudos sobre metas de socialização e práticas parentais na criação de filhos com amostras maiores e mais diversificadas e, acima de tudo, sistematizar um programa de pesquisa, a partir dos resultados nacionais já disponíveis, e do estudo nacional que está sendo realizado em sete estados brasileiros sob a coordenação da Prof^a Dr^a Maria Lúcia Seidl de Moura.

Só um programa amplo de pesquisa, capaz de estabelecer objetivos de longo e curto prazo, seria capaz de buscar soluções para os diferentes problemas que as pesquisas isoladas apresentam, permitindo utilizar diferentes métodos de coleta de dados e, comparando os resultados, aumentar a validade das medidas. A necessidade de amostras maiores e mais diversificadas, bem como a conveniência de estudos longitudinais, que avaliassem a consistência das medidas no tempo, sua sensibilidade aos eventos do ciclo vital dos informantes, sua possível dependência de fatores socioeconômicos conjunturais, tudo isso seria possibilitado por um programa articulado, unindo esforços e evitando duplicidade.

O presente estudo, embora modesto em recursos e resultados produzidos, pode contribuir para subsidiar o estabelecimento de um programa de maior alcance, servindo como experiência a ser avaliada e permitindo a identificação de desafios a serem superados.



REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- Bastos, A. C. S. (2001). Perspectivas teóricas no estudo do desenvolvimento social. In: A.C.S. Bastos, *Modos de partilhar. A criança e o cotidiano da família*. (pp. 35-66).São Paulo: Cabral Editora Universitária.
- Biasoli-Alves, Z.M.M (2001). A questão da disciplina na prática de educação da criança, no Brasil, ao longo do século XX. *Veritati.Revista da Ucsal*, II (2).
- Biasoli-Alves, Z.M.M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: Os valores e as práticas da educação da criança. *Temas em psicologia*, 3, 33-40.
- Brodsky, A. E. & DeVet, K. A (2000). “You have to be real strong”: Parenting goals and strategies of resilient, urban, African American, single mothers. *Journal of Prevention and Intervention in the Community*, 20 (1-2), 159 – 178.
- Bugental, D. B & Johnston, C. (2000). Parental and child cognitions in the context of the family. *Annual Review of Psychology*, 51, 315-344.
- Cici, N. P. F. A & Tourinho, J. G. (2004). Veículos de comunicação de massa e história das práticas sociais na família brasileira: dois cenários. In *Resumos, 13ª semana de iniciação científica da UERJ, 2004*, Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da UERJ.
- Goodnow, J.J. (1992). Parents’ ideas, children’s ideas: correspondence and divergence. In: I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy DeLisi e J.J. Goodnow. (Eds.) *Parental Belief Systems: The Psychological Consequences for Children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Gouveia, V. V. & Clemente, M. (2000). O individualismo coletivismo no Brasil e na Espanha: correlatos sócio – demográficos. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 317-346.
- Greenfield, P.M. & Childs, C.P. (1991). Developmental continuity in biocultural context. In: R. Cohen, e A.W. Siegel (Eds.), *Context and development* (pp.135-159). Hillsdale,NJ: Erlbaum.

- Greenfield, P.M., Keller, H., Fuligni, A. & Maynard, A. (2003). Cultural pathways through universal development. *Annual review of Psychology*, 54, 461-490.
- Harbin, B.H.T & Madden, D.J. (1987). Battered parents: a new syndrome. *American Journal of Psychiatry*, 136 (10), 1288-1291.
- Harkness, S., Super, C. & van Tijen, N. (2000). Individualism and the “Western Mind” reconsidered: American and Dutch Parents’ ethnotheories of the child. *New directions for Child and Adolescent Development*, 87, 23-40.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1995). Culture and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 2. Biology and ecology of parenting* (pp.211-234). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Harwood, R.L., Lamb, M. E., Leyendecker, B. & Schölmerich (2002). Mothers’ socialisation goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26 (3), 248-258.
- Harwood, R.L., Schölmerich, A. & Schulze, P.A. (2000). Homogeneity and heterogeneity in cultural belief systems. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 87, 41-50.
- Hollingshead, A. B. (1975). Four Factor Index of Social Status (manuscrito n publicado). Yale University, New Havens.
- Hofstede, G. (1991). *Cultures and organizations: Software of the mind*. London: McGraw – Hill.
- Hrdy, S. B. (2001). *Mãe natureza: uma visão feminina da evolução: maternidade, filhos e seleção natural*. (A.Cabral, trad). Rio de Janeiro: Campus.

- Kagitçibasi, C. (1997). Individualism and Collectivism. In J.W. Berry, M.H. Segall & C. Kagitçibasi (Orgs.), *Handbook of Cross-Cultural Psychology*, vol.3, Social Behavior and Applications. Boston: Allyn & Bacon.
- Keller, H. (1996) Evolutionary approaches. In: J. W. Berry, Y. H. Poortinga & J. Pandey (Eds), *Handbooks of cross-cultural psychology*, vol.1, Theory and method. (pp. 215 – 255). Boston: Allyn & Bacon.
- Kuczynski, L. (1984). Socialization Goals and Mother-child Interaction: strategies for long-term and short-term compliance. *Development Psychology*, 20 (6), 1061-1073.
- Lightfoot, C. & Valsiner, J. (1992). Parental beliefs under the influence: social guidance of the construction of personal cultures. In: I. E. Sigel, A.V. McGillicuddy DeLisi e J. J. Goodnow (Eds.). *Parental Belief Systems: The Psychological Consequences for Children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Lordelo, E. R. & Carvalho, A. M. A. (2002). Infância brasileira e contextos de desenvolvimento: concluindo. In E. R. Lordelo, A. M.A. Carvalho e S. H. Koller (orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo/EDUFBA.
- Lordelo, E. R. & Carvalho, A.M.A. (2002). "Agora vá com, a tia que a mamãe vem mais tarde": Creche como contexto brasileiro de desenvolvimento. In E. R. Lordelo, A. M.A. Carvalho e S.H. Koller (orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo/EDUFBA.
- Lordelo, E.,R., Fonseca, A.,L. & Araújo, M., L.,V.B. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 73-8.
- McGillicuddy-DeLisi, A .V. & Subramanian, S. (1996). How do children develop knowledge? Beliefs of Tanzanian and american Mothers. In *Parent's Cultural Belief Systems. Their origins, expressions and consequences*. Edited by Sara Harkness e Charles M. Super. Ed. Guilford. New York: London.

- McGillicuddy-DeLisi, A. V. (1992). Parents' beliefs and children's personal-social development. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-DeLisi, J. J. Goodnow (Eds.), *Parental Belief Systems. The Psychological consequences for children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Miller, J.G. (2002). Bringing culture to basic psychological theory – beyond individualism and collectivism. Comment on Oyserman et al. (2002). *Psychological Bulletin*, Vol. 128 (1), 96-109.
- Miller, A.M. & Harwood, R.L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 25 (5), 450-457.
- New, R. S., & Richman, A. L. (1996). Maternal beliefs and infant care practices in Italy and the United States. In *Parent's Cultural Belief Systems. Their origins, expressions and consequences*. Edited by Sara Harkness e Charles M. Super. Ed. Guilford. New York: London.
- Oyserman, D., Coon, H.M & Kimmelmeier, M. (2002). Rethinking individualism and collectivism: evaluation of theoretical assumptions and meta-analyses. *Psychological Bulletin*, 128 (1), 3-72.
- Palácios, J., & Moreno, M.C. (1996) Parents' and adolescents' ideas on children. Origins and transmission of intracultural diversity. In *Parent's Cultural Belief Systems. Their origins, expressions and consequences*. Edited by Sara Harkness e Charles M. Super. Ed. Guilford. New York: London.
- Palácios, J., González, M. M., & Moreno, M.C. (1992). Stimulating the child in the Zone of Proximal Development: the role of parents' ideas. In I. E. Sigel, A.V. McGillicuddy DeLisi & J.J. Goodnow (Eds.), *Parental Belief Systems: The Psychological Consequences for Children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

- Seidl de Moura, M. L. & Pietroluongo, D. P. (2004). Ser ou não ser: metas de socialização e desenvolvimento infantil (a análise de uma revista dedicada a pais). In *Resumos, 13ª semana de iniciação científica da UERJ*, 2004, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da UERJ.
- Sigel, I. E. (1992) Introduction. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-De Lisi, J. J. Goodnow (Eds). *Parental Belief Systems. The Psychological Consequences for Children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Sigel, I. E. (1992) The belief-behavior connection: A resolvable dilemma? In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-De Lisi & J.J. Goodnow (Eds), *Parental Belief Systems. The Psychological Consequences for Children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Sigel, I. E. & In Kim, M. (1992). The answer depends on the question. A conceptual and methodological analysis of a parent belief-behavior interview regarding children's learning. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-De Lisi, J. J. Goodnow (Eds), *Parental Belief Systems. The Psychological Consequences for Children*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Suizzo, M. A. (2002). French parents' cultural models and childrearing beliefs. *International Journal of Behavior Development*, 25(5), 450-457.
- Super, C., & Harkness, S. (1986). The developmental niche: a conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of Behavioral Development*, 9, 545-569.
- Super, C., & Harkness, S. (1996). The cultural structuring of child development. In J. W. Berry, P.R. Dasen, & T.S. Saraswathi (Orgs.), *Handbook of Cross-cultural psychology, vol 2: Basic processes and human development*. (pp.1-39). Boston: Allyn & Bacon.

- Tooby, J. & Cosmides, L. (1995). The psychological foundations of culture. In J.H. Barkow, L. Cosmides & J. Tooby (eds), *The adapted Mind: evolutionary psychology and the generation of culture* (pp.19-136).New York :Oxford University Press.
- Triandis, H., C. (1989). The self and social behavior in differing cultures. *Psychological Review*, 96, 506 – 520.
- Triandis, H., C. (1994). Theoretical and methodological approaches to the study of collectivism and individualism. In: U. Kim, H. C. Triandis, Ç. Kagitçibasi, S.-C. Choi & G. Yoon (Orgs.), *Individualism and collectivism: Theory, method, and applications* (pp. 41-51). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Valsiner, J. (1989). *Human Development and Culture: The Social Nature of Personality and its study*. Massachusetts/Toronto: Lexington Books.
- Valsiner, J. (1988). Epilogue: Ontogeny of co-construction of culture within socially organized environmental settings. In J. Valsiner (Ed.), *Child development within culturally structured environments: Social co-construction and environmental guidance in development* (vol.2, pp.283-297). Norwood, NJ: Ablex.
- Youniss, J. (1992) Parent and peer relations in the emergence of cultural competence. In H. McGurk (Org.), *Childhood social development: contemporary perspectives*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

ANEXOS

ANEXO 1

Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós Graduação em Psicologia
Pesquisa: Metas, estratégias e práticas maternas na criação de filhos em
diferentes contextos sócio-econômicos

Ficha de informação sócio-demográfica

Entrevistador: _____ Data: _____

I – Identificação:

Nome do Participante _____

Endereço _____

Estado civil atual: _____

Religião: _____ local de nascimento: interior capital

II – Dados da Família:

Mãe:

a) Idade (anos completos) _____

b) Escolaridade (em anos) _____

Nunca foi à escola Até a quarta série Quinta à oitava série

Segundo grau incompleto Segundo grau completo Superior
incompleto

Superior completo pós graduação

c) Trabalha: sim não

Profissão _____ Ocupação atual _____

Carga horária _____ Renda pessoal em SM _____

Natureza: eventual; autônomo; fixo; carteira assinada

Pai:

a) Idade (anos completos) _____

b) Escolaridade (em anos) _____

- Nunca foi à escola Até a quarta série Quinta à oitava série
 Segundo grau incompleto Segundo grau completo Superior
incompleto
 Superior completo pós graduação

c) Trabalha: sim não

Profissão _____ Ocupação atual _____

Carga horária _____ Renda pessoal em SM _____

Natureza: eventual; autônomo; fixo; carteira assinada

Renda familiar em SM _____

Nº de Filhos _____

| Nome do filho | Idade atual | Gênero | Mora com pais | Mora com avós | Mora com avós e mãe | Mora com avós e pais |
|---------------|-------------|--------|---------------|---------------|---------------------|----------------------|
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

ANEXO 2

Roteiro de entrevista sobre metas de socialização

- 1- Quais as qualidades positivas que a senhora gostaria que seu filho tivesse quando adulto?
- 2- Quais as qualidades negativas que a senhora não gostaria que seu filho tivesse quando adulto?
- 3- A senhora poderia descrever crianças que possuem essas qualidades positivas?
- 4- A senhora poderia descrever crianças que possuem essas qualidades negativas?
- 5- O que a senhora acha que é necessário para que o seu filho (a) possa desenvolver essas qualidades?
- 6- O que acha que é preciso a senhora fazer para conseguir isso (seu papel)?



ANEXO 3
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
PROJETO DE PESQUISA: METAS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS MATERNAS NA
CRIAÇÃO DE FILHOS EM DIFERENTES CONTEXTOS SÓCIOECONÔMICOS

PESQUISADORA: MARIA VITÓRIA DE CARVALHO MOINHOS

INVENTÁRIO DE PRÁTICAS E CRENÇAS MATERNAS

Nome da mãe: _____ Data: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Estado civil: _____

Nome da criança: _____ Data de Nascimento: _____

Escolaridade _____

Leia cada item a seguir e avalie o quanto cada prática pode ser importante escolhendo uma das seguintes respostas:

| Não concordo | Não é importante | É pouco importante | É razoavelmente Importante | É muito importante | É extremamente Importante |
|--------------|------------------|--------------------|----------------------------|--------------------|---------------------------|
| 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

| ITENS | RESPOSTAS |
|---|-------------|
| 1. Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes. | 0 1 2 3 4 5 |
| 2. Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais. | 0 1 2 3 4 5 |
| 3. Deixar o bebê brincar com outros da mesma idade. | 0 1 2 3 4 5 |
| 4. Chamar a atenção do bebê para objetos. | 0 1 2 3 4 5 |
| 5. Estimular a criança a desenvolver suas preferências. | 0 1 2 3 4 5 |
| 6. Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras. | 0 1 2 3 4 5 |
| 7. Estimular a criança a brincar em grupo. | 0 1 2 3 4 5 |
| 8. Estimular a criança a brincar sozinha. | 0 1 2 3 4 5 |
| 9. Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar). | 0 1 2 3 4 5 |
| 10. Chamar a atenção do bebê para pessoas. | 0 1 2 3 4 5 |
| 11. Ler histórias para a criança. | 0 1 2 3 4 5 |
| 12. Conversar bastante com a criança. | 0 1 2 3 4 5 |
| 13. Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com o bebê. | 0 1 2 3 4 5 |

| | |
|--|-------------|
| 14. Fazer com que a criança prove diferentes alimentos. | 0 1 2 3 4 5 |
| 15. Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas quanto de meninos. | 0 1 2 3 4 5 |
| 16. Massagear o bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 17. Não deixar que o bebê coloque coisas sujas na boca. | 0 1 2 3 4 5 |
| 18. Não deixar que a criança veja os pais brigando. | 0 1 2 3 4 5 |
| 19. Trocar a fralda do bebê antes de colocá-lo para dormir. | 0 1 2 3 4 5 |
| 20. Colocar o bebê para dormir sempre nas mesmas horas. | 0 1 2 3 4 5 |
| 21. Não demonstrar para a criança quando se está triste. | 0 1 2 3 4 5 |
| 22. Dar banho no bebê todos os dias. | 0 1 2 3 4 5 |
| 23. Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer. | 0 1 2 3 4 5 |
| 24. Ensinar a criança a se comportar em público. | 0 1 2 3 4 5 |
| 25. Preparar sopinhas para o bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 26. Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade. | 0 1 2 3 4 5 |
| 27. Amamentar o bebê no peito até seis meses | 0 1 2 3 4 5 |
| 28. Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar. | 0 1 2 3 4 5 |
| 29. Ficar bastante com o bebê no colo. | 0 1 2 3 4 5 |
| 30. Não viver apenas em função do bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 31. Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 32. Não deixar que o bebê se torne muito dependente da mãe. | 0 1 2 3 4 5 |
| 33. Ser muito tolerante com a criança. | 0 1 2 3 4 5 |
| 34. Nunca bater na criança. | 0 1 2 3 4 5 |
| 35. Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva. | 0 1 2 3 4 5 |
| 36. Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente). | 0 1 2 3 4 5 |
| 37. Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome. | 0 1 2 3 4 5 |
| 38. Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir. | 0 1 2 3 4 5 |
| 39. Ensinar a criança a não chorar em público. | 0 1 2 3 4 5 |
| 40. Deixar o bebê sozinho em casa para dar uma saída rápida por perto. | 0 1 2 3 4 5 |
| 41. Colocar a criança no piquinho assim que ela for capaz de se sentar sozinha. | 0 1 2 3 4 5 |
| 42. Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial. | 0 1 2 3 4 5 |
| 43. Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada. | 0 1 2 3 4 5 |
| 44. Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição. | 0 1 2 3 4 5 |
| 45. Deixar o bebê dormir na cama dos pais. | 0 1 2 3 4 5 |
| 46. Criar a criança com crenças religiosas. | 0 1 2 3 4 5 |
| 47. Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 48. Utilizar uma voz de criança para falar com o bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 49. Dar chupeta para o bebê. | 0 1 2 3 4 5 |
| 50. Levar a criança para comer fora de casa (lanchonetes, restaurantes, casas de outras pessoas, etc). | 0 1 2 3 4 5 |

ANEXO 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PROJETO DE PESQUISA: METAS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS MATERNAS
NA CRIAÇÃO DE FILHOS EM DIFERENTES CONTEXTOS SÓCIOECONÔMICOS.

PESQUISADORA: MARIA VITÓRIA DE CARVALHO MOINHOS

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pelo presente documento, declaro ter conhecimento das metas e dos métodos deste estudo, conduzido pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, conforme estão descritos na súmula que me foi entregue.

Estou informado(a) de que, se houver qualquer dúvida a respeito dos procedimentos que serão usados, terei total liberdade para questionar ou mesmo retirar-me desta pesquisa quando assim julgar conveniente.

Meu consentimento está fundamentado na garantia de que eu e minha família seremos respeitados em todos os sentidos, com destaque para os seguintes aspectos:

- a) O meu nome e os das pessoas da minha família não serão divulgados; todas as informações individuais têm caráter confidencial; a apresentação de resultados em congressos e artigos científicos utilizará apenas os dados de grupos, de modo a não permitir a identificação individual dos participantes;
- b) A aplicação das entrevistas será programada de acordo com a minha conveniência e da minha família, devendo ocorrer em horários que não prejudiquem os nossos interesses e rotinas;

c) Os pesquisadores estão obrigados a me fornecer, quando solicitados, as informações coletadas sobre mim e sobre a minha família.

Autorizo a nossa participação, a minha e a da minha família neste estudo, assim como eventual utilização de imagens coletadas para fins desta pesquisa.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a mestranda Maria Vitória de Carvalho Moinhos que poderá ser contatada pelos telefones: 71 – 345 7164 ou 71 - 9981 7968.

Salvador de de 200....

Nome: _____

Assinatura: _____

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)